

as comemorações do centenário

# obra poética

e  
antónio fogaça

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS







**António Fogaça**  
(1863-1888)

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
GRÁFICAS DA COMPANHIA EDITORA  
— DO MINHO — BARCELOS —

ANTÓNIO FOGAÇA

*VERSOS DA MOCIDADE*

E

*POESIAS DISPERSAS*

---

*AS COMEMORAÇÕES  
DO CENTENÁRIO*

C. M. B.  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

BARCELOS

N.º 26807

EDIÇÃO  
DA

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

*Barcelos*

*1911*

58807



## Razão deste livro

*Tendo ocorrido, em Maio do ano findo, a passagem do centenário do nascimento de um notável barcelense, o Poeta António Maria Gomes Fogaça, autor de valiosa obra literária, entendeu a Câmara Municipal de Barcelos que devia levar a efeito, como, na verdade, o fez, alguns actos officiais que testemunhassem o apreço desta Terra pelo seu illustre filho e ficassem atestando, para o futuro, uma ocorrência que não devia ficar esquecida.*

*Assim pensando e deliberando, o Município barcelense deu realização aos actos comemorativos que vão relatados neste volume, chamando a si a colaboração de certo número de individualidades — os escritores José Osório de Oliveira, Amândio César e Miranda de Andrade —, a quem manifesta publicamente o seu reconhecimento.*

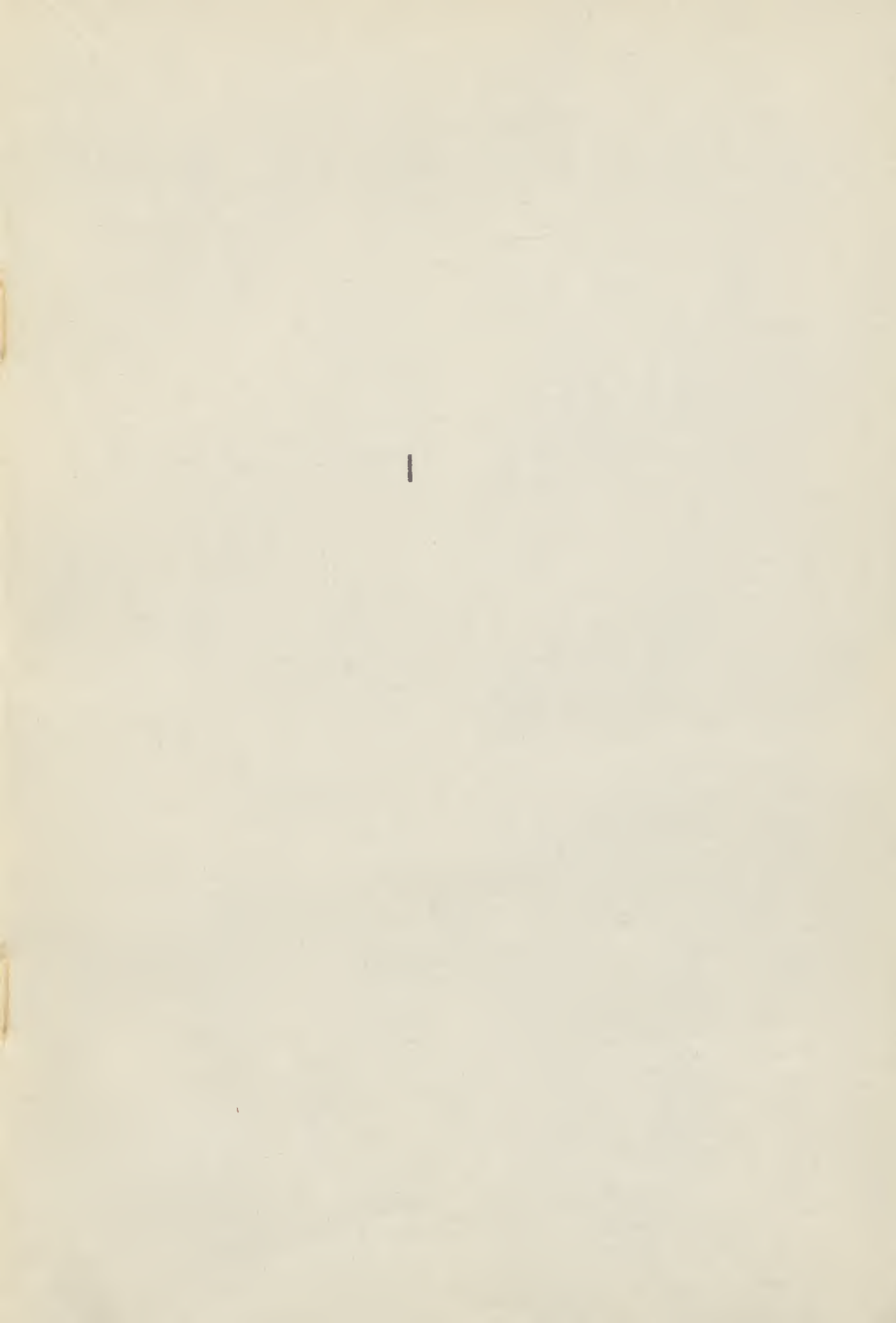
*No decorrer dessas comemorações, foi constantemente solicitada à Câmara Municipal de Barcelos, quer por determinadas personalidades responsáveis quer pela imprensa local e*

*diária, uma reedição da obra «Versos da Mocidade», do Poeta homenageado, a qual se encontra há muito esgotada. Acolhendo com prazer os insistentes apelos que lhe foram dirigidos, a Edilidade barcelense tomou a decisão de promover aquela reedição e, ao mesmo tempo, organizar um Livro do Centenário do Poeta António Fogaça, que, além dos seus «Versos da Mocidade» e de todas as poesias dispersas que fosse possível encontrar, incluisse os discursos pronunciados nas celebrações efectuadas e a magistral conferência do ilustre Crítico literário José Osório de Oliveira, proferida no Salão Nobre dos Paços do Concelho, na noite de 30 de Novembro do último ano.*

*Como resultado dessa resolução, aqui se apresenta hoje o referido Livro, cuja publicação julga esta Câmara ser do maior interesse para a valorização cultural da nobre Terra Barcelense.*

Maio de 1964.

A CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS





# Vida e Poesia

de

António Fogaça

No ano de 1887, surgiu nas livrarias do País um volume de poesias que causou sensação nos meios literários portugueses. Tinha um título atraente e simpático: «Versos da Mocidade». Era seu autor um jovem estudante de Coimbra, cujo nome já não era desconhecido não só de quantos frequentavam nesse tempo a Universidade como daqueles que se dedicavam ao cultivo das Letras ou por elas tinham interesse e lhes consagravam curiosa atenção.

Com efeito, António Fogaça era já um poeta muito apreciado e admirado no meio escolar coimbrão, em cujos jornais académicos publicara diversas composições poéticas, e noutros meios intelectuais, aonde não poderia deixar de chegar certa imprensa que acolhera as primícias do seu talento lírico, principalmente o semanário barcelense *Aurora do Cávado*, redigido pelo bibliógrafo Rodrigo Veloso, de larga nomeada, e a *Ilustração Portuguesa*, de Lisboa.

Com razão foi o livro entusiásticamente recebido pela crítica, e com justiça foi António Fogaça saudado como lírico de muito merecimento. O que se diz de

Junqueiro acerca da admiração geral causada pelos «Versos da Mocidade» é eloquente. Conta-se que o autor dos «Simples» chegava a trazer nos bolsos um exemplar dos «Versos» de Fogaça para dele fazer aos amigos leituras entusiásticas, em especial das «Orações do Amor», que sobremaneira apreciava.

Não se enganou Junqueiro. Essa primeira parte do livro, constituída por quarenta formosas «Orações», é, realmente, a mais bela dos «Versos da Mocidade», a mais original, aquela em que, ressaltando sempre uma individualidade bem acentuada e iniludível, se surpreende um espírito poético com afinidades com o João de Deus do «Campo de Flores», o Heine do «Intermezzo» e o Campoamor das «Doloras». Está nela o romântico, como o parnasiano se encontra, de preferência, nos sonetos e nalgumas produções da segunda parte do livro — «Mágoa e Risos» —, muitas das quais são ainda românticas pelo tom íntimo, pela funda subjectividade, pela eloquência nimbada de idealismo. Mas noutras há algo que já sugere Baudelaire e Coppée. Não se esquecem, uma vez lidas, *A Mulher-Estátua*, *Eterno Amor*, *Fantasia Nostálgica*, como não se esquecem quase todas as «Orações do Amor», produto da sensibilidade e da imaginação, e alguns preciosos sonetos, como os intitulados *Rouxinóis*, *Na Volta da Pesca*, *Tela Rústica*.

No fundo, os «Versos da Mocidade» são um livro da Mulher, mais um hinário feminino, composto em bela linguagem artística pelo coração e pela inteligência de um moço poeta de vinte e poucos anos, que não podia deixar de estar dominado pelo que parti-

cularmente sentem os jovens da sua idade e do seu talento: o amor e a poesia. Além destes sentimentos, outro, e bem afinado, havia em Fogaça: — o da forma, em que soube verter os movimentos do seu coração e os seus arrebatamentos poéticos. Sem dúvida, é das coisas mais gratas do seu lirismo essa forma extremamente musical, harmoniosa, fluente, em que moldou os seus versos, ora voluptuosos ora tristes, mas sempre belos.

\*

Quem era, porém, e donde era esse moço estudante de Coimbra, autor do livro «Versos da Mocidade», que tão grande êxito obteve num País onde tantos livros de versos se publicaram e publicam numa concorrência e exuberância a que fatalmente a Natureza nos forçou? António Maria Gomes Fogaça nasceu em Barcelos, na freguesia suburbana de São Martinho (Vila Frescaíña), a 11 de Maio de 1863. Foram seus pais um médico e uma aristocrata: o Dr. Martinho António Gomes de Araújo, barcelense, e Dona Maria José do Carmo Machado de Miranda Fogaça, natural da Ilha de S. Miguel (Açores), mas pertencente a uma família que tinha o seu solar brasonado em Esposende, hoje desaparecido.

Depois de estudar as primeiras letras na sua terra natal, — verdejante canteiro do grande jardim do Minho—, António Fogaça foi enviado para Braga, em 1878, com o fim de cursar preparatórios liceais no Colégio do Espírito Santo. A morte do Pai, no ano

seguinte, fê-lo interromper os estudos e, embora muito jovem, entrou na Conservatória de Barcelos para nela trabalhar como simples amanuense. Mas já então o juvenil funcionário sentia dentro de si o borbulhar da poesia, porque os seus primeiros versos datam dos 15 anos. Afirmou Rodrigo Veloso (1) que o moço amanuense era um ser pouco comunicativo, muito ensimesmado, um «introvertido», como hoje se diria. Por isso, aprazíveis se lhe tornavam os seus longos e solitários passeios pelas amenas ribas do Cávado, cuja doçura idílica e belezas entraram para sempre na sua alma que, ferida pala morte recente do Pai, apetecia apenas o isolamento e o diálogo com as coisas simples da Natureza.

Em 1880, partiu com a família para Coimbra, onde sua Mãe desejava assegurar uma excelente educação a seus filhos e filhas. Fogaça estuda então com afinco os preparatórios liceais, pois pretende entrar na Universidade para alcançar a formatura em Direito. Há uma curiosa carta dele para Trindade Coelho em que se queixa, com alguma graça, da sua dificuldade natural em penetrar na compreensão de certos assuntos de Geometria. Sentindo em si uma decidida vocação para as letras e não para as ciências matemáticas, desabafa com o seu grande amigo: «A Geometria é um suplício... Pois não estou eu aqui, há duas horas, com uma raça de triângulos?... Triângulos mesmo de desesperar, triângulos em que a

---

(1) Em *Barcelos-Revista* (2.º vol.) — 1910.



minha estupidez piramidalmente geométrica não mete uma pequena unhada.» (1)

Vencidas, no entanto, as dificuldades e os trabalhos com grande força de vontade, António Fogaça matricula-se, em 1885, no 1.º ano do Curso de Direito. Já não eram ignorados o seu nome e a sua pessoa no meio universitário. Referindo o numeroso grupo de rapazes distintos que frequentavam o «Anda à roda», — loja da Baixa onde se reuniam para «beber cerveja, dizer versos e comer bacalhau cru» —, Trindade Coelho, no seu delicioso livro de memórias de Coimbra «In Illo Tempore», inclui o nome do nosso Poeta, «que ainda então era caloiro». Não entrara ainda na Universidade, mas o seu nome já se impusera aos melhores espíritos que os estudos superiores trouxeram nesse tempo a Coimbra: Eugénio de Castro, Antero de Figueiredo, Alberto Osório de Castro, Trindade Coelho, António Feijó, Luís de Magalhães, Alfredo da Cunha, Manuel da Silva Gaio, Alberto de Oliveira, Sanches da Gama, Cunha e Costa, etc.

Além da sua mocidade irradiante de simpatia, além da bondade do seu coração, o que impôs Fogaça aos seus contemporâneos foi o seu talento literário, o seu dom de poetar com arte e elevação. Se, por um lado, levava de vencida, com regularidade e aproveitamento, os seus estudos, não deixava, por outro, de render ardente culto às Musas e, também, de fazer

---

(1) Deu-nos, amavelmente, conhecimento desta carta uma distinta pessoa da família de Trindade Coelho.

a sua boémia com companheiros queridos, que não dispensavam, naquela Coimbra da Alta, enluarada e romântica, ceias e guitarradas, serenatas e passeios nocturnos. Com frequência, lhe pediam versos. A letra do Hino da Tuna era sua. Nas festas académicas, recitavam-se versos seus.

Com o seu companheiro Machado de Almeida, chegou a escrever uma revista de cenas contemporâneas, subordinada ao pitoresco e expressivo título de *SS e RR, carapuças de chalaça*, a qual foi representada com pleno êxito, conforme se infere da leitura de uma publicação da época que, aludindo ao facto, considerou os seus autores «dois moços de talento que o público teve ocasião de aplaudir». (1)

Amiudadas vezes, via-se o seu nome subscrevendo formosas composições líricas em jornais de Coimbra, como a *Imprensa* (fundado pelo grupo do «Anda à roda»), na *Aurora do Cávado* (redigido principalmente, como dissemos, pelo erudito crítico e jurisconsulto Rodrigo Veloso) e em publicações do Porto cujo nome se ignora. De 1885 a 1887, António Fogaça é um assíduo colaborador da *Ilustração Portuguesa*, revista lisbonense, de larga expansão em Portugal, que se ufanava de possuir a colaboração de nomes já célebres na literatura portuguesa — Antero de Quental, Guerra Junqueiro, João Penha, Gonçalves Crespo, Tomás Ri-

---

(1) Em «A Academia de Coimbra», n.º 10, de 15-5-1886.

beiro, Camilo Castelo Branco, Guilherme Braga —, e onde começavam já a aparecer os jovens poetas e escritores da sua brilhantíssima geração: Eugénio de Castro, António Nobre, Alberto Osório de Castro, António Feijó, Luís de Magalhães, Alberto de Oliveira, Joaquim de Araújo, Acácio de Paiva e outros.

O apreço em que eram tidos os seus versos ressalta de uma graciosa frase que se atribuiu ao mais artista poeta do seu tempo, Eugénio de Castro: «As duas melhores coisas de Barcelos são as laranjinhas de doce e os versos de António Fogaça»...

António Nobre, que já o tinha homenageado, em 1885, numa elegia que veio a sair no «Só», com o título de *Ca(ro) Da(ta) Ver(mibus)*, exprimiu, numa carta dirigida a Augusto de Castro, a alta admiração e a estima que sentia pelo seu companheiro amado. Desprezando os poetas de Coimbra do seu tempo, o autor do «Só» fez uma excepção: António Fogaça, porque esse — afirmou ele nessa carta — «tem talento e alma». (1) E, confessando o ascendente espiritual que Fogaça chegou a exercer sobre a sua vida, embora passageiramente, porque logo falecido, declarou: «Ele era o único espírito claro e guiador que poderia alumiar a minha estrada de bacharel». (1)

Quantas vezes os seus amigos e condiscípulos o vinham surpreender no seu quarto da Couraça de Lisboa, onde a família se instalara, — precisa-

---

(1) Ribeiro Couto — «A Mensagem do Lusíada António Nobre» (pág. 45-46); Alexandrino Brochado — «Dimensão Espiritual de um Poeta» (pág. 64-65).

mente a rua onde tinham vivido a sua vida de estudantes e de boémios, havia alguns anos apenas, João Penha e Gonçalves Crespo, dois poetas também admirados pelo autor dos «Versos da Mocidade»! Aí deparavam com ele, deitado, a fumar, sonhando, divagando, possivelmente rendilhando os seus versos, buscando alguma rima ou perseguindo alguma fugitiva imagem, uma daquelas felicíssimas e preciosas imagens com que soube esmaltar as suas composições e traduzir, através de singulares metáforas, o seu elevado pensamento poético. Interrompido no seu sonho ou no seu devaneio lírico, ele vinha conversar logo, com a sua voz rouca e franca, a sua cabeleira negra e encaracolada, o seu nariz aquilino, o seu belo e simpático riso...

Para todos, António Fogaça realizava o tipo superior do estudante de Coimbra, com o seu temperamento de sonhador, boémio e poeta. A família adorava-o. Os amigos, cujo convívio procurava, amavam-no. E citem-se os mais íntimos: Trindade Coelho, Alberto Osório de Castro, António Homem de Melo (o célebre Toy), Silvestre Falcão, Santos Melo, Francisco Bastos, Alberto de Oliveira, Sá Fernandes, José Beleza e Joaquim Álvares da Silva.

Mas, jovem e poeta, quem foi o ser feminino que lhe fez bater de amor o coração? Quem seria a mulher que apaixonadamente amou? Não se lhe conheceu nenhum amor profundo, ao certo, embora pessoas de família tenham tido conhecimento de alguém — uma muito jovem menina de Coimbra — que ele amou com paixão. Paixão passageira seria, como

outras que experimentou e cujas inspiradoras parece ter indicado por meio de letras iniciais que encimam as suas composições. Seria algum amor platónico que ele exprimiu, como frequentemente o fazia, à maneira petrarqueana.

Não foi sempre uma vida de prazer e alegrias a de António Fogaça, típico poeta coimbrão, tantas vezes seduzido e dominado pelos encantos e volúpia da Vida. Por diversas vezes, a Dor lhe bateu à porta e o feriu profundamente. Depois da morte do pai em Barcelos, faleceram-lhe em Coimbra, em 1882, o irmão João Carlos (que recordou, dois anos mais tarde, em longa poesia, publicada em folhetim num jornal de título ignorado) e a irmã Maria dos Prazeres, em 1886, que também evocou em extraordinário soneto que se conservou inédito até o recolhermos no livro que lhe consagramos <sup>(1)</sup> e, hoje, vê de novo a luz da publicidade neste volume.

O Destino, porém, quis que ele desfrutasse, antes de morrer, uma das maiores alegrias, se não a maior: a publicação do seu livro, dessas cem produções poéticas que seleccionara e formam os «Versos da Mocidade», — título sugestivo e significativo, capaz de despertar na alma de todo o jovem e não jovem um movimento de entusiasmo e ecos da mais viva simpatia. Aparecido em Coimbra (foi impresso, no ano de 1887, na Tipografia Silva dessa cidade), ele constituiu uma certeza e uma esperança: certeza

---

(1) «O Poeta António Fogaça» (1949).

de que alguém surgira para as Letras Portuguesas; esperança de que o autor das «Orações do Amor», — essa colectânea de poesia verdadeiramente ímpar na literatura nacional —, viria, de futuro, a superiorizar-se, a subir mais alto, a marcar um lugar cimeiro entre a plêiade ilustre dos líricos do seu tempo.

No entanto, o mesmo Destino, tantas vezes caprichoso e inconsequente, não permitiu que tal sucedesse. Por aqueles anos, grassava em Coimbra uma epidemia de tifo e António Fogaça, como aliás já acontecera a sua irmã, foi uma das vítimas. A sua robustez física ainda o levou a resistir durante trinta e três dias. Por fim, sempre assistido pela família e cercado de amigos, o Poeta sucumbiu. Naquela triste tarde do dia 27 de Novembro de 1888, com apenas 25 anos de idade, apagou-se a vida do lírico barcelense, que foi poeta até ao derradeiro instante. Com os últimos suspiros safram-lhe da boca as últimas rimas improvisadas:

*O Sol era o meu amigo;  
Mas, como tanto se eleva,  
Um dia que fui consigo  
Caí, rolando na Treva.*

A consternação foi grande em Coimbra, sobretudo no meio escolar. A Academia, dolorosamente impressionada com a notícia da morte de António Fogaça, aluno do 3.º ano do Curso Jurídico, compareceu toda no cortejo fúnebre, que da casa da família do Poeta, na Couraça de Lisboa, saíra em direcção à Sé Velha,

onde se realizaram os responsos, a que assistiram também o Reitor da Universidade, Conselheiro Adriano Machado, os lentes de Direito Doutores Assis Teixeira, Dias da Silva, Lopes Praça, Frederico Laranjo e o lente de Teologia Doutor Porfírio da Silva. O corpo do Poeta, assim como o de sua falecida irmã, foi trasladado no mesmo dia para Barcelos, aonde chegou no dia seguinte, por caminho de ferro, em carruagem armada em câmara ardente, acompanhado de numeroso grupo de discípulos e amigos. Após os responsos fúnebres na igreja da Ordem Terceira, efectuou-se o enterro com largo acompanhamento de pessoas, conduzindo a chave do caixão o Dr. José Novais, então presidente da Câmara Municipal de Barcelos e futuro ministro do Reino.

\*

O *Tribuna Popular*, folha bi-semanal que se publicava então em Coimbra, assim se referiu à morte do Poeta:

«Depois de prolongado sofrimento, em que, por vezes, cintilava a esperança fugaz de umas melhoras enganadoras, faleceu ontem nesta cidade, vítima de uma febre tifóide, o distinto académico António Fogaça, o delicado autor dos «Versos da Mocidade», — primoroso cofre de admiráveis preciosidades, tão finamente buriladas, e que tanto deixavam esperar do belo talento poético do malogrado moço. Sentimos sincera-

mente a perda de uma vida tão cheia de mocidade e de aspirações radiantes e gloriosas que se transformariam em realidades. A seu irmão e conternada família enviamos a sentida expressão da nossa condolência.

As honras fúnebres ao ilustre académico foram celebradas hoje de tarde no templo da Sé Velha, sendo muito concorridas» (1).

A memória do Poeta não deixou de ser logo homenageada por diversos jornais e revistas, bem como por escritores e líricos que o conheceram pessoalmente ou através dos seus belos versos. O citado *Tribuna Popular*, no seu número de 1 de Dezembro de 1888, publicou um formoso soneto do poeta Luís Osório, transcrevendo-o do jornal lisboeta *Correio da Manhã* e precedendo essa transcrição das seguintes palavras:

«Entre as manifestações de sentimento pela prematura morte do malogrado moço e delicado poeta, que também já aqui lamentámos, destaca-se o notável soneto de um outro distinto poeta, tão nosso conhecido, Luís Osório, que, como um primor que é, não podemos deixar de oferecer aos nossos leitores, transcrevendo-o do *Correio*

---

(1) N.º de 28-11-1888.



da Manhã de ontem, onde vem publicado pela primeira vez:

*Poeta, ouve-me bem, na estância onde moras!  
O espírito da luz que te abraçou em vida  
Partiu decerto já da gleba humedecida  
Para a mansão azul das imortais auroras.*

*Poeta, ouve-me! O bem que tu deploras,  
A mãe do amor sublime, a doce estremecida,  
Há-de um dia acordar junto de ti, perdida,  
E enxugar-te, a sorrir, as lágrimas que choras.*

*Não te arrependas muito. O sono é calmo e brando.  
Que importa, se o caudal dessas visões que viste  
Rolou na grande Noite, em funerário bando?!*

*Poeta, dorme e sonha eternamente... ouviste?  
Sim! talvez, afinal, vivas melhor sonhando!...  
Olha que o despertar é bem cruel e triste!... (1)*

Em números ou páginas especiais renderam também o seu preito ao lírico barcelense a *Aurora do Minho*, (2) de Braga, e a *Gazeta do Povo* (3), de Barcelos. A *Aurora do Minho*, dirigida por Bráulio Caldas,

---

(1) Devem-se estas referências do *Tribuna Popular* a obsequiosa informação do professor e publicista Sr. Dr. Falcão Machado.

(2) N.º 80-ano II.

(3) N.º de 1-12-1888.

contemporâneo de Fogaça em Coimbra, publicou um número com seleccionada colaboração dos seguintes admiradores e amigos do vate, entre outros: João Penha, Trindade Coelho, Antero de Figueiredo, Jaime de Magalhães Lima e Rodrigo Veloso.

O admirado lírico de «Paquita», Bulhão Pato, escreveu estas palavras ao ter conhecimento da morte de Fogaça: «Brioso e gentil, a Mãe adorava-o, os condiscípulos aplaudiam-no; tinha pouco mais de 20 anos; era um poeta. Morreu ontem. Não conheci dele senão algumas notas fugitivas; mas dessas notas faiscava o talento. Fantasia, colorido, graça, naturalidade, simpleza no dizer...» (1)

A revista de Rafael Bordalo Pinheiro, intitulada *Pontos nos ii* (2), publicava, dias depois, grande retrato do Poeta, acompanhado de palavras de homenagem: «Autor dos «Versos da Mocidade», um primoroso livro, o seu nome granjeara justa fama, impondo-se como um dos mais dilectos entre os moços poetas da Academia.» «A sua morte enche de profunda tristeza não só quantos o conheciam como ainda os que lhe apreciavam já os seus gentilíssimos ensaios literários».

Também o semanário ilustrado *A Comédia Portuguesa*, de Lisboa, dirigido por Marcelino de Mesquita e do qual era redactor efectivo Fialho de Almeida, publicou em 8 de Dezembro de 1888, na primeira página, um retrato de António Fogaça e a

---

(1) Henrique Perdigão — «Dicionário Universal de Literatura», pág. 536.

(2) N.º de 6-12-1888.

sua bela poesia «O Fumo», artisticamente enquadrados por dois desenhos de Julião Machado. Na segunda página do mesmo número, escreveu possivelmente Fialho de Almeida, — dados os laços de amizade que o prendiam ao jovem poeta, que por seu turno muito admirava o autor de tão originais e belos «Contos» —, os bem significativos períodos seguintes: «Dedicamos à memória de António Fogaça, um inteligente Poeta e um amigo, falecido em Coimbra, a primeira página do nosso semanário. Diz a balada que *os mortos vão depressa*. Este pequeno testemunho permanente terá a propriedade de protestar contra esse esquecimento tão fatal como lamentável, renovando de futuro o prazer amargo da saudade.»

O grande lírico António Nobre, alguns meses depois do desaparecimento do seu querido amigo e companheiro, dedicou à sua memória as seguintes quadras escritas em Coimbra, em Março de 1889, e publicadas no seu volume póstumo «Primeiros Versos»:

— *Andas de luto pesado,  
Alva irmã das cotovias!  
Quem te morreu? O meu Amado:  
Enterrou-se, há oito dias...*

— *Mas (bem sei que o mundo zomba)  
Negra irmã das violetas!  
Antes te vistas de pomba...  
— Mas também há pombas pretas?...*

Outras homenagens surgiram, depois, tanto em verso como em prosa: no *Jornal para todos*, de Coimbra (1889), com uma poesia de Joaquim de Araújo; na *Enciclopédia das Famílias* (1889), com uma produção poética de Albertina do Paraíso; na *Lágrima*, quinzenário de Barcelos (1896), com um artigo de A. F. Barata; no semanário de Lisboa *Branco e Negro* (1897), com um artigo de Vale e Sousa e gravura do poeta, — um desenho feito pelo autor.

Mas a melhor homenagem foi a que tácitamente lhe foi prestada pelo público leitor, que demonstrou claramente ter sentido e compreendido a sua poesia, pois, decorridos alguns anos, encontrava-se esgotada toda a primeira edição dos «Versos da Mocidade». Em boa hora se tratou da segunda, e foi a Livraria Moreira, do Porto, quem se abalçou a lançá-la, em 1903, adquirindo pela quantia de trinta mil réis, entregues à família, os direitos de uma edição de mil exemplares.

Após longo espaço de tempo em que o Poeta parecia jazer em quase total esquecimento, Júlio Brandão evoca-o em brilhante artigo de fundo, saído, em 1944, no diário portuense *O Primeiro de Janeiro*, e o autor destas linhas publica, em 1949, desenvolvido estudo biográfico e crítico, intitulado, como já foi dito, «O Poeta António Fogaça». (1)

As referências à personalidade do Poeta e ao seu lirismo não cessam, feitas por indivíduos de reconhecido prestígio intelectual. O publicista e

---

(1) Edição da Livraria Cruz — Braga.

crítico portuense Carlos de Passos, na sua obra sobre o poeta Hamilton de Araújo, exprime-se deste modo:

«Sem dúvida, em António Fogaça havia um primoroso temperamento poético, de inspiração clara, espontânea e fúlgida. Nos versos publicados revelou-se como lírico de grande emotividade. Porém, lucilavam neles, por vezes, algumas impressões objectivas, diversas notas de cunho impessoal, que manifestam influência realista. Não menos bela que a inspiração foi a forma com que a engalanou, já pela variedade métrica e rítmica, já pelo valor metafórico, distinto pela originalidade, viveza e opulência.» (1)

Urbano Tavares Rodrigues, escritor e crítico contemporâneo, emite o seguinte juízo, que é uma curiosa síntese do valor da obra e da poesia de Fogaça:

«Romântico de costela realista, deixou uma obra poética promissora, assinalável pela sua qualidade metafórica e pela sensibilidade plástica que revela, com notações objectivas firmemente contornadas a par de arrebatados surtos líricos. O maior interesse da poesia de Fogaça, curiosa de resto sob o ângulo da prosódia, reside na transposição das sensações amorosas em ima-

---

(1) «Hamilton de Araújo» (1943) — pág. 97.

gens originais com autonomia estética e vida própria. Assim, as formas femininas são para ele «folhas de lírio com vislumbres de ouro». Um aspecto também importante das suas imagens é a associação frequente do abstracto ao concreto.» (1)

Permita-se-nos que juntemos também a este coro de aplausos sinceros e conscientes a nossa modesta voz, reproduzindo aqui o que escrevemos ainda recentemente: (2)

«Foi António Fogaça um romântico e também um parnasiano cheio de sedução. Mas o seu romantismo é o de João de Deus, elevado e sereno, o de um cantor das delicadezas do amor; o seu parnasianismo é o de Gonçalves Crespo, com quem muitas vezes ombreia, vitoriosamente, no rigor da observação e na correcção da forma.

Apesar de transcorridos três quartos de século, a poesia de António Fogaça ainda vive, ainda encanta os espíritos e emociona as almas. Críticos contemporâneos, responsáveis e cultos, encontram na sua lírica algo que não deixam de relacionar com o lirismo de Camilo Pessanha e até de Fernando Pessoa. Com a sua poesia,

---

(1) Em «Dicionário das Literaturas Portug., Galega e Brasileira», pág. 270.

(2) Em *O Barcelense*, de 11-5-1963 (n.º comemorativo do centenário de A. Fogaça).

viverá o nome do inspirado Poeta, que, conforme já um dia escrevemos, deve considerar-se um representante desse puro veio lírico nacional que, brotando em Bernardim, ou possivelmente mais longe, passa por Rodrigues Lobo e por Gonzaga, se alarga em João de Deus e aparece em nossos dias, cantante e doce, nos versos harmoniosos de Augusto Gil.»

\*

Tais depoimentos justificam plenamente que se assegure a perenidade do lirismo de Fogaça, não permitindo que se esqueça o Poeta nem se deixe desaparecer uma obra que constitui, sem dúvida, para o seu autor e para Barcelos, autêntica glória literária.

A seguir, se reeditam os «Versos da Mocidade» e também, neste volume de homenagem ao brilhante lírico barcelense —, de cuja organização gostosamente nos encarregámos —, os dispersos que foi possível reunir após porfiada e demorada busca. Mas frutuosa, porque ainda se encontraram, quanto a produções dispersas, trinta e oito composições poéticas, — das quais vinte e um sonetos e sonetinhos —, quase todas dadas à publicidade, nos anos de 1883 a 1885, no semanário barcelense *Aurora do Cávado*, e na revista lisbonense *Ilustração Portuguesa*, onde Fogaça se contou, como dissemos, durante os anos de 1885 a 1887, entre os seus colaboradores.

Evidentemente, só se incluem neste volume aquelas poesias, — saídas nas duas publicações referidas —, que não fazem parte dos «Versos da Moci-

dade». É de presumir que Fogaça as reservasse para obras que tencionava publicar mais tarde, conforme chegou a anunciar no seu próprio livro (1.<sup>a</sup> edição), com os títulos que já escolhera: «Livro Nostálgico» e «Estrofes Boémias».

Houve a grata surpresa de alguns achados inesperados: — um conto, intitulado «A Dália», publicado sob a forma de folhetim numa das páginas da folha coimbrã *O Tribuna Popular*, de 3 de Março de 1886, e três poemas em prosa, insertos, no mesmo ano, na revista *A Academia de Coimbra*. São os únicos trabalhos em prosa que se conhecem de Fogaça, e, portanto, como coisas singulares e obras de ameníssima leitura, penetradas de romântica candidez e de nítido espírito poético, aqui se inserem as pequenas jóias, a revelarem mais uma cintilante faceta do talento literário do seu autor.

As poesias dispersas, aqui reunidas, têm o aroma romântico ou, então, o talhe marmóreo imposto pela estética parnasiana, pois foram escritas na mesma época e pelo mesmo punho, isto é, pelo mesmo poeta e pelo mesmo artista dos «Versos da Mocidade». Nelas, surgem igualmente, com uma ou outra frouxidão de linguagem, idêntica idealidade ingénuo, retratos ideais de beleza feminina, a nota irónica, a nota satírica, um sensualismo raramente exacerbado, um profundo sentir do bem e do amor, a angústia da dor ou a amargura da desilusão, — tudo o que caracteriza, na verdade, o lirismo de António Fogaça, além desse magnífico estilo poético, enobrecido por superiores qualidades expres-



sionais em que a palavra e a imagem atingem requintes que só a poucos é dado saber exprimir.

Poderiam figurar, sem desprimor, na colectânea dos «Versos da Mocidade», entre outras, as poesias dispersas que ostentam os títulos de: *Sensitivas*, com versos impressionantes pelo brilho dos conceitos e pela felicidade das comparações; *Versos Perdidos (A Vizinha)*, em formosas redondilhas que sugerem o puro lirismo de João de Deus e, até, pela referência a uma «loira e triste», o célebre soneto de António Feijó; *A uma Aristocrata*, em que o Poeta, em frase cunhada de graça e naturalidade, recorta uma atitude pessoal de ironia e desdém perante a mulher amada, — atitude que se surpreende, por vezes, na personalidade lírica de Cesário Verde; *Madrigal*, homenagem cavalheiresca a um gesto e a um olhar amados, em frase fluente e elegantíssima; *Perfis Gelados*, outra homenagem, esta, porém, a dois poetas: Alberto Malheiro, barcelense, e Gonçalves Crespo; *Flor Morta*, excelente soneto com uma novidade na sua estrutura: o 1.º verso é igual ao 8.º e o 9.º igual ao 14.º (particularidade formal que supomos absolutamente inédita e criada por Fogaça); *Saudades*, que é pela sua feliz concepção e fluidez uma nova «Oração do Amor»; *Forma Grega*, de tema helénico, soneto de autêntico parnasiano; *Dois Cadáveres*, composição constituída por dois sonetos, dos quais o primeiro é uma evocação sentida e inesquecível da memória paterna, e *Na Campa de minha Irmã*, soneto a que já nos referimos, um dos melhores, se não o melhor de todos os sonetos de António

Fogaça, e que, pela sua altura magnífica, qualquer dos grandes líricos portugueses poderia subscrever, porque só honra traria ao seu nome.

Continua Fogaça a apresentar-se nos seus Dispersos como um sonetista de real valor, quer pelo conteúdo ideológico, quer pela beleza verbal. Mas a sua veia lírica lateja em todas as outras produções, sempre aformoseando uma ideia, realçando um sentimento, vencendo magistralmente as dificuldades da metrificacão. É o mesmo vate dos «Versos da Mocidade» — uma obra em que a autenticidade da poesia não oferece dúvidas a ninguém, pois é filha da sinceridade de alma de um verdadeiro poeta.

Afirmou o escritor inglês John Middleton Murry que a poesia «é a expressão daquilo a que a alma humana responde, daquilo a que ela adere.» (1) Fundamentando-se em tal juízo de Middleton, concluiu Charles du Bos que «a literatura é o ponto de encontro de duas almas». (2) A nós tem-nos sucedido havermos muitas vezes encontrado a alma do poeta António Fogaça, ao ler, com um misto de surpresa e de delícia, os seus poemas admiráveis. E estamos convencido de que o mesmo não deixará de acontecer a quantos se debrucem, de coração aberto e simpática compreensão, sobre esse mar de sinceridade lírica que são os «Versos da Mocidade».

MIRANDA DE ANDRADE

---

(1) Em «Keats and Shakespeare» (1925).

(2) Em «O que é a Literatura?» (1961).



O POETA ANTÓNIO FOGAÇA



# *Versos da Mocidade*

*(1883 a 1887)*

1.<sup>a</sup> edição — Coimbra, 1887

2.<sup>a</sup> edição — Porto, 1903



## Prelúdio

*Abro-te, livro meu, entre os alegros  
suavíssimos da noite, sob a lua,  
num dilúvio de encantos que flutua  
pelos montes fantásticos e negros.*

*Vêm dos campos o aroma do tomilho,  
murmúrios de água, virações constantes;  
e percorrem o Azul, como diamantes,  
docemente, as estrelas com seu brilho.*

*Eu quis ler-te, ao luar, sem preconceitos,  
pelas horas da paz, antes do Sol,  
quando sonha cantando o rouxinol,  
quando os noivos se abraçam sobre os leitos.*

*Mas sinto estremecer meu coração,  
vendo em ti a minha alma alucinada,  
ora sofrendo a Mágoa pranteada,  
ora escutando o Riso na amplidão.*

*Penso vir acordar-me a serenata  
orquestrada de lágrimas e rosas,  
onde vibram estâncias luminosas  
de uma eterna canção que me arrebatava.*

*É a canção do Amor ainda disperso  
pelos céus do meu lar, os céus risonhos  
que me encheram de frêmitos e sonhos,  
quando eu era criança, junto ao berço;*

*e que ainda agora, ao longe, com saudade,  
são talvez esse oásis que procuro...  
sempre a luxir na ideia do Futuro,  
sempre a cantar na minha mocidade.*

1886.



Livro Primeiro

*Orações do Amor*



## I

Ó puríssima e bela, — alva cecém,  
minha vida e meu bem;

ó puríssima e triste, — amor sereno,  
meu bem e meu veneno;

ó puríssima e doce, — brando olhar,  
meu veneno e meu ar;

ó puríssima e santa, — alma num beijo,  
meu ar e meu desejo;

ó puríssima densa, forma o céu  
do meu desejo e o teu!...

## II

Eu não acreditava  
que simplesmente a luz dum doce olhar  
tornasse a alma uma perfeita escrava.

Contudo, ó flor sem par,  
quando ontem, passando, tu me olhaste,  
mal imaginas que no mesmo olhar  
a alma me levaste.

### III

*Não sei o que tu pensas deste amor,  
nem sequer, se um momento, um só que fosse,  
desejas dar alívio à imensa dor  
que esta paixão me trouxe...*

*É bem fundo e pesado o meu martírio  
em que a ansiedade é como um negro açoite;  
mas quem pode saber, formoso lírio,  
o que o Sol pensa da Noite?!*

### IV

*Eu desgraçado, eu triste, eu sonhador,  
vi-te, assim como a noiva estremecida,  
longe, no Azul, numa poeira de oiro...*

*E avaro desse amor,  
de desejo, de bálsamos, de vida,  
eu te abri o meu seio — o meu tesouro.*

*Quis viver para ti. Lutei. Meu pranto  
rolou junto a teus pés, noiva cruel;  
porém, tu, desprezando o meu tesouro,  
em vez de enchê-lo de perfume e encanto,  
longe, no Azul, numa poeira de oiro...  
tu o encheste de fel!...*

V

*Bateram alta noite à minha porta;  
fui abrir; e quem era?... Uma figura,  
de branco, muito aflita, semi-morta...  
e que exclamava cheia de amargura:*

*«Sonhador! Desgraçado!  
Ela nunca te amou!  
Ela expulsou-me do seu peito amado!  
Sou a tua alma, sou!...»*

VI

*Rosas, Estrelas, Náiades, Luar,  
dizei-me vós o encanto que resume  
este santo lugar  
onde eu sofro uma íntima saudade  
e sinto esta harmonia, este perfume  
e este clarão de tanta suavidade!*

*Respondem-me, a cantar,  
as Náiades, Luar, Rosas e Estrelas:  
«É que há pouco passou neste lugar  
essa que é bela e amas entre as belas.»*

VII

*Vem a meus braços, namorada Esposa,  
quero sentir, sonhando,*

*o fluido que envolve inebriando  
essas formas de rosa.*

*Da Ilusão e Desejo nasce a vida;  
mas eu quero morrer e descansar,  
e a posse, — flor querida,  
é como um dique subjugando um mar.*

## VIII

*A densa da Esperança procurou-me  
para dizer-me: «Hei-de viver contigo,  
quero falar-te dela, do seu nome  
e do teu sonho delicioso e amigo.»*

*Bendita sejas tu, — exclamei eu —,  
doce ventura a nossa...  
Mas, de súbito, a rir-se, appareceu  
a densa gentilissima da Troça.*

*Segredou-lhe e fugiram-me... De resto,  
como seguissem para a tua porta,  
tive um pressentimento tão funesto  
que a minh'alma ficou-se como morta.*

*Ó forma do desdém!  
hoje, a densa da Troça — vejo-a em ti;  
mas aquella que adoro, — o eterno bem,  
— a da Esperança, — nunca mais a vi!...*

IX

*Minh'alma dolorida perguntou-me:  
«quando me deixas, carne, adormecer?»  
— «Quando este coração já não tiver  
nem a última letra do seu nome.»*

X

*Ó rainha, ao falares,  
se o teu lábio sorri,  
da multidão os tímidos olhares  
convergem para ti.*

*E assim mesmo o sorriso, que, ao passar,  
nos bate em cheio em nossos corações,  
dá-nos tristeza, assim como o luar  
que ilumina as prisões.*

XI

*Passei na tua rua. Quase morta  
ta minha alma, — triste mocidade!  
e, nessa hora fatal, à tua porta  
eu deixei a Ansiedade.*

*Quis ver se a resgatava; esta viuvez  
oprimia de dor meu coração;  
porém, passando ali mais uma vez,  
eu deixei a Ilusão.*

*Voltei ainda. O amor dos meus vinte anos  
obrigou-me a partir; mas, nesse dia,  
vi rirem-se de mim os Desenganos,  
e eu deixei a Alegria.*

*Hoje, se por desgraça  
tenho a passar por esse chão funéreo,  
sinto medo e horror, como quem passa,  
de noite, um cemitério!...*

## XII

*Era ainda criança  
e eu já via ante mim róseos castelos  
cheios de azul, de sonhos e de esperança...*

*Mas uma vez dei fé  
que sobre aqueles aposentos belos...  
faltava não sei quê.*

*E olha, só hoje, numa vida triste,  
me lembrei que faltavam teus anelos,  
hoje, que não existe  
nem talvez sombra desses bons castelos.*

## XIII

*Ó rosas da manhã,  
confio em vós, chorando, a vós imploro  
que, se aqui aparecer a vossa irmã,  
lbe jureis quanto a adoro.*



*Mas contai-me depois  
o que disse de mim, quando eu vier  
interrogar-vos sobre a minha sorte,  
como quem vai, tremendo, sem saber,  
se encontra a vida, ou se o assombra a morte.*

#### XIV

*Cuidei que a minha sombra era a que vinha  
depois do nosso adeus junto a meus passos;  
porém — notei que havia nesses traços  
linhas suaves que eu em mim não tinha.*

*Vê como o teu amor se me insinua  
e vives no meu ser. Não era a minha  
sombra, era a tua.*

#### XV

*As vezes, se o teu riso de sarcasmo  
percorre o meu espírito, no sonho,  
passa junto de mim, cheio de pasmo,  
um espectro medonho.*

*Traja um manto de noite, extraordinário,  
com estrelas sem brilho, e o seu olhar,  
lúgubrememente vário,  
é plúmbeo e triste assim como o luar.*

*Sabes tu, negro amor,  
quem seja essa visão que por mim passa?...  
— É o espectro maldito da Desgraça...  
o fantasma da Dor!*

XVI

*Ó Serena e Bendita, ó Sonhadora!  
teu coração é um delicioso cofre,  
onde o meu ser em febre se insinua...  
    minh' alma chora,  
    minh' alma sofre,  
    minh' alma é tua!*

*Ó Santíssima e Doce, Astro dos astros!  
as minhas ilusões cantam em bando,  
sobre a nuvem da esperança, a suplicar,  
    sempre de rastros,  
    sempre sonhando,  
    sempre a ajoelhar!*

*Ó Sublime e Formosa e Estremecida!  
quer seja o teu amor vida ilusória,  
quer seja enfim o meu tormento eterno,  
    dá-me essa vida,  
    dá-me essa glória,  
    dá-me esse inferno!...*

## XVII

*Não me seduzem pérolas e oiro,  
prendas, diamantes, tudo quanto vejo;  
eu vou dizer-te, Deusas, o que desejo  
no meu tesouro.*

*Muitos dirão: pobreza singular!  
Mas olha, o meu tesouro, com franqueza,  
tudo despreza,  
tendo a firme vontade de te amar.*

## XVIII

*Uma nuvem que fugia,  
levou as sombras consigo;  
foi então que o sol amigo  
surgiu na noite sombria.*

*A nuvem — era a ilusão,  
as sombras — um mar de abrolhos,  
o sol — a luz dos teus olhos,  
a noite — o meu coração.*

## XIX

*Naquela tarde em que choravas tanto  
foi que senti com a paixão magoado  
desdobrar-se este amor, meu anjo amado,  
para enxugar teu pranto...*

*E assim foi que essa imagem, doce misto  
de tudo quanto anseia,  
se gravou neste amor, como a do Cristo  
na piedosa toalha da Judeia.*

## XX

*Imaginei que uns vultos, que choravam,  
me arrancaram do peito o coração,  
e num fêretro negro mo levavam  
num pequenino e livido caixão.*

*O cemitério branquejava ao largo  
entre os fumos da aldeia silenciosa,  
caía sobre a terra um pranto amargo  
e desmaíava a rosa...*

*Nisto, a meus olhos, vejo abrir-se o céu  
e tu apareceres... E eu disse então:  
«Vão depressa buscar meu coração,  
que ainda não morreu.»*

## XXI

*Dizem as conchas ao mar:  
«Não queiras que desça ao fundo  
quem nos deseja roubar.»*

*E as águas dizem ao mundo:  
«Olha, não mandes sondar  
o nosso abismo profundo.»*

*Como as conchas, como as águas,  
digo à minha estremecida:  
«Não queiras roubar-me a vida,  
não sondes as minhas mágoas...»*

## XXII

*Sei que empregas os dias na canseira  
de adornar um vestido de esplendores,  
que é branco e azul e matizado a flores  
de laranjeira.*

*Sei de tudo que é teu, tudo que é belo,  
e anda em volta de ti, coisas que amei;  
só do teu coração, de fogo ou gelo,  
desse não sei.*

*Vai-se acalmando a luta em que me abrasas;  
mas, enfim, se é tão pobre o meu amor!...  
Se te não custa, ao menos, dizer, flor,  
quando te casas?...*

## XXIII

*Se passas junto a mim  
triste e deliciosa,  
ao ver-te assim,  
triste meu coração se esfolha como a rosa.*

*Se passas junto a mim  
suavíssima e loira,  
ao ver-te assim,  
suavíssima luz minha existência doira.*

*Se passas junto a mim  
simples e vencedora,  
ao ver-te assim,  
simples o meu amor se ajoelha e te adora.*

#### XXIV

*Deus mandou-te dos céus, Visão querida,  
como um raio de esperança  
que me viesse suavizar a vida.*

*Deixa-me ver teus olhos rasos de água,  
teu flôreo corpo, ó tímida criança,  
e a tua alma gentil cheia de mágoa.*

*Já que tu vens de Deus,  
essas belezas quero conhecê-las,  
como se eu próprio andasse pelos céus  
entre o Azul, as Nuvens e as Estrelas.*

#### XXV

*Hei-de dar-te um palácio com mil portas,  
que encerre tudo quanto fantasiarmos:  
— rosas, volúpia, música, afeições...  
A porta mais pequena é para entrarmos,  
e são as outras para as Ilusões.*

## XXVI

*Junto a meus pés abriu-se um vulcão,  
e só de olhar aquele forno adusto,  
— ao que nos leva às vezes a ilusão! —  
estremeci de susto.*

*Vi que aparecia ao longe o teu vestido  
simples e alvinitente;  
vinhas direita a mim, mas, de repente,  
sorveu-te o abismo, sem um só gemido...*

*Contudo, aflito, do vulcão ciumento,  
minha açucena imbele,  
não hesitei um único momento,  
e sem terror precipitei-me nele.*

## XXVII

*Eu chamei o meu Sonho e a tua Esperança,  
e ao lançar-lhes a bênção deste pranto,  
dei-lhes por leito o ninho do teu seio.  
Desse conúbio santo  
foi que nasceu nosso primeiro anseio.*

## XXVIII

*Quando o mundo fantástico da sombra  
vaga na noite escura,  
sinto às vezes um peso que me assombra  
esta existência cheia de amargura.*

*Mas nisto uma Visão resplandecente,  
sempre a sorrir, como quem é feliz,  
sobre a face me beija docemente  
e diz-me assim: «Que te entristece, diz!»*

*Ó minha santa e verdadeira amiga,  
bendito coração;  
bem sei, tu não precisas que eu te diga  
quem seja a doce e matinal Visão!...*

## XXIX

*Lírio de Graça,  
misto de sonho e desejos,  
dá-me os teus beijos.*

*A vida passa...  
mas bem precisa o calor  
desse amor!*

*Rosa dos céus,  
bendita inocência calma,  
dá-me a tua alma.*

*O próprio Deus  
não existiria, flor,  
sem o amor.*



XXX

*Deparei com a Morte e interroguei-a:  
«Quando é que ao certo devo acompanhar-te?»  
Diz-me ela, sempre a caminhar na estrada:  
«Vai perguntar à tua namorada  
quando faz conta de deixar de amar-te.»*

XXXI

*Creio no que tu crês;  
por isso escuto o que essa voz me diz  
e te ajoelho assiduamente aos pés.*

*Creio no teu sorriso;  
e sinto-me, se o vejo, tão feliz,  
como junto do sonho que idealizo.*

*Creio no teu olhar;  
é ele que me rasga, glorioso,  
as mil portas do céu de par em par.*

*Creio em teu coração;  
que, enfim, é como um templo majestoso,  
onde eu adoro a própria Adoração.*

### XXXII

*Eu já fui rei num sonbo abençoado;  
todo o mundo era meu;  
e, ao sentar-me no trono constelado  
de mais brilho e mais oiro do que o céu,  
tinha-te sempre ao lado.*

*Mas acordo do sono...  
e vai depois roubaram-me esse trono;  
olho, já nada tinha,  
nem tinha o mundo, nem te via ao lado;  
e eu não chorei o trono constelado,  
chorei só a rainha!*

### XXXIII

*Sou teu... Tu me embriagas como o vinho.  
Enfim, só posso amar quanto quizeres;  
se até sinto que todas as mulheres  
desejam arrancar-me ao teu carinho...*

*E sabes tu porquê, pomba do céu?  
É que ao doce expandir desta paixão  
não pulsa em mim o próprio coração,  
pulsa o teu!*

### XXXIV

*Sonhava, mas de súbito uma Estrela  
caiu-me sobre o leito*

e disse: «A minha luz imensa e bela  
vem aclarar as sombras do teu peito.»

Mal podendo fitar brilhos do céu,  
eu respondi-lhe então  
— ou, na verdade, até quem respondeu  
foi meu cansado e triste coração:

«Volta ao seio do Azul, formosa Estrela,  
eu te agradeço a luz e o teu sorriso,  
bem vêes que sobre a terra não preciso  
mais que dos olhos dela.»

### XXXV

Meu coração, um mar convulsionado  
por tudo quanto um doido amor padece,  
nunca se esquece  
do que sofreu nas trevas ignorado.

Mas, há dias, banhou-me o teu olhar,  
e tanto bem me trouxe ao coração  
que desde então  
sumiu-se a treva e serenou-se o mar.

### XXXVI

Penso às vezes que escuto uma harmonia  
tão formosa, tão doce, tão suave,  
como um cântico de ave,  
longe, nas selvas, ao romper do dia.

*E fico-me a cismar :  
donde virão à minha soledade,  
com tanto amor, com tanta suavidade,  
essas notas sem par?!*

*Ó graciosa ilusão dos meus desejos,  
cofre da minha esperança,  
essa harmonia é apenas a lembrança  
da música bendita dos teus beijos.*

### XXXVII

*Uma noite na relva perfumada  
do meu jardim fui-me deitar tristonho.  
Talvez sonhando, eu cria que era sonho  
tua imensa beleza, ó minha amada!*

*Enquanto, vendo os astros que brilhavam,  
cismava, a sós, na mágoa inconsciente,  
percebi que, a meu lado, tristemente,  
brandas vozes falavam.*

*Voltei-me... Eram as Rosas; não me viam...  
mas, surpreso, escutando, vi que entre elas  
se falava em teu rosto. Assim diziam  
essas Rosas tão belas:*

*«Se o Céu havia de criá-la, e enfim  
vir mostrar-nos depois a sua face,  
antes nunca criasse este jardim,  
antes não nos criasse!»*

### XXXVIII

«Disseste-me que adoras essa estrela,  
— notou-me alguém —, no entanto ainda não vi  
que ansioso e sempre procurasses vê-la.»

Porém, eu respondi:

«Deus não se vê, mas sente-se... E então,  
como é Deus para mim essa mulher,  
não preciso de a ver,  
sinto-a no coração.»

### XXXIX

Sorrreste-me, — não era de costume...  
E alegre e alucinado,  
pensei enfim no dia do noivado  
que é cheio de beleza e de perfume.

Pensei naquele amor que nos abrasa,  
na alvura do teu peito,  
no sonho, no prazer, no nosso leito,  
no que havia de ter a nossa casa.

Vê tu que paraíso  
num teu simples sorriso!

1884.

XL

\*  
\*  
\*

*A ti, mulher suave,  
alma ingénua de lírio,  
seio alvíssimo de ave;  
amor santo, benéfico, insuspeito,  
que foste no passado o meu martírio,  
mas que és hoje a alegria deste peito  
onde vibram num só dois corações;  
a ti, branca Visão, com quem me deito  
e com quem me alevanto,  
a ti, que em riso converteste o pranto,  
eu consagro estas simples orações.*

1885.

*J'ai fini et mon coeur n'a pas fini!*

MICHELET.

Livro Segundo

*Mágoa e Risos*

*A minha Mãe*

*A meus Irmãos*





PRIMEIRA PARTE



## EM DEFESA

*Disseram-me que eu sou alucinado e triste,  
que a febre que subjuga e uma dor que persiste,  
violenta, a dominar meu sonho angustiado,  
é tudo quanto deixo em versos espalhado;  
que tenho dentro em mim um cemitério imenso  
onde as ondas cruéis de um nevoeiro intenso  
não deixam que me aqueça um raio só de luz;  
que à minha cabeceira eleva-se uma cruz  
como nos mausoléus; e que, se alguma vez  
desejo colorir a imensa palidez  
que estaca fielmente em tudo quanto escrevo,  
se descobre a traição no mórbido relevo  
das mágoas que a tristeza à pena me transporta...  
Pois minh'alma estará sem brilhos, quase morta?  
Pois terei de enterrar, assim como quem lança  
diamantes à cova, a flor da minha esperança?!  
Direi em breve tempo ao coração: perece!...  
São horas de entoar a derradeira prece?!  
Farei da mocidade um quadro degradante?!*

*Não pode ser! Eu sinto a pérola brilhante  
da Alegria — a rolar dentro do coração.  
Não desprezei ainda a glorificação*

de ter junto dos meus os olhos que desejo.  
Nunca senti ninguém trair-me no seu beijo.  
Não sou dos que na luz andam na retaguarda,  
nem visto ao pensamento a respeitosa farda  
que acompanha, em silêncio, os carros funerários.  
Os meus olhos não são uns húmidos sudários  
reflectindo ao luar as lâminas fatais...

Não tenho por costume ir ver os hospitais  
quando é clara a manhã no decorrer de Maio.  
Nunca para sorrir necessitei de ensaio.  
Não procuro da Mágoa a origem mais sombria,  
nem a Dor me venceu, nem faço a apologia  
da Lágrima que rompe, a fundo, nas paixões.  
Pois que, para esquecer as pálidas Visões  
que arrastam pelo Azul o espírito doente,  
como um barco sem luz num lago resplendente,  
ou para ambicionar os ideais mais belos;  
para vermos a Musa envolver nos cabelos  
grinaldas e festões com diamantes e prata,  
sorrindo, a dominar, num olhar que arrebatava;  
para expelir do Sonho as névoas da amargura:  
para antever, sem luta, a própria sepultura,  
o tenebroso, o abismo, o vago, os desenganos,

basta encarar o Sol e ter feitos vinte anos.

Porém, como não há clarões continuamente,  
embora, pelo Azul, em flâmulas rebente  
a aurora, no esbater dos lumes multicores,  
como também existe inverno para as flores,  
como nem sempre é clara a face do alabastro,

*nem vemos esplendor, nem reflexo, nem astro,  
que não traga consigo a franja da penumbra,  
como um branco horizonte ao pôr do sol se obumbra,  
a min' alma também, num íntimo gemido,  
descobre, a seu pesar, um ponto denegrado  
na harmonia da luz que lhe palpita dentro...*

*É assim que, alguma vez, as lágrimas concentro  
na vida, se o chorar me aflui ao coração.*

*Pode um verso ser triste e hilariante a Canção!...*

## O FRADE

A Machado de Almeida

*Este santo que passa, — salvo seja —,  
que em tempos fora um D. João tunante,  
e tinha uma abadessa por amante,  
e tratava de resto a sua igreja;*

*que outrora fez satânicos papéis,  
com ciúme das belas desposadas,  
e era encontrado à flor das madrugadas,  
ou saindo da adega ou dos bordéis;*

*homem de frases espirituosas,  
retalhadas à foice do epigrama,  
que se banhava ao levantar da cama  
numa essência caríssima de rosas;*

*ele — que fez a inveja dos janotas  
e foi sempre um risonbo perdulário  
e era um cínico, um ponto extraordinário,  
esperado com ânsia nas batotas;*

*ele, o sadio, o amado das donzelas,  
que encerrava na alma as sete cores  
quando as levava a um leito de esplendores  
e lhes narrava as noites de Odivelas;*

*o mesmo que, ao sentir, cioso e bruto,  
duma criança um beijo inconsciente,  
mordia os lábios gloriosamente,  
como um gaiato que apetece um fruto;*

*tipo boêmio, frade sem clemência,  
padre sem missa e sem dobrar o joelho,  
este grande maroto, estando velho,  
vem agora falar-me de consciência...*

*Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes;  
foi por isso, talvez, que o velho exangue,  
sentindo a idade a resfriar-lhe o sangue,  
abandonasse as freiras e os ciúmes.*

*Porém, — torpe velhice a deste infame,  
que às veneras que vende em seu proveito,  
sem remorso, sem honra e sem respeito,  
anda fazendo com sermões — reclame.*

*Têm elas seus efeitos sempiternos...  
E diz ele que usando-as ao pescoço,  
e rezando-se ao dia um padre-nosso,  
livram todas as almas dos Infernos.*

\*  
\*   \*  
\*

*Enquanto passa, as rudes multidões,  
como o vêem assim velho e curvado,  
descrevem-lhe que a nódoa do pecado  
lhes enegrece a flor dos corações.*

*Mas o frade a sorrir, sondando a mágoa,  
dá-lhes conselho e penitência, à bruta,  
e vende àquela gente que desfruta,  
para a limpeza, seis garrafas de água...*

*Ainda tem outro ofício muito à mão  
— o da bula das carnes e dos peixes;  
porque a Alma sem ela — que escabeches! —  
fica avinhada numa excomunhão!...*

\*  
\*   \*  
\*

*Tão corcunda que é, nem olha os céus;  
para, recua, precavendo assombros,  
bem como se levasse sobre os ombros  
dum lado o Diabo, do outro lado — Deus.*



## SEIS ANOS

*Beleza em miniatura!  
Decerto não há rosa,  
que tenha mais frescura  
e seja tão mimosa...*

*Ao vê-la fica a gente  
sofrendo um certo enleio...  
Que talhe surpreendente!  
Que pequenino seio!*

*Filhita, se tu vais  
crescendo assim, então...  
que sonhos de ventura!...*

*Então... nem digo mais,  
Silva do coração,  
Beleza em miniatura!...*

## MADRIGAL PROFANO

*Adoro-te. Por ti meu coração magoado  
é o escravo fatal dos íntimos pesares.  
Eu bem sei que nem sou, nem hei-de ser amado  
no teu reino, que excede, ó Deusa do pecado,  
toda a grandeza e a alma atlética dos Mares!*

*Mas, se te adoro... Enfim, só peço que ao Amor  
consintas que uma vez ajoelhe aos olhos teus,  
que brilham como a Glória e desprezam nos céus,  
rebaixada, odiando os teus encantos, flor,  
toda a pompa do Sol a chorar-se com Deus!*

## PEPITA

A Júlio Soler

*Ó bailadeira formosa,  
errante de praça em praça,  
de linbas feitas de rosa  
e gestos feitos de graça;  
          salero!  
no toque da pandeireta.  
Canta na tua desgraça,  
chora no teu desespero,  
que a turba brada faceta:  
          salero!*

*O que lhe importam, Pepita,  
as tuas mágoas secretas;  
se o coração as agita...  
os olhos das violetas  
          que chorem.  
Invejar-te-ão com raiva  
as tranças nédias e pretas...  
Mas que essas mágoas deplorem  
já não há peitos, que eu saiba,  
          que chorem.*

*Pelo azul da aspiração  
quantos raios desprendidos!  
Deixa os sonhos partidos  
a quem traz o coração  
de luto...*

*Ó minha pálida filha,  
na forma de teus vestidos,  
— tristonho lírio impoluto —,  
anda a altivez de Sevilha  
de luto.*

*Se o pranto nunca repousa,  
pior é a vida que a morte:  
ao menos busca uma lousa,  
que é mais tranquila que a sorte,*

*Pepita.*

*Essa beleza tamanha,  
sem amor, sem luz, sem norte,  
vergou à dor e à desdita...*

*Ai, que saudades da Espanha,  
Pepita!*

*Que santo amor virginal  
vagará, triste, por ti,  
nas salas do Escorial  
ou nos jardins de Madrid  
chorando;  
se, enquanto vais na miséria  
divertindo a quem sorri,  
loucas, perdidas em bando,  
erram as pombas da Ibéria,  
chorando.*

*Estende a mão para a esmola  
ao povo que anda na praça  
a ver o tom da espanhola,  
dançando e rindo com graça.*

*salero!*

*no toque da pandeireta!...*

*Canta na tua desgraça,  
chora no teu desespero,  
que a turba brada faceta:*

*salero!...*

## COFRE NATURAL

*Eu perguntei à minha namorada  
onde é que as minhas cartas escondia,  
sendo ela tanto e tanto vigiada...*

*Deu-me o céu num sorriso de alegria,  
e então, olhando a porta do vizinho,  
e vendo que ninguém aparecia*

*que nos pudesse ver sobre o caminho,  
fitando-me, corou, num vão receio,  
mas, em seguida, disse-me baixinho:*

*«Eu não sei o que sinto quando as leio,  
e para que ninguém mais as possua,  
escondendo-as aqui dentro...» E abriu-me o seio...*

*Não é mais doce a palidez da lua!*

## A MULHER-ESTÁTUA

A Julião Félix Machado

*Como o brilho em seu rosto é apenas reflectido  
não doira os corações que se aproximam dela;  
lembra um rasto de luz, que, à noite, alguma estrela  
deixasse pelo Azul, entre as névoas perdido.*

*O perfume glacial que o seu contorno invade,  
não lhe pertence. Um poeta amante e alucinado,  
como quem a Ilusão envolve na Saudade,  
ao expirar, beijando-a, o deixou perfumado.*

*A vida que percorre, as fictícias paixões  
e quanto vemos nela a rir, num ar violento,  
são lances dum radioso e alheio sentimento,  
pertenceram outrora a muitos corações.*

*Não estremece o amor dos sonhos mais dilectos,  
sendo a dona cruel dos palácios do Encanto,  
ao ver junto a seus pés a turba dos affectos  
encher-se de surpresa e recuar de espanto!*

*Se o Artista que sente a mágica impressão  
de vê-la, deslumbrado o seu génio transforma...  
— impossível! — tentando apreender-lhe a forma  
perde, como num sonho, a altiva concepção...*

*É triste como a névoa e fria como o gelo,  
e atraente e distinta e simples e formosa.  
Não mostra como os Sóis brilhos no seu cabelo,  
em seus lábios não há dons carmíneos de rosa.*

*Na esfera que a circunda anda um clarão eterno  
que é feito dum olhar suspenso, que a adorara  
e imprime um tom violeta à sua carne clara,  
mais traidora, talvez, do que o luar do inverno.*

*Esplende com a pompa e o ar da antiga Vénus,  
mas sua alma é vazia, o seu gesto oprimido;  
e como que há na luz dos seus olhos serenos  
a moribunda paz do espírito abatido.*

*Mas o Amor, quando a admira e vê, como se a morte,  
beijando-a, congelasse a beleza inconsciente,  
vibra em nós, em delírio, extraordinariamente,  
sequioso e fatal como os ventos do Norte.*

*E apesar disso, em febre, — incansável desejo! —  
ai! quem nos consentira, a sós, pelo luar,  
como em negro fadário e humílimo cortejo,  
com os olhos no chão, irmos pô-la no altar!...*



## O FUMO

(Velho Tema)

*Do meu quarto, que dá sobre uns quintais,  
descubro todo o bairro; e muita vez  
vejo evolvar-se o fumo em espirais  
das negras chaminés.*

*Quando vou à janela, ao Sol poente,  
horas em Junho de acender os lares,  
meus olhos vão seguindo longamente  
o fumo pelos ares.*

*E penso ver formarem-se, na vasta  
imensidade, esplêndidas imagens;  
até que o fumo pelo Azul se gasta  
nas mais altas viagens.*

*Todo este quadro é tão banal, que então  
chego a rir-me de mim, do que resumo  
na minha eterna e doce aspiração...  
que se assemelha ao fumo.*

## LIRAS

*Tu sabes o que era o Mar  
antes de andar agitado?...  
Era um lago subjogado  
da morbidez de um olhar  
que o trazia apaixonado.*

*Porém, um dia, o luar  
que era a luz daquele olhar  
não veio como o costume  
apagar todo o ciúme  
que andava dentro do Mar.*

*E esse abismo que não sondas,  
foi então que embraveceu,  
e levantou para o céu  
as imprecações das ondas,  
quando o luar se escondeu.*

*Hoje essa massa inquieta  
batida pelas saudades,  
vendo que a lua indiscreta  
tomou novas amizades,  
forma as loucas tempestades.*

*E nós, ouvindo-as passar,  
cremos que o Mar é um malvado,  
e no entanto o pobre Mar  
não me parece culpado;  
o culpado é aquele olhar.*

*Assim, vendo essa tristeza  
que paira por sobre as águas,  
eu imagino, princesa,  
que me endoidece com mágoas  
teu olhar, se me despreza...*

*Por isso na grande lida  
do meu caminho de abrolhos  
te peço em voz dolorida:  
que antes me tires a vida  
do que me escondas teus olhos.*

## NO QUARTO DE LAÍS

*É de volúpia o leito em que adormeço.  
Roçam-me a carne beijos e plumagens.  
Alvo colar de pérolas sem preço  
desata, a espaços, uns clarões selvagens...*

*Batem da Lua os raios no colar.  
Sinto o teu corpo, — um divinal tesoiro;  
e lembram-me essas formas, ao luar,  
folhas de lírio com vislumbres de oiro.*

*Na puríssima tez, fresca e vivace,  
que só de olhá-la fica um peito exangue,  
teus uns veios azuis como se andasse  
uma safira a percorrer-te o sangue.*

*Com tuas formas idealizo o harém.  
Deslumbrantes buris, meu sonho inerme,  
não têm os brilhos que os teus seios têm  
na penugem doirada da epiderme.*



A CASA EM QUE NASCEU O POETA



\*            \*

*Dá-me essa taça cheia de segredos...  
esses contornos flácidos de arminho,  
deixa que eu goze os teus encantos ledos,  
como quem sorve um delicioso vinho.*

*Que sede eu tenho quando nos abraça  
um balouçar suavíssimo de rede!  
Porém, se bebo da iriada taça,  
fico-me sempre com a mesma sede.*

\*            \*

*Cerro meus olhos lânguidos de leve.  
Fazem-me doido uns lábios tão vermelhos.  
Como a dois travesseiros cor de neve  
justa-se a branca roupa aos teus joelhos.*

*Repoiso então sobre esses travesseiros;  
pois, se te abraço, pomba, desfaleço.  
Da aurora fulgem os clarões primeiros.  
— É de volúpia o leito em que adormeço.*

## NOVA PANDORA

A José de Lemos e Nápoles

*Nuns tempos lacrimais que amargamente lembro,  
cismando, junto ao mar, nas tardes de Setembro,  
se o céu estava claro e o horizonte em calma,  
quando a ilusão, a rir, flutuava em minh' alma,  
eu ia-me sentar à sombra dessa olaia,  
onde a primeira vez meus olhos te beijaram.*

*Ai que recordação no meu azul desmaia!  
Que tristezas, mulher, meu peito repassaram!*

*Tu vinhas sempre ali, ao solitário abrigo,  
e olhando, como quem repara num mendigo  
que a teus pés desfiasse a vida soluçante  
sob esse olhar, que fere assim como um diamante,  
passavas a cantar, — sonho de amor desfeito,  
sorrindo e desfolhando uma flor que em teu peito  
trazias sempre e que eu secretamente odiava...  
Porém, se deste olhar teu vulto se afastava,  
sonhando, eu recolhia as folhas desprezadas,  
bem como, se, perdido em horas consteladas,*



*julgasse, em plena aurora, um bando de esperanças,  
reflectidas da luz dessas mimosas tranças,  
sentir pairar, vagar, errantes na alma inquieta...  
Mas como de Pandora a gélida boceta  
— esse mau coração — um tûmulo suponho,  
mais frio do que a neve e vago como o sonho,  
uma a uma enterrou-me as santas ilusões,  
que eu escondera em vão, estremecendo-as tanto,  
deixando-me, cruel, como recordações,  
o pesar, a amargura, o desalento e o pranto.*

\*  
\*      \*

*Contudo, se te encontro agora e te comparo  
à Estátua juvenil, — ao monumento raro,  
formosura que encheu de mal o nosso globo,  
agora, se recordo aquele amor — um bobo  
do teu desdém que vive alegre e triunfante,  
envenenando a rir o coração do amante,  
ferido dessa voz, na sua dor tremendo;  
se ainda num olhar tanta beleza abranjo,  
então eu penso bem, e claro compreendo  
como Plutão é um deus e Satanás é um anjo.*

## ARTÍSTICA

A Manuel Monteiro

*Embebida do azul adormecia  
no mórbido langor duma otomana,  
como formosa e líbrica sultana  
sobre núvens de rosas e harmonia.*

*Mil contornos dum trâmite sereno  
desenhavam-se em brando magnetismo...  
Seus olhos tinham sombras como o abismo  
e seus lábios uns filtros de veneno.*

*O perfil era olímpico; e suspensa  
duns esfúvios excêntricos, divinos,  
dava a ideia dos tipos florentinos  
burilados ao sol da Renascença.*

*Vindo-lhe a cor às faces êbriamente,  
talvez pela pressão de um gozo breve,  
fazia recordar dois céus de neve  
banhados de um suavíssimo nascente.*

*E no entanto esta pérola de artista,  
perdida nuns momentos deliciosos,  
sonha apenas co'os beijos venenosos  
dum famoso Tenório guitarrista.*

## ESTÂNCIA DA CARNE

*Minha deusa!... O desejo, o amor, a inspiração,  
— três verbenas que têm a raiz no coração —,  
a epopeia da glória e as visões que idealizo,  
tudo eu vejo a boiar no teu simples sorriso,  
que é como a placidez dum ocaso sereno.*

*Mas, para tanta Luz, este affecto é pequeno...  
Abre-me as asas, pomba, abre o teu peito ansioso;  
deixa erguer-se-me na alma a flâmula do gozo  
ao pensar que te beijo, ao cismar que te abraço  
e que me envolve a carne um veludíneo braço  
tão azulado e nu, que apetece mordê-lo.  
Deixa-te desnudar, desprender-te o cabelo,  
e arrancar-te, sonhando, as vestes perfumadas...  
Não é herança do Oculto a beleza das fadas!  
Nem as Rosas, nem Deus, Miguel Ângelo ou Rubens*

*honrariam o Sol quando está entre nuvens!*

## SPLEEN

Onde eu quero viver,  
loira mulher, ó flor do Desfastio,  
não é num céu de encantos, rosicler;  
onde eu quero existir é simplesmente  
num coração vazio,  
que é feliz quando eu choro, e sempre frio,  
e sempre triste quando me pressente.

Nele não há disvelos,  
nem ideais, nem luar, som ou perfumes;  
um dia, que eu quisesse mostrar zelos,  
não acharia de que ter ciúmes.

Quando penso que o calco, e se renova  
o amor que ele não vê,  
passa por mim uma alegria estranha.

Perguntas-me porquê?...

— É que em teu coração — a minha cova —  
nem há teias de aranha.

## VISÃO DUM LEITO

A Joaé Luis Sardinha

*Ei-la dormindo! Como a branca espuma  
que desliza ao quebrar duma onda enorme,  
é seu leito tão flácido... que, em suma,  
lembra uma concha onde a Volúpia dorme.*

*Cerrado o olhar, um céu de ignoto enleio,  
o seu corpo febril me surpreendeu...  
nudez do acaso, enfim, um céu que veio  
como a suprir os lumes do outro céu.*

*Forma suave, branda, áurea-divina...  
— céu para os lábios, flor que em sonho amado  
de puríssimos gozos se ilumina,  
sob um clarão de luar doce e azulado.*

*E eu sem poder tocar naquela face...  
nem conseguir ao menos esquecê-la!  
Eu — como se este olhar, triste, ficasse  
a vida inteira condenado a vê-la!...*

*Vê-la sem a beijar, — fosse de leve!  
voluptuosa, entre ilusões e alvares,  
como um raio do Sol doirando a neve,  
como um perfume sobre um mar de flores.*

## À DÚVIDA

*Sombra ou Fantasma, que passas,  
e vens das lutas eternas!  
é mais medonho o teu dorso  
que a escuridão das cavernas  
onde só vive o Remorso.*

*Imitas bem a penumbra.  
Nessa missão dolorida,  
para seguir o teu norte,  
precisas da luz da Vida  
junto da treva da Morte.*

*Que fazes por sobre a terra,  
quando a batalha é mais negra  
e são as névoas mais densas?  
Teu riso, por que se alegra  
ao combater-nos as crenças?*

*Não desesperes a mente,  
já que, zombando dos céus,  
sem fé, sem paz, sem critério,  
pões entre os homens e Deus  
um teu sorriso — o mistério...*



*Em vez de abalares a Alma  
com esses olhos absortos,  
despreza as lutas eternas,  
segue o caminho dos mortos,  
vai habitar as cavernas!*







## CONTRASTE AMOROSO

*Penso, vendo-a passar alegre, e assim  
troçando o amor, numa expressão singela:  
— «Pois esquecer-se-á tanto de mim  
quanto o meu coração se lembra dela?...»*

*E quem me diz, se ela pensou, naquele  
mesmo momento em que a minb' alma arrasta:  
— «Pois nunca me verei tão longe dele  
quanto o meu coração dele se afasta?...»*

## ÀS PORTAS DE CORINTO

*És para os olhos, deusa, a mais formosa;  
és para o tacto a sensação violenta...  
és da Volúpia um fruto cor de rosa,  
teu hálito adormenta.*

*Dá-me um vinho tão loiro como a luz  
que o Sol espraia sobre o azul do mar,  
faze crescer em mim o gozo a flux,  
e deixa-me sonhar.*

*Minh'alma anda a vestir-se de esplendores;  
quer conhecer, ó planta envenenada,  
num leito excepcional, de madrugada,  
a embriaguez das flores.*

*Desejo amar-te ao menos por instantes;  
rasga, despe o vestido — esse tesoiro  
de gaze branca e azul, bordado a oiro,  
alfofres e diamantes.*

*Quero sentir-me preso dos teus braços,  
perfeitos como um sonho escultural;  
deixa que eu suba em lânguidos abraços  
a um róseo mundo ideal.*

*Mas depois, cortesã, ó flor da escória,  
quando eu tombar exausto, amortecido,  
lança-me à vala, eu devo ter morrido  
ébrio de gozo e glória!...*

## PARA A GUITARRA

A Santos Melo

### I

*Vão as pombas pelo céu,  
vão as canções pelo ar,  
vai na dança, junto ao meu,  
o coração do meu par.*

### II

*Se eu chegasse a ser estrela  
e a brilhar no azul dos céus,  
eu dava todo o meu brilho  
só por um beijo dos teus.*

### III

*Quando me tentas fitar,  
meu peito envolve-se em dor,  
que os raios do teu olhar  
são como espinhos de flor.*



#### IV

*Meus olhos sentem-se presos,  
mas não choram na prisão;  
deixá-los andar, deixá-los,  
presos no teu coração.*

#### V

*Perguntou-me um lábio amado  
por que não choro e só canto:  
—É porque eu guardo o meu pranto  
para chorar o passado.*

#### VI

*Pode soluçar o lírio  
e o branco jasmim florente;  
chore quem quiser, eu canto  
porque me sinto contente.*

#### VII

*A luz, que tem sete cores,  
com elas não me seduz,  
que o olhar dos meus amores  
é mais brilhante que a luz.*

## VIII

*Lanço meus olhos em volta,  
lanço beijos em redor;  
eu quero ver se conheço  
o rosto do meu amor.*

## IX

*Quero envolver-me nas mágoas  
do teu seio que perfuma,  
como se envolvem na espuma  
as plantas filhas das águas.*

## X

*Por entre tantos enleivos  
o teu olhar é um enleio,  
como uma pombinha branca  
que vem poisar no meu seio...*

## XI

*Na treva que me conduz  
teus sonhos não me perfilham,  
porém de noite é que brilham  
estrelas cheias de luz.*

## XII

*Embora nasçam abrolhos  
no nosso amor em botão,  
meus olhos não deixarão  
de se encontrar com teus olhos.*

## XIII

*Neste mar que tu não sondas,  
anjo, que sonho em meus braços,  
imagina quantas ondas,  
quanta luz, quantos abraços!*

## XIV

*O teu olhar, que derrama  
luz e brilhos como a aurora,  
tem a expressão de quem ama  
e a tristeza de quem chora.*

## XV

*Eu ando, doce criança,  
como quem nos olhos teus  
achasse abertos os céus  
cheios de luz e de esp'rança.*

## XVI

*Olha, se choro e te escuto,  
que o diga o meu coração,  
que anda em viagem, de luto,  
nos areais da Ilusão.*

## XVII

*Eu paio nesta ansiedade  
bem como as aves no mar  
cansadas da imensidade  
e sem ter onde poisar.*

## XVIII

*Minha amante, um teu afago  
retrata-se neste amor,  
como se espelha uma flor  
nascida à margem dum lago.*

## XIX

*Quando vejo a tua fronte  
sinto ciúmes ao vê-la...  
mas, nem eu só ando assim,  
disse-mo há pouco uma estrela.*

XX

*A dança é um elo de amores  
feito dum sonbo doirado;  
cada par são duas flores,  
e cada abraço é um noivado.*

## COR DE ROSA

*Não sei, Minha Senhora, se o seu rosto,  
que a min' alma adivinha de esplendores,  
rouba ao luar a fímbria do desgosto,  
se é como a espuma, o Sol, ou como as flores.*

*Releio há muito uns cânticos dispersos,  
e a sua arte suavíssima enlevou-me.  
Conheço-a simplesmente desses versos,  
— folhas de lírio em volta do seu nome.*

*Se me perguntam se Vocência é amada,  
ou se é branca, ou morena, se é formosa,  
respondo então: «Eu dela não sei nada,  
a não ser que a sua alma é cor de rosa.»*

## IGNORANDO

A Francisco Bastos

*Não sabe quanto a adoro, essa criança,  
nem como agradecido — se é tão linda! —  
morreria a seus pés, só com a esperança  
que ella me desse de sorrir-me ainda.*

*Desconhece que alguém amante e amado  
pode dar-lhe num leito de esplendores,  
nesse dia febril do seu noivado,  
todo um céu de prazer e dons e flores.*

*Contudo, quando a vejo, no meu peito  
passa tanta alegria, que parece  
que me abandona a treva, satisfeito  
como se a luz então me surpreendesse.*

*— Doirado ser que os olhos extasia...  
guarda sonhando o amor no coração.  
Corre-lhe a vida entre o luar e o dia,  
não conhece portanto a escuridão.*

*Só para que ela saiba quanto existe  
em minb'alma de anseio e febre e abismo,  
rendilho um verso voluptuoso e triste  
— arte de luxo e flácido humorismo.*

*Mas, bem ignora, a flor que me seduz,  
que para o seio onde se oculta a dor,  
numa réstea de Sol há muita luz;  
num só olhar pode infloar-se o amor!...*



DA «ÚLTIMA CARTA»

\* \* \*

.....  
.....  
.....

*Desprezo o teu afago.  
Mas esse olhar — um lago  
— veneno do mais forte...  
eu bebo-o só de um trago.  
Vê como eu adoro a Morte.*

*Meu peito — já deserto  
de amor, tudo acha triste.  
Se o túmulo é tão perto...  
É vê-lo a descoberto  
no que em min' alma existe.*

*Não quero mais lutar.  
A dor que me rodeia  
é assim como o luar,  
lançando uma cadeia  
aos vagalhões do mar.*

*Meu coração nem chora  
esse ideal desfeito.  
Anda tão mudo agora...  
Nem o teu rosto adora,  
nem sonha o róseo leito...*

*Que abismo tão medonho  
— de mim ao céu ideal!...  
Pois que há de mais risonho  
do que a beleza, o sonho  
e o leito nupcial?!*

.....  
.....

## CONSELHO AMIGO

*Formosas, que lançais a loira trança  
às aragens magnéticas do Sul...  
encarnações da altiva flor azul,  
misto de amor, de sonhos e de esperança;*

*vós todas, que adorais, pombas inquietas,  
as nevroses gentis do sentimento,  
e trazeis, como as filhas de Sorrento,  
nos cabelos doirados as violetas;*

*dizei: — que desvario vos conduz,  
ou que maldito encanto vos enleva,  
como a uns olhos, que errando pela treva  
descobrem, muito longe, alguma luz?...*

*Dizei-me por que um choro dolorido  
vos acorda, ao romper da madrugada;  
por que trazeis a face desmaiada  
e o casto olhar de todo amortecido?!...*

*Eu não quero trair-vos no segredo...  
porém, se muito amais, lírios perfeitos,  
arrancai a paixão dos brandos peitos  
e arremessai-a ao tûmulo, sem medo.*

*D. João, esse estroina, que em Sevilha  
andou manchando a cor do nenufar,  
fazendo, pelas noites de luar,  
tristemente gemer a guitarrilha,*

*já não ama o fervor dos sonhos belos,  
nem a vossa inocência, ó brancas flores,  
porque a Justiça, olhando esses amores,  
fizera derrubar os seus castelos.*

*Como a taça fatal do rei de Tule,  
deixai-a para sempre, a vossa esperança,  
formosas, que lançais a loira trança  
às aragens magnéticas do Sul!...*

1884.

## MORTE DE VOLÚPIA

*Fui, sonhando, ao teu quarto; e vi sem vida  
teus belos olhos — esses céus ideais —,  
mas tendo ainda, ó doce, estremecida,  
mais brilho que os metais.*

*Num leito, em funeral, franjado a oiro,  
eu beijava os teus lábios virginais;  
contudo estavam, meu gentil tesoiro,  
mais frios que os metais.*

*Então, nem sei o que este amor sentiu!  
que entre a paixão e as lágrimas finais  
esse peito formoso ao meu se uniu...  
mais forte que os metais.*

*Mas acordei. Teu seio respirava.  
Os teus membros não eram glaciais...  
E o teu olhar, desculpa, não mostrava  
mais brilho que os metais.*

## O NOVO VISCONDE

A Joaquim Álvares da Silva

*Tem um vasta palácio, um labirinto,  
onde espalhou, ébrio de luxo, avaro,  
quanto existe de caro  
desde o elegante ao cómodo e distinto.*

*É uma bela figura, um cavalheiro  
que apenas sonha distinções, medalhas,  
tendo ainda o seu quê de merceeiro  
nas suíças grisalhas.*

*Consta que fez a consciência larga,  
sem que a fizesse vil...  
e que tivera uma existência amarga,  
quando fôra cabaço no Brasil.*

*Dizem alguns, porém,  
que há nele qualidades atendíveis,  
que é um homem de bem,  
um talento incorrupto,  
um brasileiro honrado;  
— mas há pessoas de opiniões terríveis,  
que afirmam que o visconde é muito bruto,  
muito patife e muito malcriado.*

\*  
\* \* \*

*Quando vai no seu carro deslumbrante,  
como um fidalgo, — impávida a cabeça —,  
e a seu lado a senhora viscondessa,  
loira e gentil... Mas vamos adiante...*

.....  
.....

*Seus filhos, que parecem dois chineses,  
vão-lhe tomando as manhas;  
tendo umas caras tímidas, estranhas,  
embirram com os filhos dos burgueses.*

*Ele é toda a grandexa; a flor que esmaga  
velhos párias, outrora seus iguais;  
e tem homens de letras a quem paga  
as linhas de reclame nos jornais.*

\*  
\*      \*

*Faz grandes recepções;  
e, nas noites de festa,  
chega também a ter nos seus salões  
a fidalguia mais honrada e honesta:  
os condes, os barões,  
os banqueiros mais calvos e sinistros...  
vários sujeitos nobres  
que não têm título; os marqueses pobres,  
o clero e alguns ministros.  
E sabe-se até mais:  
que, depois do seu chá, por costumeira,  
faz uma batotinha sorrateira,  
muito em particular,  
com damas, conselheiros, generais,  
e algum pato que seja titular.*

*Não dá muita importância aos deputados,  
mas confessa as razões,  
e diz que estes senhores  
são na verdade uns grandes depenados  
e uns grandes maçadores.*

*— Isto, porém, com várias excepções.*



\*  
\*       \*  
\*

*Há tempos, o povinho  
descobriria que o nobre titulado  
é filho de um plebeu bem desgraçado,  
de um pobre sapateiro do Alto Minho.  
— E o Visconde sentira-se aterrado.  
Começava na roda um borborinho...*

*Foi o caso — que o mestre,  
farto duma existência pouco séria,  
ou do seu lar campestre,  
lançando ao ombro o saco da boroa  
e a trouxa da miséria,  
deu-se às gâmbias, caminho de Lisboa.*

*Mal chegado que foi  
o pobre sapateiro,  
o desgraçado herói,  
viu de frente os focinhos de um porteiro  
que lhe disse: «O que quer, seu peralvilho?»*

*«Eu quero entrar, desejo ver meu filho.»*

*«Seu filho? Está maluco?  
Bem te conheço a escola!  
Olhe, se quer esmola,  
cá no palácio já não canta o cuco.*

*Para todos vocês foi uma peça,  
mas é como lhe digo;  
a nossa viscondessa,  
que é capaz de ceder a própria vida,  
foi há dias de todo proibida  
de jamais proteger um só mendigo,  
qualquer como você, que, nessa vida,  
rouba quem pode e serve de empecilho.»*

*Responde o velho: «Eu não lhe peço nada,  
só quero que o meu filho  
aqui venha, o João...»*

*Porém o outro, numa força irada,  
redobrou de colérico: «Intrusão!  
seu grande meliante, seu madraço,  
então você não treme de dizer  
que é pai cá do senhor...»*

*E levantando o braço  
deu-lhe apenas seis murros, a valer;  
é claro, por favor.*

*E vermelho dos ódios que o consomem,  
duma maneira crua,  
dizia ao pobre homem:  
«Ponha-se já na rua!...»*

.....

.....

\*  
\*   \*  
\*

*Duma janela, os netos  
troçavam o velhote  
pelo montão de trapos bem abjectos  
do seu velho e misérrimo capote.*

*A guarda quis prendê-lo.  
Porém, teve piedade,  
ou respeito, ao alvor do seu cabelo.*

*E ele, em seguida, então  
lembrou-se de buscar uma taverna,  
onde livre chorasse a dor paterna,  
longe da luz, dos filhos, à vontade,  
sòzinho como um cão.*

*Perdido e esfomeado,  
lembrava, aflito, as coisas do seu lar,  
o seu trabalho, o pequenino eirado  
e o seu viver antigo,  
agora, que não tinha um velho amigo,  
nem tinha forças para lá voltar...*

\*  
\*   \*  
\*

*E contudo o porteiro,  
esse feroz e estúpido rafeiro,  
tinha alguma razão.  
«Pai do senhor visconde?  
não era aquele, não...*

*pois que ouvira dizer — nem sabe aonde —  
— talvez ao próprio amo —  
que seu pai pertencia a um nobre ramo  
duma casa fidalga da nação.»*

\*  
\* \*

*Quando enfim o ricoço entrou em casa,  
o valente criado,  
convulso ainda e com o olhar em brasa,  
descreveu-lhe o perfil do malcriado  
e tudo o mais que havia...  
A espaços, o visconde estremezia,  
como quem sente um ruim pressentimento.*

*De momento a momento  
ia-lhe o caso ao goto...  
E ao ver-se ali quase traído, disse:  
«Co' os diabos, se o visse,  
decerto o mataria!»  
«Ora vê lá que célebre maroto!...»*

*E subiu triunfante a escadaria.*

\*  
\* \*

*Tudo isto fez bulha  
às mesas dos cafés, pela cidade;  
alvorçou as praças e a patrulha.*

*É alta noite, no Centro,  
causou grande surpresa;  
veio à baila o palácio do visconde;  
falava-se de lágrimas lá dentro,  
dum caso grave de infidelidade,  
da viscondessa presa,  
de muitos crimes que o dinbeiro esconde...  
contando-se, com muita indignação  
e fingida tristeza,  
o facto da expulsão!...*

.....

\*  
\*   \*  
\*

*Porém, passados meses,  
ficara tudo como estava dantes;  
o titular comprara com diamantes  
os últimos reveses...  
Só numa tarde, — à mesa, um convidado,  
na festa dos seus anos,  
vendo-o já sem a olímpica alegria  
do bom tempo passado,  
jantando, mudo, entre uns provincianos,  
disse a um outro sujeito que sorria,  
satisfeito, a seu lado:*

*— «Que haverá nele, amigo,  
parece que anda pálido, tristonho?!...»*

*«Eu lhe digo. Eu lhe digo...*

*Cá para mim suponho  
que... o visconde fidalgo e com dinheiro,  
coitado! tem desgosto,  
em ver que os filhos no sanguíneo rosto  
fazem lembrar o velho sapateiro.»*

## A UMA ANDALUSA

Ó Graça,  
quando o teu salero passa,  
cantando,  
e o vai seguindo esse bando,  
esse bando de saudades...  
— teu riso e minha desgraça,  
desgraça das amixades;

e a minb'alma, entre desejos,  
procura o bem que perdeu,  
num torvelinho de beijos  
espalhados pelo céu;  
parece  
que é mais triste a minha prece...

Pois quando  
também a segue outro bando,  
outro bando de ilusões,  
teu riso nunca me aquece,  
aquece outros corações.

*E a minh'alma, entre desejos,  
cisma então que se perdeu  
num torvelinho de beijos  
espalhados pelo céu.*



## ÁRIA DO LUTO

Ilusões perdidas; miragem do futuro...

A. A. Cardoso Pinto

### I

*Cavaleiros no trilho da Amargura,  
por suavíssimas horas de tristeza  
meus sonhos juvenis trajam de preto;  
vão encarando os céus; mas pela altura  
já não rebrilha, fêbreamente acesa,  
essa estrela febril dum casto affecto!...*

### II

*Foram-me da alma as crenças e as visões,  
como voam do ninho para a messe  
bandos de rouxinóis e cotovias...  
— negro coro perdido de orações,  
que no meu peito lânguido emudece  
e eu tento renovar todos os dias.*

### III

*Deslumbrantes sorrisos que amei tanto,  
castelos de luar e primavera,  
tudo eu vejo na sombra derrocado;  
porque à ventura sucedera o pranto,  
porque agora ninguém me diz: «espera,  
amar-te-ei ainda, desgraçado!»*

### IV

*Como tu, Mocidade, eu colhi rosas;  
lancei o pensamento sobre a aurora,  
como se lança um corpo para o leito;  
rodearam-me as coisas deliciosas,  
e subi ao Azul, enquanto chora  
orvalhos a alvorada em nosso peito.*

### V

*Eu adorei as pálidas imagens,  
as rosas ideais do Sentimento  
e a açucena azulada desta vida.  
Vi no deserto o quadro das miragens...  
e decantei baladas ao relento  
sob o balcão da triste Margarida.*

## VI

*Enquanto que a alegria embalsamava  
os meus vultos de amor, brancos de neve,  
quem é que me vencera a intrepidez?  
Mandassem-me afrontar a fera brava,  
que este braço robusto, dentro em breve,  
a arrastaria, tímida, a meus pés!*

## VII

*Cinzelaria os mármoreos mais raros,  
que fossem dominar uma montanha  
e reluzir ao sol como punhais...  
E corriam assim meus sonhos claros,  
mas um dia Alguém disse em voz estranha:  
— «ó louco sonhador, não sonhes mais.»*

## VIII

*Esse Alguém apontou-me o azul dos céus!  
Fora o brilho do Sol que eu anelava,  
a minha ideia, a minha mocidade;  
mas um dia morreu, disse-me o adens  
que lembranças na alma só nos grava,  
e os corações nos enche de saudade.*

IX

*E todo o anseio belo e sacrossanto,  
todo o sorrir dos lábios da quimera,  
tudo eu vi para sempre abandonado;  
porque à ventura sucedera o pranto,  
porque agora ninguém me diz: «espera,  
amar-te-ei ainda, desgraçado!»*

.....  
.....

## IGUALDADES

A Alberto Osório de Castro

*Irmã do meu coração;  
Noite, meu sinistro encanto,  
tu tens estrelas e eu pranto;  
tu tens sombras e eu paixão.*

*Dizem que a tua existência  
sugere à vingança o crime;  
pois também a minha essência  
me aponta um ódio sublime...*

*Sinto a luta, sinto o amor;  
tu — a treva e o azul sem fim...  
Se neste inglório jardim  
nasce o verme ao pé da flor!...*

*Ah! que bondoso quebranto!  
que aromas na escuridão!...  
Noite, meu sinistro encanto,  
irmã do meu coração.*

*Lembras, se um luar magoado  
te cinge, num tom violento,  
nos brilhos — o meu passado,  
nas ruínas — o meu tormento.*

*Contigo tudo adormece,  
num sudário de neblina;  
eis por que também se inclina  
meu ser, se as mágoas esquece...*

*Cada Aurora que te esconda,  
te arrasta um sonho desfeito;  
porém, a luz é uma onda  
de escárnio sobre o meu peito.*

*Na sombra oculta a paixão;  
dá-me perfume e quebranto,  
Noite, meu sinistro encanto,  
irmã do meu coração.*

## ~ Intermezzo ~

— As minhas alegrias  
Um poema ideal do meu amor,  
Que não continha em si feições sombrias  
A macular. Hei os cantos sem valor;

— Findaram tristemente  
Como tudo que é bom e que deixamos!  
Estão te quizera tanto tempo ausente!  
É tão triste não ver a quem amamos!...

Fogaça





## ETERNO AMOR

T. J. F.

*Dizem-me que morreste!  
Para eles, talvez; mas para mim  
    não, meu amor celeste;  
não pode ser! que ainda te adoro, sim!*

*Ainda escuto essa boca,  
de entre um hálito doce e perfumado,  
    dizer, pombinha louca,  
o que andaste a sonhar para o noivado.*

*Esse rosto suave,  
eu vejo-o ainda como o via dantes.  
    Vejo o teu peito de ave,  
os teus loiros cabelos flutuantes...*

*Morta?... Jamais! É que eles  
não percebem da Vida senão vendo  
    a alma como aqueles  
imensos Sóis que andam no azul ardendo.*

*Sentem brilhar o fogo...  
mas, se um dia qualquer se turba o céu,  
talvez proclamem logo:  
«É que o fogo extinguiu-se, a lux morreu.»*

*E não sabem depois  
que esse manto de nuvens, que se espalha  
no ar, cobrindo os Sóis,  
fê-lo Deus para imagem da mortalha.*

*A ti, rosa celeste,  
assim a nuvem te escondera, assim...  
Se julgam que morreste,  
é bem melhor... Só vives para mim.*

*És minha só! No espaço  
em que existes, minh'alma ainda presente  
teus beijos, teu abraço,  
teu sorriso, teu corpo florescente.*

*A prova é que me alegre;  
é que o meu coração, na flor da idade,  
nem deve andar de negro,  
como andam as Noites e a Saudade.*

*A prova é que não choro...  
que tenho como então cantos dispersos...  
que és inda, alma que adoro,  
o sonho, a vida e a glória dos meus versos!...*

17-10-85.

## SEGUNDA PARTE

Lancel o meu olhar pelo horizonte...

GUERRA JUNQUEIRO.

Passam às vezes umas luzes vagas...

ANTERO DE QUENTAL.



## DOR E PRAZER

*Ao sol da Apoteose, à lauta mesa  
dos Deuses, sob o azul, em plena orgia,  
ébria de glória e esplêndida alegria  
brinda a Ventura à flor da Natureza.*

*Enquanto que a lutar pela incerteza,  
noutro hemisfério, inválida, sombria,  
a Miséria se estorce; e a Noite fria  
passa envolta num manto de tristeza...*

*Sempre o contraste! As lágrimas e o riso!  
Uns agora a chorar, outros cantando!  
Daqui — o Horror, dalém -- o Paraíso!*

*Ou subir, ou descer. Continua lida!  
— como as ondas, erguendo-se e quebrando  
no equilíbrio fantástico da Vida!...*

## ESPONSAIS NO AZUL

A João de Meneses

*Longe do mundo e longe da desdita,  
o poeta cismava. No Ocidente,  
com seu manto doirado e resplendente,  
o Sol rolava numa paz bendita.*

*No clarão, em que a sós seus olhos fita,  
como que avulta a fronte auri-luzente  
da noiva, que anteviu, num estro ardente,  
— forma e desejo da sua alma aflita.*

*De súbito, num grito de ansiedade,  
quando o véu da penumbra e da saudade  
tocou do céu na abóbada azulada,*

*o poeta exclamou, cheio de sonho:  
«Nesse país suavíssimo e risonho  
é que eu hei-de esposar-te, minha amada!»*

## A GAIVOTA

Ao Dr. Miguel Pereira da Silva

*Passa-me o rio em frente da janela.  
Muita vez, ao luar, noites de rosa,  
vejo boiando uma gaiivota ansiosa  
sobre a corrente mûrmura, singela.*

*É sempre a mesma. É uma delícia vê-la;  
e tanto me entretém, voluptuosa,  
que chego, nesta vida trabalhosa,  
quando ela falta, a ter saudades dela.*

*Pois que, vendo-a passar boiando e mansa,  
sinto-me alegre; e ocorrem-me à lembrança  
as conquistas, a lira, a morbidez,*

*dum trovador ditoso. flutuando  
pelos canais, em gôndola, cantando,  
nas amorosas noites de Veneza.*

*Figueira — 87.*

## DIVINO SER

\* \* \*

*Este eterno sorriso, este desejo  
à flor de nossos lábios sempre unidos,  
assim como se juntos os sentidos  
fossem cristalizando num só beijo...*

*estes vagos encantos, tanto ensejo...  
tanta luz, tanto amor, dias perdidos,  
meus olhos e os teus sonhos reflectidos,  
teu doce olhar, onde meus sonhos vejo;*

*tudo me leva a crer, tudo me leva  
a jurar pelo Céu, pela inocência,  
que, muito longe destes mundos de Eva,*

*tiveram, numa olímpica vertigem,  
aos pés do Criador, na mesma essência,  
a minha alma e a tua a mesma origem.*



## A PRIMEIRA NOITE

A Mário Pinheiro Chagas

*Bradava a Natureza: «Deus clemente!  
lança um manto de sombra, por piedade,  
sobre meus ombros, deixa que à vontade  
deslize o pranto neste solo ardente!»*

*«Tornou-se a luz aos crimes indiferente.  
E Caim, maldizendo a humanidade,  
tinge de sangue a doce claridade  
do meu sonho de amor, covardemente!»*

*Deus então, condoído destas mágoas,  
baixando o Sol à túnica das águas,  
deste modo ensombrando as róseas telas,*

*disse-lhe: «Chora; é triste o que te escuto!»  
E cobriu-a de lágrimas e luto,  
dando-lhe a noite e dando-lhe as estrelas.*

## DENTRO DO TEMPLO...

A Albino da Silva

*Um dia, o meu Desejo conseguira  
entrar no Coração da minha amada,  
pois quis ver essa estância consagrada,  
que há muitíssimo tempo já não vira.*

*E assim lhe disse: «Ó minha rósea lira,  
onde tens, onde existe a flor doirada  
desta luz, desta paz, desta alvorada,  
deste esplêndido amor que em ti se inspira?...*

*E após, a um lado, o Coração mostrou-me,  
num relevo suavíssimo, o meu nome,  
que um sonho lhe gravara, pela infância...*

*porém, quase apagado, silencioso,  
como um tímido rasto luminoso,  
como um brilho imperfeito, sem constância.*

## OPTICISMO

\* \* \*

*Meu sonho de te haver, que se constela  
dos doirados affectos que eu diviso  
a renascer à flor do teu sorriso,  
como renascem brilhos numa estrela,*

*há-de acabar-se um dia, como aquela  
luz que, apagada, cerra um paraíso,  
se na esteira fatal em que deslizo  
não pára essa Visão sinistra e bela...*

*pois, se a meu peito um vão desejo arranco,  
julgo ver-te fugir, toda de branco,  
ó lira juvenil destes harpejos,*

*ou no berço ideal do vento sul,  
ou em nuvem puríssima de azul  
embutida de lágrimas e beijos!*

## TELA RÚSTICA

(*Minho*)

A Ernesto Leite de Vasconcelos

*Meio dia. A estação canta radiosa,  
colorida e vibrante; nos eirados  
jantam à sombra os homens fatigados  
pelo esforço da vida trabalhosa.*

*Dos insectos a turba luminosa  
volteia e zumbe; percorrendo os prados  
andam as aves chilreando, os gados,  
e a corrente das fontes murmurosa.*

*Colhem à cesta o fruto nos pomares,  
ditosas, as crianças, num delírio,  
descantando os seus versos populares...*

*E, nas vides, do alto, enchendo a vista,  
brilham ao sol as uvas, cor de lírio,  
como cachos enormes de ametista.*

## A PAIXÃO

A Francisco de Melo e Alvelos

*Ouvi dizer que um Anjo é que o contara,  
e que o Demo das sombras o affiança:  
— que às vezes, como doida, uma criança  
branca e gentil, de uma beleza rara,*

*lhe pergunta ansiosa: «Já passara?...  
viste-o? mas quando? há muito? onde descansa?...  
— ele é cheio de amor, de luz, de esperança,  
mas decerto esqueceu quem tanto amara!»*

*«Vivo, porque ele existe. Só me rio,  
vendo-o rir; se idealiza, é que idealizo;  
se chora, sinto as lágrimas em fio.»*

*«Persigo-o, adoro-o, rojo-me; e no entanto...  
— se eu pudesse chorar o meu sorriso!  
se eu me pudesse rir deste meu pranto!...»*

## ENQUANTO ELA DORME

\* \* \*

*Ó formosa Visão, por quem eu ponho  
mais fé que sobre a pedra dos altares;  
ó branca irmã dos brancos nenufares,  
alma pura e suave, olhar tristonho;*

*que sublime entreabrir de um céu risonho  
entre ilusões te levará nos ares?...  
— peito em ondas de espuma como os mares,  
que sonho em flor te esquecerá meu sonho?...*

*Ser que eu venero, ó sol meio escondido,  
meu lírio virginal entumecido  
de amorosos e íntimos desejos,*

*descansa! dorme assim, Visão piedosa,  
dorme sempre, que a noite é silenciosa  
e eu preciso morrer desfeito em beijos!...*

## SOB A MAGNÓLIA

A Duarte Borges Coutinho de Medeiros

*As vezes, pelo Estio, entre os fulgores  
do Sol da tarde, exausto de cansaço,  
eu vou deitar-me à sombra hospitaleira  
da magnólia gentil de eburneas flores.*

*Os zumbidos, o aroma, a seiva, as cores  
e a volúpia da árvore altaneira,  
fazem vagar min' alma aventureira  
num fantástico mundo de esplendores.*

*Porém, sobre a miragem transitória,  
quando mais canta e sobe a minha glória  
e a embriaguez em gozos se define,*

*é quando penso, a rir, que escuto passos,  
que alguém me adora, e fala, e estende os braços,  
como a noiva ditosa de um Flamme.*

## DOIDA

A Silvestre Falcão

*Chama-lhe o povo a doida dos Amantes,  
mulher fatal, de péssimas entranhas;  
e assevera que dorme nas montanhas  
sòmente à luz dos astros palpitantes.*

*Dizem também que era formosa dantes,  
e que descreve olímpicas façanhas,  
ocorridas em épocas estranhas  
em seus muitos castelos triunfantes...*

*Outras vezes, em dias bem afitos,  
diz simplesmente em dolorosos gritos:  
«que é dele, o meu amante, quero vê-lo!»*

*E é assim que percorre toda a estrada,  
com seus olhos de loba esfomeada,  
e em desalinho os membros e o cabelo.*



## IDEAL SOMBRIO

*Nessa estrada fantástica onde peno  
em busca dum olhar sereno e grato,  
o coração em lágrimas desato,  
todo este amor e lágrimas condeno.*

*No entanto essa Visão de rosto ameno,  
que no seio tristíssimo recato,  
à vida inglória que crucio e mato  
nem lança a esmola desse olhar sereno.*

*Ao menos, o que ainda me consola,  
é ter eu a esperança dessa esmola  
e um pensamento que este fogo acalma:*

*«que a luminosa flor que me atormenta,  
quanto mais ódio contra mim aumenta,  
mais o meu nome se lhe infunde na alma!»*

## A SAUDADE

A Vasco da Rocha e Castro

*Quando a Morte nos leva uma Esperança,  
os amigos que acodem na amargura  
não nos deixam lançá-la à terra escura  
porque nos falta a luz, a confiança...*

*Por isso é que a Saudade, essa criança,  
chama o coveiro, trémula, e murmura:  
«põe-lhe violetas... sobre a sepultura...  
sobre a terra gelada onde descansa...»*

*Porém, mais tarde, entre um clarão funéreo,  
louca, em silêncio, e sempre caminhando  
em procura do vasto cemitério,*

*vai ela então — virgem de tranças pretas,  
toda de branco, pálida, e chorando,  
orvalhar, junto à noite, essas violetas.*

## SONHADA ESPOSA

A Trindade Coelho

*Num cansaço febril, quando me deito  
por longas tardes, na estação calmosa,  
penso que uma mulher deliciosa  
vem deitar-se também sobre o meu leito.*

*Embriagado de gozo, junto ao peito,  
eu cinjo então a carne gloriosa  
dessa forma de pérolas e rosa,  
entre os sonhos o sonho mais perfeito.*

*Mas, a um lânguido beijo me parece  
que o meu sangue ardentíssimo estremece  
num estúvio de amor que me extenua.*

*Quase perco a razão, caem meus braços...  
E ela foge-me, a rir, pelos espaços,  
ainda cheia de aromas, branca e nua...*

## NA VOLTA DA PESCA

Ao Dr. Porfírio da Silva

*A embarcação previra a tempestade;  
mas sem remos, nem velas, nem defesa,  
sublevando-se as ondas com surpresa,  
viu-se perdida pela imensidade...*

*O Sol, no ocaso inglório, sem piedade,  
beijava o mar; revolta a natureza,  
— a chuva, a sombra, os ventos e a tristeza  
iam batendo a frouxa claridade...*

*Veio a noite; na praia, comoventes,  
as esposas, os filhos e os parentes  
imploravam do Deus das maldições*

*misericórdia! Mas, entre luto e mágoas,  
a embarcação sumira-se nas águas,  
cobriram-se de pranto os corações.*

## NOITE DE NÚPCIAS

\* \* \*

*Branca fada gentil de róseos seios  
manda sorrindo, em divinais carinhos,  
à nossa alcova um turbilhão de anseios,  
ao nosso abraço a flacidez dos ninhos.*

*Nada me ocultes com febris receios,  
flutua, cansa, neste mar de arminhos...  
que os teus encantos límpidos toquei-os  
com mais desejo que a famosos vinhos.*

*Meu coração pertence-te, minh'alma  
há-de cingir-se a tudo quanto anelas  
numa satisfação íntima e calma.*

*Que o gozo inunde o conquistado leito!  
E abracem-me teus beijos como estrelas  
que do céu me caíssem sobre o peito.*

## INCONSCIÊNCIA

A Silva Cordeiro

*Duma larga varanda sobranceira  
à planície que vai para o Nascente  
vejo a fresca paisagem florescente,  
como brotando numa só roseira...*

*Canta de amor no campo uma ceifeira.  
Os aldeões trabalham santamente.  
Há no quadro a harmonia resplendente  
das grandes relações da vida inteira.*

*Pastam, sem medo, os pachorrentos gados.  
O Sol a pouco e pouco vai a erguer-se...  
Correm de Agosto uns dias sossegados.*

*Nesta flôrea paisagem que estou vendo  
tudo entre si parece compreender-se...  
Só a minha alma é que eu não compreendo!*

1884.

## LONGE DA TERRA

A Veloso Armelino

*Em sonhos, — pois que em sonho me aparece,  
apenas, essa densa dos Amores —,  
se a procuro, ela surge dentre as flores,  
onde a deixam pisar quando adormece...*

*Mas, se tento saber por que me esquece,  
ela responde: «Envolta de esplendores,  
de alegria, de paz, de adoradores,  
só em sonhos também te escuto a prece...»*

*Se acordo, tudo está frio e sereno.  
Têm os céus para mim um tom de luto.  
Vejo tudo sem cor, triste e pequeno...*

*É que em sonhos sòmente é que desejo!  
— em sonhos, porque em sonho é que eu a escuto,  
a sinto, a compreendo, a adoro e a vejo!...*

## A INSPIRAÇÃO

Ao Dr. José Novais

*Ela nunca existiu num falso alento,  
porque é livre, e fatal como o destino,  
e simples, quando algum clarão divino  
é que infunde na glória o pensamento.*

*Podem nascer mil versos dum tormento,  
dum só prazer, dum berço pequenino,  
duma frase ou dum seio diamantino;  
basta que em nós exista o sentimento.*

*Fora assim que, ao abrir, doido de amor,  
as cartas virginais da minha flor,  
eu sonhara encantado, tão submerso*

*num estúvio amoroso de poesia,  
que, às vezes, num sorriso, enquanto as lia,  
sem que o pensasse, as transformava em verso!*



## SUAVISSIMA

A José da Cunha e Costa

*Quando estou a seu lado, se lhe falo,  
doce enlevo de lutas me estremece;  
o que tenho a dizer tudo me esquece,  
e amando-a não me atrevo a confessá-lo.*

*Temo que, sendo o último vassalo  
de tantos que ela tem, como merece,  
o segredo fatal da minha prece  
nunca o seu coração possa escutá-lo;*

*já que, olhando esse vulto, onde a saudade  
é impossível pairar como a tristeza,  
lembro que, longe, em partes ignoradas,*

*devem ter essa inerte suavidade  
— rósea graça de estética beleza —  
no seu palácio as moiras encantadas...*

## ILUSÃO CONSTANTE

Ao Dr. Francisco Martins

*Embora, nesta vida angustiada,  
feche meus olhos, procurando o escuro,  
pois, dum sonho maldito que abjuro,  
tento apagar certa ilusão amada;*

*erga, embora, minh'alma subjugada  
ante si, rudemente, um brânzeo muro,  
eu não encontro a noite que procuro,  
do que desejo não consigo nada.*

*Sinto essa Ilusão como a conheço  
desde o primeiro dia! Se entristeço,  
vejo-a sorrir; chorar quando me alegro...*

*É uma espécie de bem que só magoa;  
um martírio, uma forma que atraiçoa,  
como um facão a brilhar num fundo negro!...*

## ROMANTICISMO

A Sanchez da Gama

*Essa, que da minha alma foi o alento,  
já fatigada e num marmóreo aspecto,  
dormiu sobre o meu seio então repleto  
dos eflúvios azuis do sentimento.*

*Hoje, distante desse amor violento,  
é quem me faz sentir, dum modo abjecto,  
o quanto ao coração custa um affecto  
sublimado no ódio que alimento.*

*Porém, vendo-a sorrir, quando a lembrança  
de seus beijos me avulta na memória,  
dá-me tanto prazer, tanto me cansa*

*o êxtase de vê-la, que eu suponho  
que hei-de morrer de a amar, cheio de glória,  
estrangulado de volúpia e sonho.*

## OS ROUXINÓIS

A José Luís de Carvalho

*No meu jardim, num cedro em que a frescura  
e a flor da novidade vêm brotando,  
poisa, por vezes, um ditoso bando  
de alegres rouxinóis, entre a verdura...*

*Quando ali vou, tristíssimo, à procura  
de sossego e de luz, de quando em quando,  
sinto-os vir e poisar, ouço-os cantando,  
no doce idílio duma paz obscura.*

*E, desditoso, eu lembro com saudade,  
último brilho do meu peito ardente,  
que assim também, num íntimo vigor,*

*sobre o flôreo jardim da mocidade,  
cantaram na minb'alma alegremente,  
como no cedro, os rouxinóis do amor!...*

## SONHO DE MÁRMORE

A António Augusto Gonçalves

*Quis ver, silenciosa, a Dona Bela  
no seu frio castelo alvinitente;  
dei em paga a minh'alma florescente,  
que é quanto custa um só momento vê-la.*

*Entrei. É tudo um mármore que gela...  
Mas que olhava? — Dormindo eternamente  
sobre um leito uma estátua indiferente!  
E a mulher dos meus sonhos era aquela!...*

*Fez-se em volta de mim a névoa densa.  
— Eu já não posso amar! pois que a riqueza,  
toda a ansiedade, o amor, a própria crença,*

*tudo troquei ao mármore, à surpresa  
dessa impressão contínua de indiferença,  
de silêncio, de alvura e de frieza!...*

## O AMOR E O ÓDIO

Ao Dr. António de Vasconcelos

*Dentro em meu coração, como forçados  
que a Desgraça com lágrimas castiga,  
batidos de amargura e de fadiga,  
o Amor e o Ódio vivem sossegados.*

*Pois, num dia dos mais amaldiçoados,  
bem perto dessa jaula que os abriga,  
passou, sorrindo, a esplêndida inimiga  
que os meus sonhos em flor deixa enlutados.*

*Passou; e o seu olhar de azul-safira  
por escárnio lançou os seus clarões  
sobre a jaula cruel, fito no centro...*

*E eu então pude ver sanguíneos de ira  
esses monstros fatais, como leões,  
ambos ferozes a lutar lá dentro!...*

## DESGOSTOSA

*O seu riso gentil que ainda me arrasta,  
como quem vai seguindo no deserto  
os raios dum clarão que julga perto,  
mas que a seguiu-lo toda a vida gasta;*

*sua voz, seu olhar, sua alma casta,  
todo esse altivo e festival concerto  
— brancas formas de luz que ao seio aperto  
sonhadamente, numa dor nefasta;*

*esse porte de brilho e majestade,  
e o seu modo sincero, doce e honesto,  
— tudo a sombra da Mágoa, sem piedade,*

*velou, tocando-a com seu ar funesto!  
Nunca eu sonbasse, ó íntima saudade,  
seu riso, voz, olhar e alma e gesto!...*

## A MINHA ALMA E O INVERNO

Ao Dr. J. A. Ribeiro Gulmarães

*Sonhei que amava. A Flor da primavera  
que antevia, sorrindo, desde a infância,  
descera junto a mim daquela estância,  
donde nunca, falando-me, descera.*

*Sonhei que amava e cria que assim era!...  
Mas a Flor, irmã gêmea da Inconstância,  
com seus brilhos, estúvios e fragrância,  
murchou à luz do encanto que a trouxera.*

*O que importa! — exclamei — no sol doirado,  
nas montanhas, no azul, nos jardins belos,  
eu terei sempre enlevo e alegria...*

*Fui à janela, olhei, mas vi, magoado,  
a paisagem do Inverno, dentre os gelos,  
vasta, imóvel e branca, toda fria!...*



Na campã de minha irmã

No mundo dos espiritos deitados  
pelo Senhor, jã hinos de amargura,  
junto aos thronos da aerea formosura,  
onde Alguem colhe os corações, desfiados;

- passivos e sem dor, sem preconceitos,  
sem um traço sequer de rova escureta,  
que os curiam-nos sua luz d'altum  
nos anda de saudade nossos peitos;

nesso Templo Santo e claudade,  
de eterna gloria e eterna liberdade,  
- vosso mundo que a vida em anda ignale

e onde tudo se jella aos pés de Deus;  
lá, na exphora, a que, enfim, chamamos-Caus;  
é que todos se venham, procurata!...

3 - Janeiro - 87. Ant. Fojas



## CARNAVAL

A Rodrigues Braga

*Ao palácio gentil da Formosura,  
que a min' alma comprou a velhas fadas,  
vieram muitas Ilusões sonhadas,  
vestidas a capricho, em noite escura.*

*Dançava-se com tal desenvoltura  
que, ao ruído das valsas embriagadas,  
mal se ouviram na porta umas pancadas.  
Mas de dentro disseram: «Quem procura?...»*

*Sobre o silêncio que se fez no bando  
bateram com violência e, galhofando,  
responderam: «As noivas do Bocácio.»*

*Oh bons ideais da minha festa insana!  
— Era o mundo do Amor, — miséria humana,  
que ia a troçar a dona do palácio!...*

## INDIFERENTE

*Bem sei que já não tenho quem me acoite  
sob a luz dos seus olhos, mas, no entanto,  
que sossego, que flácido quebranto  
no bem estar suavíssimo da noite!*

*Ninguém agora o coração me afoite,  
seja a tristeza, seja mesmo o encanto;  
já não creio no riso, nem no pranto,  
nem na desgraça com seu negro afoite.*

*Passo a vida sem brilhos no descanso.  
Nem se me extingue o ser de alucinado,  
nem mesmo os olhos para o mundo lanço.*

*Sempre ante mim um cárcere pequeno;  
sempre a noite sem mágoas, sem cuidado;  
sempre o luar do espírito sereno.*

*Poesias Dispersas*



*Poesias Recolhidas*

*do*

*semanário barcelense*

*Aurora do Cávado*

*(1883-1885)*

NOTA — As poesias recolhidas da *Aurora do Cávado* e da *Ilustração Portuguesa* dispuseram-se por ordem cronológica da sua publicação. As respectivas datas vão indicadas em parêntesis.



## SENSITIVAS

M. L.

### I

*Uma nuvem, que fugia,  
levou as sombras consigo;  
foi então que o sol amigo  
deu luz à noite, Maria.*

*A nuvem — era a ilusão;  
as sombras — um mar de abrolhos...  
o sol — a luz dos teus olhos,  
a noite — o meu coração!*

### II

*A flor é linda. Porém,  
bem sabes que a beija a aragem;  
se a encontrou na passagem,  
quem pode obstar-lho, quem?*

*Por isso, não te admires  
que assim meus olhos te fitem;  
pois são os teus que o permitem,  
sem tu mesmo o permitires.*

### III

*Vi na flor duma rosa  
um caracol luxúdio,  
sugando-a toda, e gozando  
o sol ardente do Estio.*

*E lembrei-me: (que tontice!)  
ser teu olhar — o bom sol;  
teu corpo — a mimosa folha,  
e então... ser eu caracol.*

### IV

*Fugindo o velho negrume,  
a terra oferece à alvorada,  
em troca da luz sagrada,  
cantos, flores e perfume.*

*Porém eu que, por penhor  
de teu suavíssimo olhar,  
só tenho amor... Que hei-de dar?  
Dou-te amor e só amor!*

## V

*Entre ventura e desgraça  
some-se o dia ao sol posto;  
e só nos fica o desgosto  
da escura noite que passa...*

*Assim no seio impoluto  
onde há tristezas e amor,  
morre a esp'rança — essa flor —  
resta a saudade — esse luto!*

## VI

*Vem-se rebolando a onda;  
recua e diz aos rochedos,  
baixo, uns íntimos segredos;  
quem esses segredos sonda?*

*Ninguém; assim quando vem  
caíndo por nós o pranto,  
quem, o que ele diz no entanto  
sabe, sem ser nós? Ninguém.*

## VII

*O sol vai-se escondendo;  
então a sombra medonha  
a pouco e pouco tristonha,  
vem correndo, vem correndo...*

*Assim também, na verdade,  
se te escondes, meu enleio!  
sinto correndo ao seio  
a escuridão da saudade.*

## VIII

*Há certa planta nervosa  
que, se alguém lhe põe a mão,  
perde a frescura mimosa  
e pende, frouxa, no chão.*

*Também assim deve ser,  
se o toca o seio do amante,  
o coração da mulher,  
— esse poema radiante.*

## IX

*O teu olhar, que derrama  
lux e mimo como a aurora,  
tem a expressão de quem ama  
e a tristeza de quem chora.*

*Por isso me vai, ó flor,  
tudo na asa do encanto:  
desfeita a vida em amor,  
e o amor desfeito em pranto.*

## X

*Quando a branca luz da aurora  
os nossos passos já guia,  
toda a nossa alma se inflora,  
bendito sejas, oh dia!*

*Assim tu, em quem deponho  
este amor que me conduz,  
és esse dia que eu sonho,  
bendita sejas, oh luz!*

## XI

*Veio o vento ao arvoredado,  
levou-lhe um ramo. Depois,  
no mais soberbo brinquedo  
voltou, levou-lhe mais dois...*

*Escuta: se o teu desdém  
me lança seus rudes braços,  
como o arvoredado, também  
vai-se a alma a pedaços.*

## XII

*De muito serve a alma só...  
e o corpo que vale? Nada.  
Desce à última morada  
a desfazer-se no pó.*

*Valem também, menos vivas  
que as almas — corolas santas,  
muito — as sensitivas-plantas,  
nada — os versos-sensitivas.*

(22-5-1883)

## VERSOS PERDIDOS

M...

### I

*Visão do meu amor, que ao Insondável  
voaste, como prece angustiada,  
que vai da terra à célica morada,  
aos pés do grande Deus inquebrantável.*

*Toda essa vida espiritual e amável  
seria a felicidade mais sagrada,  
se eu não te visse, lívida, mirrada,  
oh! deliciosa flor, na campa estável.*

*Quem me virá dizer: não chores, não!  
Ninguém; que para a dor do coração,  
não há poder perante o qual se cale.*

*Porém, se te perdi, meu lírio santo,  
que faço eu em chorar? que vale o pranto?  
e a minha vida apenas o que vale?!*

## II

*Esta vida afitiva que me leva  
ao antro da Loucura — o mais escuro —  
vale um martírio tenebroso e duro,  
um mar de sentimento — horror e treva.*

*E enquanto a terra vil as fauces ceva  
na carne do teu seio lindo e puro,  
ob! deliciosa flor, o meu futuro  
pressinto que se gela como o Neva;*

*pois que da Morte a asa negra e vasta  
adeja em minha volta, e já me arrasta  
a um país fantástico, inefável...*

*Que ao menos eu encontre um peito amigo!  
E possa um dia ir habitar contigo,  
ob alma deste amor, no Insondável!...*

(26-6-1883).



## FLORES ÍNTIMAS

### I

*Recordações suavíssimas de outrora!  
se vindes como lágrimas fugidas  
desse mar de saudade, e impelidas  
para o seio febril que vos adora;*

*se, quando vos ergueis, a luz da aurora  
não bate nessas sombras doloridas,  
vagai no vosso mar, vagai perdidas,  
convosco sofre mais a alma que chora!*

*Trazteis-me a esperança constelada?  
Sois ruínas de velhas ilusões,  
para nada servis, não valeis nada.*

*Levai-a para as frias solidões...  
Não quero a vossa esp'rança enregelada,  
deixai-me em paz, deixai, recordações!... (1)*

(24-7-1883)

---

(1) Este soneto voltou a ser publicado na *Ilustração Portuguesa* de 22-6-1885, mas com alterações nos versos 3.º, 6.º, 8.º, 9.º e 13.º, como adiante se poderá verificar.

## II

*Quando à minha alma vindes, esperanças,  
mensageiras alegres e formosas,  
numa nuvem de coisas luminosas  
deixar-me neste peito ilusões mansas,*

*sinto no lábio o riso das crianças,  
no coração as lutas amorosas,  
e, abrindo como o cálice das rosas,  
uma doirada série de lembranças.*

*Mas temo as ilusões que a alma cegam,  
se recordo que as aves nunca chegam  
com o seu voo à região bendita*

*e que o espaço dos céus é ilimitado...  
A esp'rança não será um sonho alado  
ou não será também mesmo infinita?*

Coimbra.

(14-8-1883)

## VERSOS PERDIDOS

(À Vizinha)

*Eu penso que ela nasceu  
ou das espumas do mar,  
ou dos raios do luar,  
ou das lágrimas do céu.*

*Mas há alguém que assevera  
que a nossa gentil formosa  
nasceu dum botão de rosa  
no seio da primavera.*

*O seu perfil assimilha  
o das virgens do Oriente,  
quando dormem castamente  
à sombra da mancenilha...*

*Tem nos lábios cor de aurora,  
suaves como a ventura,  
a puríssima frescura  
do orvalho, que a manhã chora.*

*Seus olhos esplendem luz,  
mas sempre arrasados de água...  
Não era tão grande a mágoa  
quando expirava Jesus!*

*Fascina como as visões,  
encanta como as sereias;  
os seus gestos — têm cadeias,  
na sua voz — há prisões.*

*Loira e triste!... Na verdade,  
tão triste como a violeta...  
Até lhe chama um poeta  
— a encarnação da Saudade!... (1)*

(18-9-1883)

---

(1) As quadras 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> publicaram-se novamente, mas com importantes alterações, sob o título de «*Densa*», na revista «Boémia Nova», como adiante poderá ser verificado.

## FERAS ANTIGAS

NERO

*Sobre a asa dos grandes vendavais  
fantasiaste orgias excessivas,  
tendo ao redor de ti, como convivas,  
deliciosos corpos sensuais.*

*Oh tirano das rubras bacanaís  
que até a própria mãe da vida privas!  
Oh déspota de ideias explosivas,  
destruidor de Roma e dos missais!*

*Mostraste ao mundo quanto pode um homem,  
a quem um só momento não consomem  
remorsos, dos que manda ao sacrificio.*

*Tu já nasceste, ó negro imperador,  
co'a alma pavorosa do Terror  
e a encarnação maléfica do Vicio...*

(25-9-1883)

## VERSOS PERDIDOS

(À Loira...)

*Meu desgraçado amor  
achou-te nessa estrada  
que segue a namorada  
logo ao romper do alvor.*

*E que roseira em flor  
pareces, minha amada!  
— um fruto da alvorada,  
um mimo do Senhor!...*

*E fosses tu, Maria,  
planta florescente  
ou lírio de um só dia...*

*que a minha boca ardente,  
então, beijar-te-ia  
insaciavelmente.*

Coimbra.

(10-7-1883)

## VERSOS PERDIDOS

### I

*Morena, a luz desses olhos  
pode matar-me — no entanto,  
as pérolas do teu pranto  
bebê-las-á meu amor!  
Quero que sofra comigo  
esta minha alma sombria,  
pois nem procura alegria  
quem só nasceu para a dor.*

### II

*Em tempos (sonhos de glória)  
tentei beijar o teu seio;  
e num momento de anseio  
olhei-te muito... escrevi-te...  
Porém, um dia, ao passar,  
coraste para dizer-me:  
«Não torne mais a escrever-me  
que não faz nada — acredite.»*

### III

*Tomei as asas da esp'rança  
para voar junto a ti;  
mas nos teus lábios só vi  
um riso lívido, amargo...  
É desde então que meu peito  
sob uma saudade geme,  
bem como um barco sem leme  
que naufragou muito ao largo.*

### IV

*Agora, vejo-te, amor,  
numa tristeza envolvida  
que ainda, em sonhos, perdida  
sempre minha alma sorri-te,  
embora escute cá dentro  
a tua fala, a dizer-me:  
«Não torne mais a escrever-me  
que não faz nada — acredite!...»*

(2-10-1883)



## VERSOS PERDIDOS

### I

*Teu vulto, quero vê-lo;  
para que o tens oculto  
na treva do cabelo?  
Descobre-me o teu vulto...*

*As tuas tranças, creio,  
são como a noite escura,  
que estende pelo seio  
os lumes dessa altura.*

*Porém, no entanto, eu  
à treva singular  
prefiro ver o céu  
aberto nesse olhar.*

### II

*Não vês que amarga dor  
eu sinto que me abrasa,  
morrendo o meu amor  
à sombra da tua asa?!*

*Beijar com firme intuito  
as tuas tranças... louco!  
se por um lado é muito,  
por outro lado é pouco...*

*E assim oculta... vês,  
pareces-me o sol posto.  
Oh anjo, se me crês,  
descobre-me o teu rosto!...*

(7-11-1883)

## A UMA ARISTOCRATA

*Minha Senhora: Eu sei que esse brasão  
faz abaixar os olhos ao mendigo,  
que há muito tempo procurava abrigo  
no seu altivo e frio coração.*

*Sabia que nos bailes Vossa Excelência,  
entre as fidalgas íntimas do paço,  
apenas concedia um riso escasso  
ao filho dum marquês... em decadência.*

*Um dia, cativou-me aquele olhar  
que essa grande nobreza às vezes lança:  
ou para rebater qualquer esp'rança,  
ou para alguma esp'rança alimentar.*

*Nesta alucinação dum grande anelo  
não dei a conhecer meu desespero,  
pois muitas vezes sonho e amo e quero,  
e nem me atrevo ao menos a dizê-lo.*

*Contudo, Vossa Excelência, num mau dia,  
parece que sentiu o olhar plebeu,  
como a manchar-lhe o casto azul do céu  
que demandava a sua fantasia.*

*Desde esse instante é que essa mão pequena  
não descansou ainda, erguendo o muro,  
que deve separar este amor puro  
da nobre face pálida e serena!*

*Ao avistar-me só, volta-me as costas,  
(o que não é cortês na velha raça),  
talvez p'ra não ferir, se por mim passa,  
as rendas no vestido sobrepostas.*

*Pois bem: se Vossa Excelência dá licença,  
eu descerei ainda a recordar,  
não o soberbo raio desse olhar,  
o que hoje para mim era uma ofensa,*

*mas sim: se já não sente o coração,  
ao menos p'ra consolo dos avós,  
que tenha bem presente o que entre nós  
se chama em português — educação.*

(14-11-1883)

## TELA VIVA

*Perdida, num sorriso, adormecia  
na doce languidez duma otomana,  
como formosa e líbrica sultana,  
em nuvens de prazer e de harmonia.*

*Da altura prateada se esbatia,  
atravessando a alcova, a luz sob'rana  
da lua cismadora, que a profana,  
beijando-o brandamente... E dir-se-ia*

*que na bela postura luxuriosa  
a deusa abandonava caprichosa  
o pequenino pé, seguindo a luz...*

*Senti o coração ferir-me lume.  
E eu, que jamais pensei de ter ciúme,  
tive raiva ao luar, que abria a flux!*

Coimbra.

(11-12-1883)

## MADRIGAL

*A harmonia, o talento, o amor e a arte,  
tudo o que eu vejo abrir-se como as rosas,  
mil fantasias límpidas, formosas,  
e o que de grande existe em toda a parte;*

*grinaldas e festões, o sol doirado,  
— essa cabeça audaz da Natureza —,  
a asa, o misterioso, a gentileza  
e até o sonho mais febril e amado;*

*o próprio céu, a imensidade e o mar,  
p'ra mim não têm, pomba, manifesto  
poema mais brilhante que o teu gesto,  
encanto mais suave que esse olhar!...*

Coimbra.

(1-1-1884)

## PERFIS GELADOS

### I

ALBERTO MALHEIRO

*Cansou-se, jovem poeta, no caminho  
por onde lhe vagava a fantasia,  
— formosa sonhadora, que antevia  
almas de fogo, corações de arminho...*

*Também, também da Morte o fero espinho  
trespassa o rouxinol — ave sombria —  
que esgota a vida em notas de harmonia  
e desfalece e morre sobre o ninho.*

*Tinha na fronte linhas indicantes  
duma extrema bondade; e não se esquece  
a luz daquele olhar, serena e calma;*

*pois, lendo-se os seus versos — uns diamantes—,  
tanto nos punge a dor, que até parece  
que em nós sentimos sua própria alma.*

Coimbra.

(29-1-1884)

## II

GONÇALVES CRESPO

*Poeta da tristeza e da saudade!  
Se leio os teus «Nocturnos», antevejo  
essa alma toda feita de desejo,  
um coração morrendo na ansiedade...*

*Eis-te habitando a fúnebre cidade,  
onde não chegam hálitos de beijo;  
e, rodeado, apenas, do cortejo  
dos que lá vão chorando à soledade.*

*Mas ah! do teu cadáver já sepulto  
ergue a recordação um flóreo vulto,  
que é para nós como um penhor seguro,*

*que o negro Tempo eterno não consome.  
Das almas de hoje passará teu nome  
às almas triunfantes do Futuro!...*

Coimbra.

(5-2-1884)



## FLOR MORTA

*Perdendo-te, meus olhos, congelou-se  
em lágrimas o amor, quanto sonhava.  
E eu que pensei que nunca mais chorava,  
bei-de chorar-te sempre, pomba doce!*

*Tudo lá vai, passou, como se fosse  
meteoro, visão, sonhos de lava...  
Na treva o casto olhar, que me levava,  
perdendo-te, meus olhos, congelou-se.*

*Por que não cessa a minha vida escura  
de architectar os muros da Amargura,  
louca, a sofrer este perpétuo enlace...*

*E, como a névoa esconde o sol que nasce,  
se te levava a morte, imagem pura,  
por que não cessa a minha vida escura?!...*

Coimbra.

(6-5-1884)

## SONHANDO

E...

*Tenho receio e pena,  
oh meu amor sagrado!  
que vague no pecado  
a tímida camena,*

*que ao ver-te a face amena  
e o riso imaculado  
deseja — sonho amado —  
a plástica serena...*

*E vai querendo, assim,  
o que ela vê que é belo:  
os seios de marfim*

*e as tranças do cabelo...  
num musical festim,  
num doce ritornelo...*

Coimbra.

(1-7-1884)

## SAUDADES

M. L.

*O sorriso gentil que tanta vez  
via assomar nesses teus lábios, quando,  
num êxtase de amor formoso e brando,  
triste minb'alma te ajoelhava aos pés;*

*os ecos dessa voz que ainda me arrasta,  
como quem vai seguindo no deserto  
o raio de uma luz que julga perto,  
mas que a segui-lo toda a vida gasta;*

*aquele frouxo olhar que suavizava  
as espirais febris do meu tormento,  
e que eu sentira apenas um momento  
pairar-me ansioso nesta sina escrava;*

*as rosas do teu ser — folhas de espuma  
desfeitas como a tela da Ilusão —  
que eu ensinei a amar ao coração,  
libando-lhe os nectários uma a uma;*

*teu gesto que bastava o percebê-lo  
e logo florescia a minha esp'rança,  
que me alegrava, vindo-lhe à lembrança  
o esconder-se no mar do teu cabelo;*

*ai!... tudo me levava esse ar funesto  
do mundo que te abria a escura porta! ...  
Nunca eu sonhasse, ó minha pomba morta,  
teu riso, voz, olhar e alma e gesto!...*

(12-8-1884)



## II

*Se na janela em flor seu vulto assoma,  
enfeitando-lhe o peito uma camélia,  
só me falta indagar se ela é Ofélia,  
musa da Grécia ou cortesã de Roma.*

## III

*Não sei se vai alguém ao seu jardim  
esperá-la, escondido no arvoredo,  
— alguém que, sendo amado, abraça e beije,  
pois ainda que eu deseje  
saber, não é p'ra mim  
tão íntimo segredo.*

*Mas conta-se que um dia a minha bela  
se aventurara a ir a uma caçada,  
que por acaso se perdera dela,  
notando-se na volta  
a sua face triste e desbotada...*

*Contudo, foi sumindo-se a tristeza;  
agora é mais travessa,  
capaz de uma revolta,  
cantando sempre alegre a Marselheza,  
com os gestos das mãos e da cabeça.*

IV

*Um esbelto rapaz que muito amava,  
disse uma vez esta expressão tão louca:  
«que tudo, tudo dava,  
só por beijar-lhe a boca.»*

*Eu, por mim, na amargura dum desejo,  
por um instante apenas — não a q'ria;  
era a vida a durar menos que um dia  
sentir daqueles lábios um só beijo!...*

Figueira.

(23-9-1884)

## QUADRO NA SOMBRA

*Rezava atentamente ajoelhada  
nas lajes da capela velha e fria  
a uma Virgem das Dor's, que ali havia,  
de espadas pelo peito trespassada.*

*Tinha a expressão no rosto congelada  
duma grande amargura; e só vestia  
de luto, como um sonho de agonia,  
ou como triste rosa desbotada...*

*Alguém pôde fitar os olhos dela;  
porém, julgou nesse momento, ao vê-la,  
naquele manto fúnebre envolvida,*

*que, como um sol radiante ao fim do dia,  
no mar do Desalento se imergia  
o suavíssimo olhar de Margarida!...*

(14-10-1884)



## BOCETA DE PANDORA

*Os cíclopes, seguindo as ordens de Vulcano,  
gloriosos no afã do seu trabalho insano,  
fundiram a sorrir, numa alegria fátua,  
a artística figura, a sublimada estátua,  
que os deuses vão cobrir de perfeições ideais.  
— Maravilha de bronze e formas virginais!*

*Ansiosos por ver o monumento raro  
dirigem-se de longe às forjas de Liparo  
os séquitos febris dos deuses galhofeiros.  
As portas da oficina os rígidos obreiros,  
fazendo a guarda de honra e levantando a fronte  
mais rubra do que o sol, baixando no horizonte,  
espelham-se no azul — fantasias de Mestre.  
Favónio faz ouvir a música silvestre.  
Cantam aves no Olimpo; e neste entusiasmo  
as cortes imortais penetram-se de pasmo,  
boquiabertas, revendo o sonho desse artista,  
um sonho a que falta a alma, a força e a vista,  
quando ao doce ferir de um sopro de Minerva  
a escultura se anima, e a plástica se enerva  
desde logo, afagando-a os brilhos do Parnaso.*

\*

*Conta a fábula então, historiando o caso,  
que Júpiter, querendo agrilhoar o Crime,  
mandara a Prometeu, — esse ladrão sublime  
da Vida, que incutiu nos homens primitivos —,  
Pandora, embaixatriz de instintos vingativos,  
que odienta, assim como a fera irrepleta,  
ao rebelado entrega essa infernal boceta,  
que há-de espalhar no Globo a legião dos Males.*

\*

*Foi p'ra isto que Pan a requestou nos vales  
florentes, que vão dar às margens do Ladon?  
Que o Cíclope a anteviu no seu delírio bom?  
Que Vénus lhe deu graça e deu ciência Palas,  
Mercúrio a eloquência e Primavera as galas,  
apenas para ser (formosa traiçoeira)  
de horrífica sentença a crua mensageira?...*

\*

*Nuns tempos lacrimais que amargamente lembro (1)*

.....  
.....  
.....

(28-10-1884)

---

(1) Este e os versos restantes foram publicados com algumas alterações nos «Versos da Mocidade» sob o título de «Nova Pandora».

## SOMBREADOS

*(A Domingos de Amorim)*

### I

*Lá no fundo de um vasto cemitério  
insaciável, rude,  
despejou-se no seio deletério  
um pequenino, lívido ataúde.*

*E aquela cova fria,  
desde então para sempre, guarda e encerra  
uma esp'rança, que foi de sobre a terra,  
assim como se apaga a luz do dia.*

*Ficom chorando a mãe tamanha dor,  
sentindo além da f'rida desse espinho,  
perdido para sempre o seu amor  
e solitário o berço do filhinho!*

## II

*E aí vai todos os dias  
a pobre mãe em lágrimas banhada  
por entre as sepulturas mais sombrias  
encher de pranto a vida amargurada...*

*E o vê-la de joelhos faz lembrar  
as fúnebres estátuas erigidas  
                  nos brancos mausoléus,  
na postura afilíssima de orar,  
imóveis e gentis, mãos erguidas,  
                  co'os olhos para Deus!*

*Não há pena que a mágoa lhe descreva,  
                  nem mais escura sorte!...  
— a alma ainda mais negra do que a treva  
e o coração mais triste do que a morte!...*

(6-12-1884)

## VOX ANIMAE

*Esp'rança da minha alma constelada!  
Os affectos suavíssimos que espelhas  
uni-los-ei aos brilhos da alvorada  
como os lírios à boca das abelhas.*

*Mas não fujas do sonho que me abraça,  
porque então a existência fica triste,  
como a hora maldita em que impeliste  
o Proscrito da sombra da tua asa.*

*Qualquer planta rebenta, existe e cresce,  
nesse banho de luz que o campo implora  
até que a seiva foge e ela emurchece...*

*Também eu vivo assim, em plena aurora;  
porém, se vais, esp'rança, me parece  
que se me parte a vida por'i fora!...*

(7-4-1885)

## ANIMI FLUCTUATIO

*O meu sonho de amor ficou perdido  
no caminho das lúcidas esferas;  
e ressequida a flor das primaveras  
bem desgraçado, a sós, tenho vivido.*

*No meu lívido peito enlanguescido  
— um cemitério de ilusões austeras —  
também tu, ó Saudade, me exasperas  
a amargura de um último gemido...*

*E esta saudade vai-se alimentando  
mais triste do que Dédalo, vagando  
de Creta no famoso labirinto...*

*Mas quem me diz que outro viver mais duro  
não desejo trocar para o futuro  
por todo este sofrer que agora sinto?!...*

(30-9-1885)

*Poesias Recolhidas*

*da*

*Ilustração Portuguesa*

*(1885-1887)*

NOTA — A *Ilustração Portuguesa* publicou, nos mesmos anos, além das aqui recolhidas, as seguintes produções que o poeta incluiu nos «Versos da Mocidade»:

*Opticismo, Liras, Noite de Núpcias, No quarto de Laís*, quatro «Orações do Amor», com o título geral *De um Poema Íntimo, e Romanticismo*.



## FORMA GREGA

*Num molde de finíssima beleza  
mostrava-me um artista, entre as figuras  
de imortais e correctas esculturas  
das nobres de Estambul e de Veneza*

*— soberba nos encantos de Friné  
que o espírito de Atenas copiara,  
uma altiva mulher — estátua rara,  
a mais formosa nesse atelier.*

*Surpreso da potente maravilha,  
desejei indagar quem fosse aquela  
cujo olhar precioso nos humilha...*

*E o grande artista, abotoando a blusa,  
me disse alegremente que essa bela  
era o retrato olímpico da Musa!...*

(19-1-1885)

## FLORES ÍNTIMAS

*Recordações suavíssimas de outrora,  
se vindes como lágrimas fugidas  
desse Mar da Desgraça, e repelidas  
para o seio febril que vos adora;*

*se, quando vos ergueis, a luz da aurora  
não bate nessas faces compungidas,  
vagai no vosso mar, vagai perdidas,  
convosco sofre mais quem tanto chora...*

*Trazieis-me essa imagem tão amada?  
Sois ruínas de velhas ilusões,  
Para nada servis, não valeis nada.*

*Levai-a para as frias solidões...  
Não quero, não, a Imagem constelada,  
Deixai-me em paz, deixai, recordações...*

(22-6-1885)

## PELO AZUL

*Alucinado sonho de alegrias!  
Ter lembranças de ti, como não há-de  
A alma que transpira mocidade  
Embalada no berço das orgias?!*

*Mas não viesses nunca, se partias  
Tão rápido, co'a mesma hilaridade,  
Talvez a demandar a imensidade,  
Lá onde existe o Sol, a Noite e os Dias...*

*Bem sabes que o meu peito é sempre firme;  
Eu adoro-te, ó sonho, vem sorrir-me,  
Preciso de esquecer-me da Amargura.*

*Tens tempo de voar, podes voar  
Quando o meu corpo lívido baixar  
À sombria mudez da sepultura.*

(16-5-1887)

## MÁGOA TRAÍDA

*Naqueles olhos vivos e formosos  
Como as dalias azuis da Alacridade,  
Paira uma ingente e livida saudade,  
Muito embora rebrilhem venturosos.*

*Onde ela existe não existem gozos;  
Na sua alma não passa a claridade;  
Mas no entanto, ao sorrir-se, quem não há-de  
Desejar-lhe os encantos gloriosos?...*

*Sofre tanto, meu Deus, e tão oculta,  
Que quanto mais encobre a dor pungente,  
Mais essa dor o coração lhe avulta.*

*Também do Sol rebenta o cataclismo...  
E quem dirá que um prado florescente  
Pode esconder a boca dum abismo!...*

(30-5-1887)

## DOIS CADÁVERES

(Pai e Irmão)

### I

*De noite pelo escuro dos espaços,  
Quando nem luz a estrela, de repente,  
Como se fora um sonho que não mente,  
Vejo uma Sombra que me estende os braços.*

*Chorai, meus olhos húmidos e baços,  
Que eu sei quem és, ó Sombra persistente,  
Porque nunca de um pai o filho ausente  
Pode esquecer os merencórios traços.*

*Ó vida, ó luz do Azul, já não me alegras!  
Só chove pranto dessas nuvens negras  
E nesta imensa dor tudo me vai...*

*Quando eu morrer desejo a mesma terra,  
Pois que bem deve a campa que o encerra  
Conter um filho junto de seu pai!... (1)*

---

(1) Soneto escrito em 1883. Vem incluído na obra de M. Andrade «O Poeta António Fogça», pág. 20 e 21.

II

*E vede se o meu fêretro não há-de  
Buscá-lo brevemente, — triste espelho! —,  
Pois quando sobre um túmulo ajoelho,  
Chora lá dentro um duo de saudade.*

*Não sabeis?... É que a Sombra com piedade  
Dissera a meu irmão: «Toma um conselho,  
João, anda guiar o pobre velho  
Pelos caminhos vãos da Eternidade!»*

*Ele partiu. E então vi minha mãe,  
Seguindo a Desventura, como quem  
Vai resgatar os mortos com seu pranto.*

*Quando eu morrer, desejo a mesma terra,  
Pois que bem deve a campa que os encerra  
Conter quem sobre a campa os amou tanto!...*

(20-6-1887)

*Poesias que se encontravam  
inéditas e foram  
recolhidas no livro  
«O Poeta António Fogaça»  
de  
Miranda de Andrade*





## REQUERIMENTO

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Superiora

*Diz António Maria Gomes,  
Conhecido por Fogaça,  
Que p'ra viver descansado,  
Por desejo genuíno,  
Ven solicitar a graça,  
De mesmo como criado,  
Neste colégio Ursulino  
Ser admitido já.*

*E sabendo que há lugar,  
Mas que difícil será  
Logo de vago encontrar  
Um, que seja de seu gosto,  
Das senhoras, à vontade:  
Isto é, ou escudeiro  
Ou moço de refeitório.*

*Mas requer, por caridade,  
Que sempre seja o primeiro  
Se o lugar de dormitório  
Não estiver preenchido.*

*E despachado o pedido  
A verdadeira justiça,  
Espera, que se lhe dê,  
Pois até ajuda à missa,  
Tudo fazendo de graça.*

*E receberá mercê  
O requerente Fogaça.*

Coimbra.

14-12-1880.

EU AMO AS FOLHAS SINGELAS...

*Eu amo as folhas singelas  
Que, na roseira nascidas,  
Andam na aragem perdidas,  
A correr, par'cendo estrelas.*

*Eu amo a noite e o luar  
Eu adoro a madrugada,  
Amo a Natura dourada  
E as ondas do manso mar.*

*Eu gosto de ver o sol  
Entrando nos arvoredos,  
E são meus encantos ledos  
Ver abrir o arrebol!*

*E gosto do azul do céu  
Às horas do meio dia...  
E amando, sinto alegria  
Renascer no peito meu!*

## NA CAMPA DE MINHA IRMÃ

*No mundo dos espíritos eleitos  
pelo Senhor, já livres de amargura,  
junto ao trono da aérea formosura,  
onde Alguém colhe os corações, desfeitos;*

*— paraíso sem dor, nem preconceitos,  
sem um traço sequer de névoa escura,  
que ao enviar-nos sua luz de altura  
nos enche de saudade nossos peitos;*

*nesse Templo de amor e claridade,  
de eterna glória e eterna liberdade,  
— róseo mundo que a vida em nada iguala*

*e onde tudo ajoelha aos pés de Deus;  
lá, na esfera a que enfim chamamos — Céus,  
é que todos devemos procurá-la!...*

3-1-1887

*Outros Poemas*



## À TUNA COMPOSTELANA

*Os nossos corações pertencem-vos, artistas,  
Mocidades de Abril, esplêndidos boémios,  
Que empunhais nobremente o facho das conquistas!  
Vós havéis de sentir gravada na memória  
— Vós, amigos, que sois os nossos irmãos gémeos—,  
De tanta alma ruidosa as notas imprevistas  
E estes cantos de festa e estes brilhos de glória.*

*Convulsiona-se agora o nosso pensamento,  
E eu julgo ver descendo em forma de visão,  
Sobre a vossa cabeça, à flor deste momento,  
A gratidão e o ardor dos nossos corações,  
    Um rasgo de bondade  
    Entre as canções mais belas,  
Como se um Deus descesse a rir do firmamento  
E num delírio bem cheio de majestade  
    Vos coroasse de estrelas.*

*Acorda-me o clamor dessa harmonia estranha  
Que sabeis desferir, algum éden oculto,  
Onde habita em segredo um misterioso vulto,  
Que se anima aos clarões do céu azul da Espanha.*

*Ouço as fadas cantar valsando entre as ruínas...  
Sonho balcões em flor; e aparições graciosas  
— Num poente franjado à renda das neblinas —  
Rescendendo à violeta, aos lírios e à hautilha.  
Passam junto de mim, de súbito, nervosas,  
Com seus rostos gentis envoltos na mantilha.*

*Outras vezes, então, perdida na vertigem  
Alucinadamente a fantasia enreda  
Um trono singular, um trono de oiro e seda  
Colorido, vibrante, esplêndido, sereno,  
Que no trono de Deus tivera a sua origem  
E dele se afastou só pelo achar pequeno.*

*O trono é colossal e imenso todo em sóis,  
A Alegria é quem traja o manto de Rainha.  
Por toda a parte se ouve a voz dos rouxinóis;  
E os sons aventureiros,  
Dignatários febris e fúlgidos guerreiros,  
Num prazer quase eterno,  
Têm em sinal de paz a espada na bainha  
E na dextra pujante a taça do Falerno.*

*A Alegria vai dar a altiva recepção.  
Todo o sangue reflui ao nosso coração  
Tomado de surpresa, do fulgor dos diamantes;  
E nos mesmos instantes  
Em que ela surge avara, simples e formosa,  
E as mil cintilações redobram nos espelhos  
Caem junto a seus pés — que são hastes de rosa —,  
Os Artistas de joelhos.*



*Amigos, perdoai. Tudo isto me recorda  
Quando vós descobris as notas diamantinas  
Que se occultam talvez numa pequena corda  
Ou se escondem melhor nessas almas divinas.*

*Em nós encontrareis os braços e o carinho,  
Operários no afã dum tecto hospitaleiro.  
Não temos mais; porém, amigos, descansai,  
Descansai  
Como as águias que vão ao longe fazer ninho  
A um país estrangeiro.*

*Se há peito que só tenha um pequenino affecto,  
Se há coração que pulse apenas num alegre,  
Se o sonho é para alguém nas formas incompleto,  
Se há ainda algum fervor sob este trajo negro,  
Se a virgem da Beleza, a doida Sacrossanta,  
Nos faz seguir no azul a sua aérea coorte,  
Se algum hino guerreiro ainda nos suplanta,  
Entusiasta e febril, como as canções do Norte,  
Se um desejo sequer suavíssimo e veloz  
Só para vos saudar tem cantos idealistas,  
Sinceramente, agora é tudo para vós,  
É tudo para vós neste momento, Artistas!*

*Por isso, no prazer magnético de ver-vos,  
Ó boémios do Amor, nós, èbriamente escravos,  
Sentimos a expansão vibrando-nos os nervos,  
Em febre, a rebentar, numa explosão de bravos!*

(Poesia recolhida do semanário ilustrado «Branco e Negro», de Lisboa, n. 72, a. II, de 15-8-1897).

## INTERMEZZO

*As minhas alegrias*

—Um poema ideal do meu amor,  
Que não continha em si feições sombrias  
A macular-lhe os cantos sem valor—,

*fundaram tristemente*

Como tudo que é bom e que deixamos.  
Não te quisera tanto tempo ausente!  
É tão triste não ver a quem amamos!...

(Do álbum da Ex.<sup>ma</sup> Família  
do Sr. Dr. António Queirós)

## NUM ÁLBUM

*Eu gosto muito de vê-la,  
minha Senhora.  
Perdão, se lhe chamo estrela,  
que vence a aurora...*

*Não têm as filhas do gelo  
nada melhor;  
nem têm melhor o cabelo,  
nem melhor cor.*

*Nessas olheiras guardadas  
— olhos do sul...  
lembram dois mantos doirados  
com franja azul.*

NOTA — Esta poesia, a seguinte e os três poemas em prosa, existentes na biblioteca e arquivo do Sr. Dr. João de Castro Osório, foram muito gentilmente cedidos pelo distinto Poeta e Escritor para este Livro.

*Ainda que busque, não vejo  
quem, bela e louca,  
guarde a doçura dum beijo  
como essa boca.*

*Dos pomos de nenúfar  
não sei que é feito...  
São dois segredos a par...  
Tenho respeito.*

*Quando lhe aperto essa mão,  
dítosas leis!  
que as fibras dum coração  
tornam anéis.*

*Se os seus pèzitos, em suma,  
me ponho a olhar,  
julgo que poisam na espuma,  
sem a quebrar.*

*Por isso eu gosto de vê-la,  
vencendo a aurora...  
Pérola, densa ou estrela,  
minha Senhora...*

(Poesia publicada na revista «A Academia de  
Coimbra», n.º 6, de 8-4-1886)

## DEUSA

*Penso que ela nasceria  
Entre as espumas do mar,  
Toda envolta no luar  
Das noites de Andaluzia.*

*Contudo, alguém assevera  
Que a nossa gentil formosa  
Nasceu dum botão de rosa  
No seio da Primavera.*

*Fascina como as Visões!  
Encanta como as sereias!  
O seu gesto tem cadeias,  
Naquela voz há prisões.*

*No entanto, rosa tão pura,  
É triste como a violeta.  
Até lhe chama um poeta  
A encarnação da Amargura...*

(Poesia publicada na revista «Boémia Nova»,  
n.º 6, do ano de 1889)

## O PRIMEIRO ABRAÇO

(A Silvestre Falcão)

*Quando Luísa nasceu sua mãe lançara-lhe, creio que em volta do colo de pequeno cisne, um fio delicadíssimo de oiro com uma valiosa pérola cor de luar. Nunca esse fio se lhe desprendera um momento... Luísa crescia e, na placidez do seu contorno adorável, a pérola brilhava sempre.*

*Dormia num leito encantador, entre nuvens de aroma e rendas finas de espuma: num leito que se diria feito de nenúfar e de rosas; mas uma noite sonhou que alguém se aproximara do seu berço de fada, tentando roubar-lhe aquela formosa pérola, que ela segurava, já quase morta de medo. E foi este sonho terrível o primeiro desgosto para Luísa.*

*Quando Luísa se sentiu mulher, começou de cismar no seu futuro longínquo. Um vulto lhe estendia os braços, chamando-a, da meia sombra das ilusões doiradas. Bom Deus! Apesar de que a magoava bastante a ideia de privar-se da jóia querida, como daria o fio de oiro com essa valiosa pérola, só para colher um beijo ardente duns*

*lábios que a deviam esperar ansiosos! E foi esta inconsciência de um amor não satisfeito o segundo desgosto para Luísa.*

*Mas uma noite encontrou-se junto do altar. Dava a mão a um rapaz que adorava e que era decerto aquele vulto de outrora. O Padre abençoara-os. Quando saíam da Igreja, bandos de raparigas tapetavam o caminho de lírios e flores de laranjeira, cantando alegres. E em Luísa brilhava então como nunca a formosa cor de luar.*

*Num recinto nupcial, iluminado e plácido, achava-se agora Luísa presa duns braços robustos. Eram, na verdade, os mesmos que a procuravam há muito para lhe darem esse primeiro e desejado abraço: mas tanto o esposo a apertava junto do coração que se quebrou para sempre o fio de ouro, perdendo-se com ele aquela preciosa pérola... Então, ignorante ainda, trémula, curvando a cabeça para os seios e mesmo quase gloriosa em condescender com esse crime do seu festivo noivado, ela repetia baixinho ao esposo, tranquilizando-o:*

*«Tinba de ser, tinba que quebrar-se, meu amor!...»*

*E nem sei porquê, mas não foi com certeza esse crime o terceiro desgosto para Luísa.*

*Coimbra.*

(Poema em prosa publicado na revista «A Academia de Coimbra», n.º 4, de 25-3-1886)

## A MÃE

(Ao Dr. António de Vasconcelos)

*Como um formoso cedro do Libano, eu conhecia-a ainda ativa e loira com os seus cabelos radiosos, com os seus belos olhos febris. E escutei-lhe, então, a história triste do seu filhinho adorado:*

*— Como um lírio, como o fruto dum pomar delicioso e tenro, o seu filhinho nasceu para que aos olhos se lhe abrisse a Natureza em festa; pois que era um dia iriado de sol, cheio de glória.*

*— Mas como era um dia cheio de glória, os primeiros vagidos do seu filhinho uniram-se aos cantos das aves, que chilreavam alegres. Não admirava; por esse tempo construíam as aves os seus ninhos flácidos de plumagens doces.*

*— Como esses ninhos flácidos de plumagens doces, também ela enfeitara o berço do seu filhinho. Se era tão bom trazê-lo junto dos seios, amamentá-lo, enchê-lo de carícias e beijos!*



— Porém, essas carícias e beijos sentiram uma vez aquele pequenino corpo gelado. Quiseram aquecê-lo, chegando-o muito a si, mas nada conseguiram. Foi então que ela se lembrou de que o inverno se aproximava.

— Como o inverno foi rigoroso, o seu filhinho não resistiu e a flor da vida murchou-se-lhe. O pequenito morreu sem um gemido, como as plantas, como um sonho, como o fruto dum pomar delicioso...

No entanto, esse pomar delicioso — ela —, que eu conheci altiva e loira, pouco tempo existiu sem que a levasse a saudade... Sim! Ela também morreu sob o inverno, quando a Natureza já não estava em festa e as aves não cantavam, como se um braço desconhecido derrubasse, sem mágoa, um formoso cedro do Libano!...

(Poema em prosa publicado na revista «A Academia de Coimbra», de 1 de Abril de 1886, — ano I, n.º 5 —, e reproduzido no Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris, de Julho de 1964).

## NA CONCHA DE VÊNUS

(a E. Sanchez da Gama)

*O marinheiro havia sido incansável. Acostumado ao mar e aos grandes riscos, assaltara sem medo, como um faminto, todos os jardins da cidade, onde colhera flores delicadíssimas, cheias de frescura e de aromas.*

*Aquelas flores eram para enfeitar o pequeno batel, que trouxera de Itália e que também se acostumara ao mar e aos grandes riscos.*

*Ele conduzira a bordo plantas duma alvura inexcelsável; levara também violetas e lírios, folhas de begónias raras, peonias e camélias variadas, hastes de hera, flores de magnólia.*

*Enfim, tornou-se o pequeno batel tão delicioso, tão delicadamente enfeitado, que o perfil do marinheiro destacava nele como uma soberba estátua de bronze.*

*Tudo aquilo era para o seu noivado; para a fuga de Berta estremecida; tudo aquilo era para essa que ele*

*trazia sempre no coração, quer andasse em longínquas viagens sobre as águas, quer escalasse a sua varanda inflorada por entre a escuridão silenciosa, ao olhar das estrelas.*

*Berta dissera-lhe, quando combinavam a fuga:*

*«Olha, leva para o batel um ramo de flores; desejo que se murche enquanto nós nos beijamos, para que depois nos fique como recordação desse dia».*

*Porém, ele há muito que pensava em oferecer-lhe mais do que um ramo; dar-lhe-ia o seu amor sobre esse leito excepcional de rosas e perfumes, no alto mar agitado, por uma noite morna, de luar, de sons, de volúpia estonteadora e flácida...*

*E foi assim que, entre as espumas revoltas, já quase ao botão duma madrugada harmoniosa do Estio, caíram as tradições fidalgas de Berta — essa caprichosa de amor e de beleza — entregue para sempre nos braços robustos dum homem do mar, que nada mais tinha do que a sua rude coragem e o seu imenso coração de amante...*

(Poema em prosa publicado na revista «A Academia de Coimbra», n.º 7, de 15-4-1886).



*A Dália*

*Conto publicado  
no*

*Tribuno Popular,  
de Coimbra,*

*em 3-3-1886*



## *A Dália*

Havia horas que seguíamos juntos conversando intimamente, quando o nosso conhecimento fora apenas um desses encontros do acaso que nas viagens sucedem com frequência.

Não sei como — afeiçoara-me àquele pobre moço que se me apresentou sincero na firmeza das suas palavras e pude notar que nos compreendíamos.

Expressava-se bem, fazendo transparecer no gesto uma lembrança magoada que parecia preocupá-lo bastante e que mais se acentuou quando, depois de termos falado nesses velhos amores que nos haviam há muito acenado do fundo dos corações, me disse triste:

— Não sabe? Nunca amei verdadeiramente senão a Loirita. Se a conhecesse... Devo contar-lhe tudo: é uma história obscura que nada pode interessar a estranhos, mas de grandes recordações para alguém que julga ter encontrado um amigo hoje. Quer ouvir-me?

E, como lhe acenasse afirmativamente com a cabeça, continuou:

— Encontrei-a na praia pela primeira vez. Não tinha ainda amado, mas nesse instante senti a força

dum sentimento desconhecido, uma nova poesia na minha vida de rapaz, que eu antevia sonhando como miragem fugidia num esplendor de sorrisos. Encantava-me aquela mulher e convenci-me da impossibilidade de deixar de adorá-la sempre. Pres-tes a retirar-se, tanto me aproximei dela, que me roçou pela mão o seu vestido, e então pude dizer-lhe:

— «Quero-lhe muito, creia-me; se de seus lábios me não desce a esperança, desgraçado de mim!»

Mas custou-me que a Loirita se entristecesse quando eu lhe disse isto.

\*

\* \* \*

Afiz-me a vê-la sempre, passando à sua porta, em caminho para o mar, nas madrugadas serenas de Agosto para enviar-lhe a simpatia deste amor sagrado e puro e a enorme saudade das impressões atraentes que me havia deixado o seu vulto gentil.

E nunca mais se me varreu do espírito aquela visão deliciosa: os seus cabelos loiros e compridos, seus olhos cor de céu com cintilações de estrelas, nariz levemente curto e a boquinha vermelha, pedindo beijos... Tornou-se tudo na minha existência aquela vida; porém, com o silêncio pungia-me tanto, que fazia crescer continuamente, como um desejo oprimido, o imenso affecto desdenhado e louco.

Quanto era invejável a varanda do seu quarto, emoldurada de trepadeiras e flores — seus últimos



---

# A MÃE

(AO DR. ANTONIO DE VASCONCELLOS)

---

Como um formoso cedro do Libano, eu conhecia-a ainda altiva e loira com os seus cabellos radiosos, com os seus bellos olhos febris. E escutei-lhe, então, a historia triste do seu filhinho adorado :

— Como um lyrio, como o fructo d'un pomar delicioso e tenro o seu filhinho nasceu para que aos olhos se lhe abrisse a Natureza em festa ; pois que era um dia iriado de sol, cheio de gloria.—

— Mas como era um dia cheio de gloria os primeiros vagidos do seu filhinho uniram-se aos cantos das aves, que chilreavam alegres. Não admirava ; por esse tempo construíam as aves os seus ninhos flacidos de plumagens dôces.—

— Como esses ninhos flacidos de plumagens dôces tambem ella enfeitara o berço do seu filhinho. Se era tão bom trazel-o junto dos seios, amamental-o, enche-l-o de caricias e beijos ! —

— Porém essas caricias e beijos sentiram uma vez aquelle pequenino corpo gelado. Quizeram aquecel-o, conchegando-o muito a si, mas nada conseguiram. Foi então que ella se lembrou de que o inverno se approximava. —

— Como o inverno foi rigoroso, o seu filhinho não resistiu e a flôr da vida murchou-se-lhe. O pequenito morreu sem um gemido, como as plantas, como um sonho, como o fructo d'un pomar delicioso !... —

No entanto, esse pomar delicioso — ella — que eu conheci altiva e loira, pouco tempo existiu sem que a levasse a saudade... Sim ; — ella tambem morreu sob o inverno, quando a Natureza já não estava em festa e as aves não cantavam, como se um braço desconhecido derrubasse, sem magua, um formoso cedro do Libano !... —

ANTONIO FOGAÇA.

REPRODUÇÃO FAC-SIMILADA DO POEMA EM PROSA «A MÃE»  
(POR AMÁVEL CEDÊNCIA DA DIRECÇÃO DA ACADEMIA  
PORTUGUESA DE EX-LIBRIS)



cuidados da noite e talvez a primeira constância daquela alma! Deveriam ter passado ali as concepções amorosas de Shakespeare, como a pomba da Fantasia esvoaça sobre as ogivas em ruína dos castelos aéreos dos poetas.

\*

\*

\*

Uma tarde, ao sol posto, hora religiosa e fria, pareceu-me estar cismando ao ver os dois irmãozitos brincar ao seu lado, risonhos e alegres. E — quem sabe? — talvez pensasse que as criancinhas, desprendidas do sonho e do amor, não podiam deixar de sentir a alegria derramar-lhes no coração, pois que é luz nessas tenras plantas e canto nos rouxinóis...

Mas só para ela é que jamais havia alegria! Ao passar junto à varanda, disse-lhe ainda com a angústia suprema que senti a arreigar-me no peito:

— «Quero-lhe muito, creia-me; se de seus lábios me não desce a esperança, desgraçado de mim!»

\*

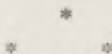
\*

\*

Vinham do monte as moças do lugar com bilhas de água fresca, enfeitadas a folhas verdes de heras e loureiros, cantando numa toada graciosa os estri-

bilhos dos campos. E num lance de receio os olhos de Loirita encontraram os meus e foram depois seguindo pela estrada o bando festivo das cantoras, como se um vago pressentimento lhe enublasse o coração e a vista.

Na verdade, quão felizes as boas pobrezinhas!...



Em seguida, lançando-me aquele olhar piedoso duma amargura sublime, colheu a dália mais formosa que na cultura afagara, e beijando-a com tristeza arremessou-a para a rua, como a asa dum sonho, que abandonasse ao vento. Eu apanhei-a sôfregamente, toquei-lhe com os lábios roxos, ardendo em febre, porque ansiava já sentir o calor desse beijo bendito e aspirar também, a longos tragos, toda a essência da delicada flor.

Mas — ah! — aquela pobre dália branca, bela na contextura gelada, não falava a linguagem mimosa dos Aromas.

Como a sua dona era silenciosa e pálida, dir-se-ia não lhe ter passado nas pétalas um hálito sequer.



E então eu vi a Loirita convulsa, parecendo querer encher os olhos com a minha sombra, acenar-me num adeus tristonho e desaparecer na varanda

com o rosto caído entre as mãos pequeninas, como para ocultar a sua desgraça. Num momento, quis compreender tudo... Como a dália sem aroma, também ela, a minha estremecida Loirita, era formosa, mas imperfeita...

Perdera a voz em criança. Soube-o tempos depois, quando me falavam dela com saudade e me asseveraram que aqueles vinte anos definharam dia a dia como que esmagados pela perpetuidade dum cárcere. Seria, portanto, baldado o meu pedido, desditoso o meu sagrado amor! E, certamente, era isto o que ela me queria dizer nesse profundo adeus — que eu não esquecerei nunca!

\*  
\*            \*  
\*

Quando entrei no meu quarto, senti-me preso dum cansaço terrível e, lançando-me para o leito, não me lembro do tempo que estive chorando... Porém, só tarde, depois que essa dália murcha me fez recordar a morte, é que eu cismei na inconsciência cruel das minhas sinistras e esmagadoras palavras:

— «Quero-lhe muito, creia-me; se de seus lábios me não desce a esperança, desgraçado de mim!»

E nunca mais se me varreu do espírito aquela visão deliciosa!...



11





*AS COMEMORAÇÕES  
DO CENTENÁRIO*



## As Comemorações do Centenário

A fim de levar-se a efeito uma condigna comemoração da passagem do primeiro centenário do nascimento do poeta António Fogaça, a Câmara Municipal de Barcelos, em sua sessão de 14 de Maio de 1963, tomou a deliberação de realizar os seguintes actos oficiais:

- 1) Colocação de uma lápide na casa em que nasceu o Poeta;
- 2) Uma sessão solene no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em que fosse evocada a memória do autor dos «Versos da Moicidade» através da palavra de entidades de reconhecido mérito intelectual.

Não tendo sido possível efectuarem-se tais actos comemorativos no próprio dia em que ocorrera a passagem do centenário — 11 de Maio de 1963 —, foi resolvido que eles se realizassem alguns meses

depois, em data próxima daquela em que, há 75 anos, falecera em Coimbra o poeta barcelense: 27 de Novembro de 1888. E, assim, ficou designado o dia 30 de Novembro para tal fim.

## NA CASA ONDE NASCEU O POETA

Junto da casa em que veio ao mundo António Fogaça, situada ao fim da rua de Manuel Pais —, casa que pertence actualmente à Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Amélia Sá Carneiro de Cardoso Lopes —, reuniram-se muitas individualidades e diversas agremiações barcelenses, no referido dia 30 de Novembro do ano findo, pelas 16 horas, para assistirem à cerimónia do descerramento da lápide afixada na frontaria da mesma casa e alusiva ao facto de nela ter nascido o autor dos «Versos da Mocidade».

O acto foi presidido pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil do Distrito de Braga, Dr. Francisco Leandro Pessoa Monteiro, e teve a assistência dos Srs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, respectivamente Dr. Luís Fernandes de Figueiredo e Dr. Vítor António Marques Júnior; Prof. Doutor Joaquim Nunes de Oliveira, Deputado da Nação; Dr. Vale Miranda, vereador do pelouro da Cultura e outros vereadores; Prior da Matriz de Barcelos; Director, Professores e alunos da Escola Industrial e Comercial de Barcelos; Professores e alunos das escolas primárias Gonçalo Pereira; filiados da

Mocidade Portuguesa; Bombeiros de Barcelos e de Barcelinhos, com os respectivos estandartes; educandas da Casa do Menino Deus; diversas associações desportivas e recreativas, bem como numerosas pessoas de todas as camadas sociais. Abrilhantou a cerimónia a Banda Musical da Casa dos Rapazes.

Recebidas amavelmente pela Ex.<sup>ma</sup> Família Cardoso Lopes, as entidades oficiais subiram a uma varanda, onde usou primeiro da palavra o Sr. Presidente da Câmara para agradecer a honrosa presença do Senhor Governador Civil, a comparência de tantas individualidades e de tão numeroso público, apesar da inclemência do tempo, a um acto de justiça, cujo significado enalteceu, e para convidar o Sr. Dr. Francisco Pessoa Monteiro a proceder ao descerramento da lápide evocativa do nascimento do ilustre poeta barcelense, há cem anos, naquela habitação da encantadora cidade do Cávado.

Na lápide, que se encontrava coberta com a bandeira de Barcelos, uma vez descerrada, pôde ler-se a seguinte inscrição, a letras de ouro:

«Nesta casa nasceu, no dia 11 de Maio de 1863, o insigne Poeta António Maria Gomes Fogaça, autor da obra «Versos da Mocidade»

— C. M. de Barcelos 30-11-1963».

Em seguida, foi dada a palavra ao Sr. DR. FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE, conterrâneo do Poeta,

cuja biografia traçou carinhosamente no único livro existente sobre ele. Afirmou, dirigindo-se aos barcelenses presentes:

«Há cem anos, nasceu nesta casa António Maria Gomes Fogaça, um alto espírito que se tornou alguém no mundo das letras portuguesas, e que pôs toda a sua alma e todo o seu talento literário num livro que jamais se esquecerá e tem o nome de «Versos da Mocidade».

A Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Barcelos não quis, e honra lhe seja, deixar de assinalar a passagem do centenário do nascimento desse magnífico Poeta e, entre as comemorações que projectou levar a efeito, decidiu mandar colocar na fachada deste edificio, onde balbuciou uma das mais harmoniosas vozes da Poesia nacional, uma lápide que testemunhasse o facto e o recordasse pelos tempos fora...

Eis por que nos encontramos aqui reunidos. E a vossa presença neste acto tão simples mas tão significativo, demonstra o vosso acrisolado amor pela terra barcelense, por este privilegiado canteiro da bela província a que pertencemos, e demonstra igualmente o vosso interesse e o vosso carinho pelos homens ilustres que enobreceram a terra que lhes foi berço.

Esse interesse e esse carinho merece-os inteiramente António Fogaça, que nos seus belos versos não deixou de sentir a poesia que se evola de cada recanto da nossa querida terra, do seu bucólico rio, da paz das suas noites de luar, dos seus verdes campos, dos seus frondosos arvoredos e perfumadas flores. Merece-os pelo elevado sentimento que pôs nas suas

admiráveis produções líricas e na arte com que as soube realizar, a ponto de ser considerado por um seu companheiro muito amado, o grande António Nobre, como um poeta com alma e com talento, o único que no seu tempo, em Coimbra, tinha verdadeiramente alma e talento.

Bem hajam todos por terem comparecido nesta breve cerimónia consagrada a um dos grandes da nossa terra, cujo valor vai ser exaltado pelo nosso comprovinciano e ilustre escritor Sr. Dr. Amândio César, um dos mais brilhantes espíritos da moderna geração, também distinto poeta, que quis ter a gentileza cativante de tomar parte nesta homenagem, afirmando com a sua presença e com a sua palavra quanto admira o autor dos «Versos da Mocidade». Vai fazê-lo mais uma vez, porque já na Rádio e na Imprensa teve a oportunidade de afirmar essa admiração em termos que profundamente obrigaram para sempre todos os barcelenses.

Oiçamos, pois, as autorizadas palavras do distinto e culto crítico literário Sr. Dr. Amândio César, a quem eu, pessoalmente, e em nome da Comissão Promotora desta Homenagem, apresento amigas saudações e, desde já, o mais vivo e sincero agradecimento.»

Após um breve intróito, em que falou de improviso acerca da sua condição de minhoto e das razões justificativas da sua presença neste acto de homenagem a um poeta tam-

bém minhoto, nascido em Barcelos, junto do Cávado, cujas belezas não deixou de cantar, o

#### DR. AMÂNDIO CÉSAR

proferiu uma vibrante oração em que, incisiva e eloquentemente, declarou:

«Há muitos anos, um grande Poeta — António Botto —, ao escrever ou evocar, em versos a que deu o título de «Poema de Cinza», a memória do grande demiurgo da moderna poesia portuguesa — Fernando Pessoa —, teve esta imagem inspirada: *«E junto do amigo grande que perdemos! Fiquemos uns instantes a cantar!»*

Hoje, aqui, diante da mansão onde nasceu António Fogaça e na qual foi aposta uma lápida, eu lembrei o poema do autor de «Canções», para à sua semelhança e a seu conselho ficarmos, como admiradores de António Fogaça e como seus amigos, no tempo, uns instantes a cantar, já que é festiva a data que aqui nos traz e nos reúne, já que é de júbilo esta singela memória. Pois o liame que, aqui, nos agrupa ou que nos trouxe em peregrinação foi o facto bem simples do nascimento de uma Vida, Vida que ao diante se desdobraria na personalidade rica de sugestões e de validade poética sensível.

Bem sei que a passagem de António Fogaça pela terra foi bastante curta. Mas, nem mesmo assim, despida da persecutória garra do infortúnio! Quase é verdade aquilo que um dia Fernando Pessoa anteviu ou profetizou ao seu pessoal gosto de adivinhar os



destinos cabalísticos ou talhados para a sorte incerta: «*Os deuses vendem o que dão. | Compra-se a glória com a desgraça. | Ai dos felizes porque são | Só o que passa*».

Exactamente o poeta que aqui lembramos comprou a glória com a desgraça. Foi uma personalidade que viveu o fogo fátuo do tempo como se os olhos se lhe cerrassem, mal os abria para a vida promissora. E, no entanto, na sua curta existência ele realizou, ele deixou-nos um espólio literário que vale por si, de nada lhe servindo o valor sentimental de ter morrido jovem, como acontece a tantas reputações literárias, o que tão repetidamente se verifica na história literária da nossa gente.

Efectivamente, o autor de «Versos da Mocidade» nada deve ao infortúnio da morte, senão esse mesmo infortúnio. E isso só respeita aos seus familiares, aos seus colegas de Coimbra e companheiros de geração.

Tal como diria Rainer Maria Rilke sobre ele, nós poderemos apostrofar: «*Oh trágica maldição dos poetas!*» ou então, como o mesmo poeta de língua alemã, «*Onde pousei os olhos as rosas secaram logo*». Mas isso em nada impediu ou isso não foi impeditivo de que António Fogaça — o poeta que nasceu nesta casa arrabaldina de Barcelos — escrevesse esses ímpares poemas das «Orações de Amor» que o marcaram para a posteridade como um dos grandes poetas do seu tempo. Não um poeta a haver com o tempo que fizesse e isto nas reacções que se processassem caso a sua obra fosse incipiente.

Nessas «Orações do Amor» está o melhor que António Fogaça nos deixou e está, por certo, o melhor da sua rica personalidade poética, lançada para o futuro, personalidade que foi dignamente estudada e analisada por um escritor barcelense — o Dr. Francisco Miranda de Andrade — a quem se deve, em grande parte, a ressurreição do culto do Poeta, feita através desse volume magistral de biografia, crítica e ensaio que leva em título este nome «O Poeta António Fogaça». O volume foi publicado em Braga, em 1949.

É aí que, coligido religiosamente — oh admirável virtude da admiração sadia e da amizade temporal! — se encontra todo o repositório dos fastos de António Fogaça, desde o seu nascimento a 11 de Maio de 1863 até às suas actividades escolares — interrompidas, transitòriamente, por uma curta experiência no funcionalismo público local, nesta cidade de Barcelos, da qual ele relembriaria longinquamente o rio Cávado «*sombrio, profundo, cismador*».

Depois, a incidir na sua vida e na sua poesia, a morte do Pai e, ao diante, a partida para Coimbra onde cursaria a Faculdade de Direito e onde a sua alma de poeta se abriria ao calor do clima intelectual da cidade por onde todos os grandes poetas portugueses passaram, desde Camões ao angustiante Antero cuja ressonância de carácter e de vate ainda estariam presentes quando Fogaça frequentou os Gerais, pisou as pedras claras da Via Latina ou calcorreou as ruas estreitas da Alta de então, nos luares românticos do Mondego, debruado de choupos

nostálgicos e sonhadores... É aí que o poeta minhoto priva com os grandes nomes da sua geração: Eugénio de Castro — o dos «Oaristos», Trindade Coelho — o de «Os Meus Amores», Antero de Figueiredo — o das «Jornadas em Portugal», Alberto Osório de Castro, António Feijó, Luís de Magalhães, Cunha e Costa e tantos, tantos outros, de que a memória se não recorda... Ele viveu o seu tempo e viveu a boémia da Coimbra romântica de então, essa que Trindade Coelho evocaria no já célebre ou desde sempre célebre «In Illo Tempore». Talvez esse apego à vida — nota dominante dos versos de António Fogaça — sirva para explicar a imediata maturidade dos seus poemas e a razão por que eles resistiram ao tempo e se têm conservado vivos no tempo, aguardando, apenas, uma reedição que no-lo devolva tal como ele é hoje, depois da sua poesia ter sido realizada num ontem que começou há cem anos, no momento em que aqui nascia, nesta casa enobrecida com o facto ou com as efemérides do facto que agora celebramos, e enobrecida, ainda mais, com a lápida que acaba de lhe ser aposta, diante de um povo jovem que vem coroar com a sua mocidade o que há de perene no Poeta que para título da sua obra não encontrou outro que não fosse isso mesmo: «Versos da Mocidade».

Sempre ligado à sua terra — se, em vida, António Fogaça cantou o rio onde se espelharam os seus olhos ávidos de resposta para as interrogações da adolescência, em morte, tornaria à mesma paisagem, ao mesmo húmus criador, por seu expresso

e anterior desejo, talvez renunciando a morte que o rondava insuspeitamente:

*Quando eu morrer desejo a mesma terra,  
Pois que bem deve a campa que o encerra  
Conter um filho junto de seu pai!*

Hoje, é a sua terra que o recorda e o recorda de molde a podermos todos augurar que Barcelos vai erguer a António Fogaça aquele monumento que a sua memória carece ou a que tem direito, pelo seu muito amor à Princesa do Cávado — exactamente! A reedição do seu livro e uma memória digna do seu estro são dois actos que eu espero da boa vontade dos barcelenses, podendo o segundo ser constituído por uma pública subscrição, de modo a que o monumento seja um acto de amor de Todos, sem excepção — indiferentes a grupos ou grupelhos que se degladiem, inglòriamente, nas pugnas políticas. Mas, assim mesmo, acto de amor de Todos — desde o anónimo popular à personalidade esclarecida e consciente — para que António Fogaça seja lembrado no futuro através da nossa admiração presente, neste acto, testemunhada.

E crede que no dia em que Barcelos, numa só vontade, realizar esse acto de amor, ficará nele concretizado o que um grande poeta escreveu, um dia, — poeta que morreu jóvem como Fogaça e que como Fogaça deixou uma reduzida mas valiosa obra poé-



NESTA CASA NASCEU  
EM 11 DE MAIO DE 1863  
O INSIGNE POETA  
ANTÓNIO MARIA GOMES FOGAÇA  
AUTOR DA OBRA  
"VERSOS DA MOCIDADE"  
C. M. BARCELOS 34-11-1913

INAUGURAÇÃO DA LÁPIDE, VENDO-SE, À ESQUERDA, O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA, NO USO DA PALAVRA, E O SENHOR GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO.



tica, o Carlos Queirós, que no «Desaparecido» nos profetizou:

*Poetas: esperemos com paciência!  
Que a Humanidade, um dia (quase morta,  
A míngua d'alma, a Civilização),  
Vergada ao peso inglório da ciência,  
Há-de vir mendigar à nossa porta  
A esmola duma canção!*

Por último, falou o SR. GOVERNADOR CIVIL para se congratular com a realização das comemorações da passagem do primeiro centenário do nascimento do notável poeta barcelense, tendo tido palavras de aplauso e elogio para a iniciativa da Câmara e para os oradores que, no simples mas significativo acto de inauguração de uma placa comemorativa do nascimento do Poeta, brilhantemente puseram em destaque o valor da sua figura e da sua obra no âmbito das letras nacionais.

## **NO SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO**

À noite, cerca das 22 horas, no grande e elegante Salão Nobre do Município, profusamente iluminado, efectuou-se a Sessão Solene, perante

numeroso e escolhido auditório, constituído por distintas Senhoras e muitas pessoas de elevada categoria social do meio barcelense, que, com a sua presença, quizeram associar-se à homenagem que a Edilidade resolvera prestar a um dos mais ilustres filhos de Barcelos.

Presidiu à sessão o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, que representava o Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil, impossibilitado de comparecer por motivo de serviço oficial na capital do Distrito.

Na mesa de honra, sentaram-se à direita do Senhor Presidente os Srs. Doutor Nunes de Oliveira, professor da Universidade do Porto e Deputado pelo círculo de Braga; Comandante da G. N. R. da secção de Barcelos; Dr. Francisco Miranda de Andrade, que representava a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; e à esquerda, os Srs. Dr. Mário Fernando Cerqueira Correia, Director da Escola Industrial e Comercial de Barcelos; Dr. Vítor Marques Júnior, Vice-presidente da Câmara ; Dr. Armando Vale Miranda, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, e Dr. Manuel Henriques Moreira, Delegado da Mocidade Portuguesa. Em lugares de honra, sentaram-se ainda, entre outras personalidades de destaque, os escritores Amândio César e Manuel de Boaventura, e, em lugar especial, o consagrado homem de letras José Osório de Oliveira, que aceitara o encargo, a convite da Câmara Municipal, de pronunciar uma conferência sobre António Fogaça na sessão comemorativa do centenário do seu nascimento.



O primeiro orador a quem se concedeu a palavra foi o

DR. MIRANDA DE ANDRADE

que proferiu o seguinte discurso:

«Ex.<sup>mo</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, representante do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Governador Civil do Distrito de Braga:  
Digníssimas Autoridades desta Cidade:  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Quiseram o Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Câmara Municipal de Barcelos e a sua ilustre Vereação honrar-me com a designação do meu nome para fazer parte da Comissão Organizadora da Homenagem ao Poeta António Fogaça, cujo centenário do nascimento ocorre no presente ano. E é nesta qualidade, como elemento da mesma Comissão, que neste momento e neste local, onde bate mais vivamente o coração de Barcelos, eu ergo a minha voz, que bem desejaria com o brilho bastante para não fazer diminuir o relevo que deve ter esta sessão solene, dedicada à memória de alguém que é um respeitado nome nas Letras portuguesas e um dos mais ilustres filhos da nossa querida Cidade.

Como homem consagrado, embora modestamente, ao cultivo das Letras e como natural desta formosa terra minhota, que me prezo de ser, saúdo o Senhor Presidente do Município e felicito-o pela decisão de levar a efeito actos de tanto realce na come-

moração do centenário do talentoso autor dos «Versos da Mocidade», aqui nascido, com efeito, em 11 de Maio de 1863 e falecido em Coimbra, em 27 de Novembro de 1888, com apenas vinte e cinco anos de idade, quando já as tubas da Fama começavam a soprar por todo o País o seu nome de Poeta e a Glória já lhe estendia os braços para o acolher em seu seio como um dos eleitos das divinas Musas.

Confesso que é grande o meu júbilo neste momento: não só por ter a felicidade de me encontrar no meio de corações barcelenses que batem em unísono com o meu, como ainda por ver que eles fazem, hoje, justiça a um espírito superior da sua Terra, a um dos seus melhores valores intelectuais, a um Poeta dotado da mais fina sensibilidade, a um artista do verso, em quem fàcilmente se descobrem ressonâncias de João de Deus, de Gonçalves Crespo e, até, de Camões, se bem analisarmos os seus conceitos ou escutarmos com atenção a sua frase eminentemente poética.

Bem merece esta homenagem dos barcelenses o barcelense António Fogaça, — de seu nome completo, António Maria Gomes Fogaça—, um dos melhores líricos desta terra, aliás fértil em talentos líricos. Ainda a poesia portuguesa balbuciava os seus «cantares de amor» e os seus «cantares de amigo» e já Barcelos dava ao lirismo nacional um espírito da envergadura de João Garcia de Guilhade, por alguns críticos considerado o melhor trovador da época de D. Afonso III, portanto da época áurea do trovadorismo lusitano. Mais tarde, e na era fecunda do Clas-

sicismo, avulta no campo das letras o Dr. António Vilasboas e Sampaio, senhor do Paço de Airó, desembargador da Relação do Porto, doutor a quem as Musas também não fizeram mal, pois não só escreveu uma notável «Nobiliarquia Portuguesa», obra histórica que ainda hoje tem o seu interesse e o seu valor, como também obras em verso, das quais merece destacar-se um saboroso «Auto da Lavradeira de Airó», mais écloga feita à maneira clássica de Rodrigues Lobo do que pròpriamente um auto à maneira vicentina.

Mas é preciso chegar-se ao século XIX para encontrarmos a mais larga floração do lirismo barcelense. A geração romântica representa-se com os talentosos irmãos Malheiros. Eram três, mas versejaram principalmente dois: Alberto Malheiro, o conhecido autor das «Sombras do Vale», íntimo amigo de Guilherme Braga e doutros da roda intelectual de Camilo, no Porto, e António Malheiro, esse ainda completamente desconhecido neste momento como poeta, mas que um livro manuscrito, ostentando o título de «Rêveries» e o sub-título de «Várias Poesias», absolutamente inédito, me deu a possibilidade de o apreciar como um lírico de autêntica feição romântica e um poliglota tão perfeito que se sentiu à vontade para escrever e rimar sentidas poesias em diferentes idiomas, além do seu: em francês, inglês, alemão, espanhol e italiano.

O período seguinte, o do Realismo, deu-nos nada menos do que três poetas: Alfredo de Carvalhais, Jaime de Séguier e António Fogaça. O primeiro,

lisonjeiramente apreciado por Camilo no seu «Cancioneiro Alegre», encontra-se, a bem dizer, inédito, e espera ainda a hora de ser revelado para não ser apenas conhecido por alguns poemas camonianos, entre os quais o poemeto «Beatrice». O segundo, Jaime de Séguier, jornalista e cônsul, além de escritor teatral, foi o lírico parnasiano de «Alegros e Adágios», de bons e correctos versos, em que o espírito e as imagens faiscam brilhantemente. Esse, ao menos, publicou-se, mas a sua vida e a sua obra estão impondo a elaboração duma monografia que eu anseio poder, um dia, escrever. Quanto a António Fogaça, que julgo ser o de maior valia, parnasiano de polpa mas ainda dotado de fino sentimento romântico, confessou-se abertamente nos «Versos da Mocidade» e marcou com o seu lindo livro um momento da poesia portuguesa do século passado, como o fizeram João de Deus, Gonçalves Crespo e António Feijó, ao lado dos quais deve enfileirar por afinidades estéticas de escola e identidade de reacções sentimentais.

Bom contingente de poetas deu, pois, a Barcelos o século XIX, — um século aliás tão prolífico em homens de ciência, em homens de letras e artistas. E é curioso verificar-se que só no curto período que se estende de 1850 a 1863 (uns treze anos), esta terra deu ao País, além dos três poetas citados, um bispo como D. António Barroso, um historiador como Queirós Veloso e um político como José Novais. Não admira. A velha *vila* de Barcelos pode orgulhar-se, e com razão, de ter tido, em todos os tempos, homens de verdadeira eleição, notáveis pelo

espírito, pelo carácter, pela ciência, pela fé e por um constante e indefectível patriotismo.

Da sua plêiade de homens ilustres, um vai ser aqui de modo especial recordado e homenageado, e eu não posso esconder a minha emoção e a minha alegria perante o facto dessa evocação e dessa justa homenagem, tanto mais que sempre me esforcei durante anos por afirmar publicamente o seu valor e exaltar a sua figura, convencido profundamente de que não merecia o esquecimento. Graças à Imprensa e à Rádio, esse vulto não foi esquecido na passagem do centenário do seu aparecimento neste mundo, e graças à inteligência desta Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal será lembrado — e bem lembrado, inquestionavelmente — na sessão que organizou para esta noite. Mas como barcelense, — e certamente estão comigo todos os bons barcelenses —, eu desejaria que a lembrança desse vulto e a comemoração do seu centenário tivessem maior amplitude e projecção, e, neste sentido, eu peço licença para dirigir um apelo ao illustre Presidente do Município para que se faça uma reedição da obra do Poeta hoje preiteado e se inaugure, em breve tempo, um busto ou uma memória artística de António Fogaça num local desta cidade, entre as árvores e as flores da terra que ele muito amou.

Por agora, satisfaz-nos o que se fez e, muito especialmente, a realização desta sessão, que auguro brilhantíssima pelas entidades que nela tomam parte. É uma honra e um grande prazer para nós que tenha vindo a Barcelos, para nos falar do Poeta António

Fogaça, o distintíssimo Escritor José Osório de Oliveira, personalidade de altos e bem comprovados méritos, com uma obra que atesta uma extraordinária actividade intelectual, compreendendo a alta crítica literária, o ensaio, a história das literaturas portuguesa e brasileira, a biografia crítica, a novela, o romance e até traduções das melhores obras de escritores estrangeiros. Conhecendo intimamente o Brasil, onde já residiu, estudou com profundeza a sua literatura e os seus homens de letras, a propósito dos quais são notáveis os seus juízos de crítico esclarecido. Tendo-se também demorado por terras da África portuguesa, sobretudo Cabo Verde e Moçambique, interessou-se pela sua poesia e vida intelectual e fez-nos autênticas revelações acerca da intelectualidade ultramarina e acerca da alma negra. É uma obra cheia de interesse e actualidade a de José Osório de Oliveira, quer no que ela tem de muito significativo para a aproximação das relações culturais luso-espanholas e das relações literárias luso-brasileiras (o que lhe valeu ter sido condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul), quer no que ela representa para o estudo sério e para uma interpretação da Literatura nacional, quer ainda no que nela há de novo e de revelador, com carácter de antecipação, para o conhecimento espiritual da nossa África, — essa África que é o problema candente da grave hora que atravessamos.

Na sua extensa bibliografia, que demonstra iniludivelmente uma operosidade excepcional no campo do espírito e uma devoção às Letras que começou a

manifestar-se na juvenil idade dos dezassete anos, — na sua extensa bibliografia, dizia eu, figuram ainda diversas antologias de contistas e ensaístas brasileiros e de poetas e escritores africanos, bem como estudos sobre individualidades de primeira plana da nossa Literatura: Oliveira Martins, Eça de Queirós, etc. No género biografia, destaco «O Romance de Garret», de tão amena leitura, de tão claro e correcto estilo, com uma tão sábia escolha dos episódios da vida do autor das «Viagens na minha Terra» para a urdidura do livro, que este mais parece uma encantadora obra de ficção, com que, aliás, pretendeu demonstrar o seu entranhado culto pelo genial poeta das «Folhas Caídas». A sua «Visão da Literatura Portuguesa», traduzida em espanhol e em francês, revela, por outro lado, o seu poder de síntese, pois é uma condensação e uma conscienciosa visão de toda a nossa vida literária. E uma «História Breve da Literatura Brasileira» assinala o magnífico conhecimento que tem de toda a produtividade literária da grande nação sul-americana e o amor, deve dizer-se o grande amor, que sempre consagrou a esse maravilhoso Brasil, em cuja cidade de S. Paulo seu Pai foi cônsul. Mas seu pai foi também escritor: foi o distinto jornalista e poeta Paulino de Oliveira. Sua mãe foi igualmente escritora: Ana de Castro Osório, criadora de volumosa e brilhante obra. Ainda escritor é seu irmão, João de Castro Osório, artista subtil do verso e da palavra. Pertence, portanto, a uma ilustre família de literatos e artistas José Osório de Oliveira, que não poderia deixar de ser um escritor medularmente

escritor, e o mais português, porque não só nos fala e escreve do Portugal europeu mas também do Portugal-Brasil e do Portugal africano.

Há, porém, ainda um seu parentesco sanguíneo e espiritual que tem de ser particularmente afirmado aqui: ele é sobrinho do grande Poeta Alberto Osório de Castro, que foi contemporâneo, em Coimbra, e amigo inseparável de António Fogaça, que lhe dedicou nos «Versos da Mocidade» as deliciosas redondilhas da poesia «Igualdades». Quem poderia, por consequência, escolher-se com mais elevada categoria intelectual e com mais simpatia pela personalidade do nosso Poeta do que Osório de Oliveira, cujos dons de conferencista são também muito apreciáveis? Creio bem que não se poderia ter escolhido melhor.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Emocionadamente, vamos ouvir falar, dentro de instantes, do nosso querido Poeta, do burilador dos «Versos da Mocidade», que eu nunca posso ler sem uma íntima comoção e sem que sinta o intenso desejo de abrir os braços da simpatia para lhe dizer, se fosse possível, quanto o sinto e o compreendo nas suas encantadoras «Orações do Amor» ou nos seus perfeitos sonetos. Para mim, os seus versos são uma coisa bela. E «uma coisa bela» é, conforme afirmou o poeta inglês Keats, «uma alegria para sempre»: *A thing of beauty is a joy for ever.*

Sinto ainda que ele cumpriu, apesar da curta vida que viveu, a sua alta missão de poeta, — aquela missão que sintetizou em poucos versos Alfredo de Musset



num magnífico improviso que fez em resposta à pergunta que, um dia, lhe dirigiram: *Qu'est-ce que la Poésie?* O feliz «Impromptu» de Musset quero eu traduzi-lo, — e com ele encerro as minhas palavras —, para o dedicar à memória do Poeta que, hoje, vai receber, e com toda a justiça, as votivas homenagens de todos nós:

*Fixar recordações em verso luminoso  
E o vário, inquieto pensamento;  
Eternizar o sonho dum momento  
Que fulgurou no peito generoso;  
Ter amor à verdade e à beleza  
E a sua harmonia procurar;  
Ouvir ecos do génio no próprio coração;  
Cantar só por cantar, rir ou chorar  
Sem motivo ou um fim, na sua solidão;  
Fazer de uma palavra, um suspiro, um olhar,  
Obra cheia de encanto e subtileza,  
E uma lágrima mudar  
No brilho, na beleza  
De uma pérola do mar:  
— Eis do Poeta a suprema paixão,  
Eis a sua ventura e a sua ambição.»*

## A CONFERÊNCIA DO ESCRITOR OSÓRIO DE OLIVEIRA

Foi dada, depois, a palavra ao ilustre Escritor Osório de Oliveira, que prendeu o auditório com a leitura de uma conferência magnífica, intitulada: «**Um poeta vivo: António Fogaça**». Após ter rendido os seus agradecimentos ao Dr. Miranda de Andrade pelos termos elogiosos com que o apresentou à assistência, o distinto homem de letras entrou imediatamente na matéria do seu brilhante e valioso estudo, o qual é reproduzido, integralmente, a seguir:

«Numa noite de Outubro último, soou o telefone na ilha onde me isolo, findos os quotidianos trabalhos forçados. O homem sincero que é Amândio César — um dos raros escritores que, entre nós, têm o gosto de admirar para além de todas as divergências — transmitia-me o desejo do Presidente da Câmara Municipal desta cidade de que eu pronunciasse uma conferência sobre o poeta António Fogaça, comemorando o septuagésimo quinto aniversário da sua morte prematura.

Fiquei a pensar: Que terra é essa em que o Presidente da Câmara, apoiado, decerto, por muitos

municipes, se preocupa com a celebração da memória de um poeta nascido há cem anos, que deixou um único livro de versos e não foi mais, na vida civil, do que estudante de Leis em Coimbra!? A um barcelense — Miranda de Andrade — sabia eu que se devia um estudo biográfico-crítico do cantor dos «Versos da Mocidade».

Por que razão deveria ser eu a falar de António Fogaça, e não qualquer escritor ligado à sua terra natal? A verdade é que não fiz mais do que parar breves momentos em Barcelos, durante um passeio de automóvel por terras do Minho, e que apenas me ficou a lembrança de uma ponte sobre um rio, a meus olhos melancólico, talvez por o ter visto à luz do entardecer. Homem do Sul, da península entre Tejo e Sado, imperfeitíssimo conhecedor da paisagem minhota, como poderia eu, se à maneira de Taine quisesse atribuir importância ao factor geográfico, analisar sob esse aspecto a poesia de António Fogaça?! Acresce que o que Fogaça não ficou a dever, como determinante da sua sensibilidade, às margens do Cávado, derivou da elegíaca atmosfera de Coimbra, e eu nunca me detive mais do que escassos dias à beira do Mondego. Junte-se às contra-indicações da minha pessoa para esta honrosa tarefa, o facto de, há anos, ter praticamente abandonado a crítica literária.

É certo que os versos de Fogaça têm um valor absoluto, independente da sugestão dos ambientes em que esse moço viveu, quando não da época em que a sua poesia floriu. Mas dizia para comigo:

Fogaça apenas conheceu, do Mundo, duas paisagens que me são estranhas e quase desconhecidas; por outro lado, viveu no meio académico que ignoro e pertenceu a uma geração distante da minha. Se admiro os versos de Fogaça, — dizia ainda —, não há entre o idealista dos fins do século passado e o homem desencantado que eu sou, qualquer daqueles elos sentimentais que fazem de dois seres, alheios um ao outro, pessoas da mesma família.

Mas havia um elo, e dele acabei por me lembrar. Pois não fora meu tio, Alberto Osório de Castro, por mim tão admirado como poeta, um dos companheiros de Fogaça em Coimbra e, sem dúvida, um dos seus maiores amigos? Veio-me à memória a poesia «Luar de Coimbra», das «Exiladas», o primeiro livro de versos desse que se tornaria o moderno poeta do Oriente Português. Escreveu Alberto Osório de Castro essa poesia em Outubro de 1893, na vila de Óbidos, onde começou uma carreira que o levaria a viver durante vinte anos no Ultramar e que só terminou no Supremo Tribunal de Justiça. Tão pouco tempo depois de ter deixado a Universidade, cultivador de nostalgias, pôs-se a evocar Coimbra, mas quis fazê-lo na companhia do amigo morto:

*Ó António Fogaça, anda comigo!  
Levanta-te da cova, vem passear.  
De braço dado anda daí, amigo,  
Vem recordar aquele tempo antigo.  
Olha Coimbra como é linda ao luar!*

.....

*A alma, vês? num dia muda e passa.  
Mesmo o que odiámos, como faz saudade!  
E odiava Coimbra, ó António Fogaça!  
Convosco, agora, o luar da Coureira  
Vê-me passar, sombras da mocidade.*

.....

*Choras, Fogaça? É esquecer, dormir...  
Por que hão-de as almas que aqui foram novas  
A este Penedo da Saudade vir?*

.....

Se, como escreveu Miranda de Andrade, «Poeta, sonhador e boémio, António Fogaça, realizava, para todos, o tipo superior do estudante de Coimbra», quem melhor do que Alberto Osório de Castro terá evocado a sua figura? No primeiro aniversário da morte do companheiro, no periódico «Novo Tempo», que redigia em Mangualde, Alberto Osório de Castro contou um episódio da boémia coimbrã, que retrata o António Fogaça de capa e batina. Passou-se o caso durante uma visita da Tuna estudantil a Aveiro:

«Saímos às duas e meia da manhã. Nós três [«O Fogaça, o Toy e eu, inseparáveis»] partimos a arranjar uma ceia milagrosa, quase impossível, e a alugar um trem, para um passeio até à barra, a ver o mar, o meu querido gigante triste, e o sol nascendo por sobre as ondas glaucas, espúmeas e infinitas.

«A respeito de ceia, temos conversado. Apenas atirámos para a carruagem algum *Porto*.....

«Alguns tunos que passavam cantando por ao pé de nós, tentam dissuadir-nos do passeio. Que era melhor passar o tempo até à *matinée*, em honra dos tunos, pelo meio da rua. Nada, ao mar, ao mar! Fogaça explicava, pausadamente, que comigo ia arranjar a invocação da epopeia das Sardinhas. Necessidade de ver o mar, portanto,

*O mar imenso e profundo,  
O irmão gémeo do Hugo.*

«E partimos. O Toy animou-se então. Cantámos todos, de pé na carruagem descoberta. Uma maravilha a paisagem, não imaginam. Não tínhamos exclamações bastantes. Uma estrada entre lagunas, barcos e velas brancas de um lado, *polders* do outro, a perder de vista montes e montes de sal, pálidos naquela meia luz aquática e opálica da alva!... Quando chegámos ao mar, íamos comovidos, diti-râmbicos, infantis. Beijámos as ondas, demos-lhe o último cálice do *Porto*, fizemos versos que deitámos dentro duma garrafa. O nevoeiro ocultou-nos o sol nascente. A nossa heliolatria protestou.

«Quando voltámos, a estrada ia já animada pelas cachopas do mercado, caminhando ligeiras com seus cestos no braço, lindas quase todas. Maravilhosa raça!»



ASPECTO DA SESSÃO SOLENE NA CÂMARA MUNICIPAL





O livro de Fogaça, «Versos da Mocidade», publicado em 1887, compreende as poesias que escreveu dos vinte anos aos vinte e quatro. As suas duzentas páginas não constituem, apenas, uma promessa, como é, tantas vezes, o caso do livro único dos poetas mortos na juventude. Os amigos e familiares, na sua humana devoção, emprestam, durante anos, uma aparência de vida à obra imatura desses poetas, mas é raro que, além do seu nome, citado aqui e ali, algo do que foram ou do que fizeram sobreviva à geração a que pertenceram.

Escreveu Afonso Lopes Vieira, num dos seus primeiros livros: «Morrer moço é morrer quando se deve». Nada mais falso, pois a morte em plena juventude não faz mais do que rodear de uma efémera auréola romântica de vítima do Destino todo aquele que, na floresta literária, não tenha chegado a criar fronde — débil tronco condenado, não só a jamais reflorir, mas a jazer, para todo o sempre, num cruel mas natural olvido. A morte prematura só não prejudica aqueles poetas que, possuidores de uma excepcional personalidade literária, desde a primeira floração do seu talento ou do seu génio se revelaram, de forma inconfundível, profundamente originais, como foi o caso de Cesário Verde e de António Nobre. Quanto ao segundo, talvez se possa dizer, com alguma crueldade, que foi melhor, para a sua glória, ter morrido com trinta e três anos, pois não revelava, o seu espírito, aquela capacidade

de amadurecimento que torna mais geniais, com a idade, certos poetas.

Não é António Fogaça um olvidado. O facto de ter morrido com vinte e cinco anos não bastou para induzir o jornalista Mayer Garção a incluí-lo entre «Os Esquecidos», como fez com alguns poetas menores e com vários escritores frustrados. Essa galeria de retratos de escritores mortos, justa ou injustamente esquecidos, foi publicada em volume, em 1924, e Mayer Garção devia ter presente o facto de os «Versos da Mocidade» terem sido reeditados em 1903 — o que provava a vitalidade da poesia de António Fogaça.

Não sendo Fogaça um poeta de vincada individualidade, a que poderemos atribuir o facto de a sua poesia se manter viva, mesmo junto de quem considera ultrapassado o seu ideal estético? Devo explicar que, quanto a mim, a circunstância de uma obra não corresponder já ao que, depois do Simbolismo e do Modernismo, entendemos por Poesia, não invalida, forçosamente, o seu valor nem a sua qualidade. Mas para que o Tempo não imprima a uma obra essa desvalorização, necessário se torna que o poeta seja indiscutivelmente singular, tanto na forma como nos sentimentos e nas ideias. Ora individualidades poéticas, literárias ou artísticas, capazes de criar obras não sujeitas à erosão do Tempo, só quase por milagre do génio se encontram entre a gente moça. Ao contrário do que geralmente se pensa, a personalidade, com raríssimas excepções, é uma conquista, e, com vinte e poucos

anos, um homem, mesmo muito dotado, não teve ainda tempo de percorrer todo o caminho que conduz à imparidade.

Continuador de uma tradição poética, sem a inquietação estética dos inovadores, Fogaça versejou como os seus mestres, que foram todos românticos, embora alguns sejam designados, escolarmente, por naturalistas ou por parnasianos. Não existem, que eu saiba, documentos comprovativos das influências que sofreu. As confissões indirectas que são as epígrafes tomadas de outros autores, reduzem-se, no seu livro, a três únicas: uma de Michelet, outra de Junqueiro e outra de Antero. Suponho que Fogaça não era um insaciável leitor, daqueles que, embora possuidores de inspiração própria, sabem que a originalidade deve muito à cultura. Pela análise das suas composições pode-se, sem dúvida, rastrear, não quero dizer os seus modelos, mas as suas preferências, ou melhor: aquilo a que, utilizando uma expressão de Goethe aplicada ao amor, chamarei as suas «afinidades electivas».

Sem que esta verificação represente qualquer intuito de diminuição da autenticidade do estro de Fogaça (pois que ninguém é poeta só pela graça de Deus, mas sempre, mais ou menos, por herança), parece-me indubitável dever a sua poesia boa parte do que foi, em primeiro lugar a João de Deus; logo depois ao Gomes Leal prodigioso das «Claridades do Sul» (por intermédio de quem terá sofrido possíveis sugestões de Beaudelaire). É tão estreito o seu parentesco com o primeiro desses poetas que,

ao reler a poesia «Seis anos» («Silva do coração, Beleza em miniatura!...»), ocorreu-me perguntar se no «Campo de Flores» haverá muitas composições como essa, tão puras na aparência, ou, por artificio, tão inocentes, mas tão palpitantes de erotismo e, portanto, tão representativas da, quanto a mim, mais característica particularidade do lirismo de João de Deus.

Não se conservou António Fogaça impermeável às preocupações filosóficas de Antero de Quental, pela sua geração tido por mestre e por apóstolo. A poesia «À Dúvida» é, de certo modo, um eco das «Odes Modernas». São anterianos — dignos de Antero, poderíamos dizer — os sonetos «Dor e Prazer» e «A primeira noite», do seu livro, e aquele outro, à morte da irmã, não incluído nos «Versos da Mocidade» e revelado por Miranda de Andrade, que merece ser integralmente citado aqui:

*No mundo dos espíritos eleitos  
pelo Senhor, já livres de amargura,  
junto ao trono da aérea formosura,  
onde Alguém colhe os corações, desfeitos;*

*— paraíso sem dor, nem preconceitos,  
sem um traço sequer de névoa escura,  
que ao enviar-nos sua luz de altura  
nos enche de saudade nossos peitos;*

*nesse Templo de amor e claridade,  
de eterna glória e eterna liberdade,  
— róseo mundo que a vida em nada iguala*

*e onde tudo ajoelha aos pés de Deus;  
lá, na esfera a que enfim chamamos — Céus,  
é que todos devemos procurá-la!...*

A grande eloquência de Junqueiro também não deixou o moço poeta indiferente, como se verifica pela mais retórica das suas poesias, «Em defesa». Mais benéfica e, aliás, mais frequente, é, no «Livro segundo» dos «Versos da Mocidade» (tão ingenuamente intitulado «Mágoa e Risos»), a sugestão de Cesário Verde. O «Livro» deste poeta raro foi publicado por Silva Pinto, em edição restrita, no mesmo ano em que saiu o volume de Fogaça, mas desde 1873 que Cesário inseria poesias em jornais e revistas. Como poderia Fogaça, com a sua sensibilidade poética, ficar indiferente ante um tão extraordinário — e tão novo! — poema como «O Sentimento dum Ocidental», incluído numa publicação de 1880, «Portugal a Camões», que o jovem minhoto, já em Coimbra, estudando os preparatórios do Liceu, não teria deixado de ler!? A verdade é que três das composições dos «Versos da Mocidade» — «O fumo», «Tela rústica» e «Inconsciência» — revelam nítidas afinidades com a poesia de Cesário.

Também se vislumbra certa influência do realismo anedótico de Gonçalves Crespo no quadro melodramático em catorze versos que é «Na volta da Pesca». Mas Gonçalves Crespo contribuiu com outro elemento mais importante, se não para a formação poética de António Fogaça, para a génese das suas melhores poesias, que são, no nosso cri-

tério, as «Orações do Amor» — «Livro primeiro» dos «Versos da Mocidade». Lembremo-nos de que os «Nocturnos» incluem a versão de vinte e quatro «Números do Intermezzo», de Henri Heine, e que foi, sem dúvida alguma, o conhecimento (em segunda mão, muito embora) do grande lírico judeu de língua alemã que determinou a eclosão das notáveis «Orações do Amor».

Voltaremos a falar dessa manifestação primacial do talento poético de António Fogaça, mas, não podendo, neste lugar, proceder à análise de todas as peças do volume «Versos da Mocidade», nem sequer me sendo permitido, por falta de tempo, discriminar todas as feições do poeta que aqui celebramos, desejo ainda aludir a uma das suas características mais acentuadas (pelo menos, mais frequentemente expressas). Refiro-me à sensualidade quase obsessiva que se manifesta em oito das suas poesias, por sinal das mais perfeitamente conseguidas: «Cofre natural», «No quarto de Laís», «Estância da Carne», «Visão dum leito», «Às portas de Corinto», «Morte de Volúpia», «Sonhada Esposa» e «Noite de núpcias». Em poesia de língua portuguesa, só talvez em dois brasileiros — Castro Alves e Olavo Bilac — se encontrem tão latejantes expressões de uma concepção voluptuosa do Amor, em contraste com o tema do amor-adoração, veio perene que atravessa a nossa Poesia e que em Fogaça também se manifesta, em duas composições pelo menos: «Madrigal profano» e «A mulher-estátua», não falando das «Orações do Amor». Creio bem

que a breve história amorosa do malgrado jovem foi mais a de um platónico enamorado da ideia do Amor do que a de um ardente cantor de prazeres carnaís. Ele o confessou, num verso revelador: «É que em sonhos sòmente é que desejo!».

É certo que, como à «Saudade» («virgem de tranças pretas»), via todos os sentimentos e as próprias ideias personificados em figuras femininas. Mas não ia além desse simbolismo a corporificação do seu ideal amoroso. É do amor, mais pròpriamente da ideia do Amor, que lhe vem a «Inspiração», como claramente indica no soneto que tem esse título. Mas adora, como confessa em «Eterno Amor», a alma da amada que era ainda, depois de morta, «o sonho, a vida e a glória dos [seus] versos»! Quer em «Esponsais no azul», quer em «Divino Ser», quer em «Enquanto ela dorme», o amor sentido por António Fogaça exprime-se como um ideal, uma aspiração da alma, quase como uma fé, sobreposta à própria crença religiosa: «Ó formosa Visão, por quem eu ponho mais fé que sobre a pedra dos altares»...

\*

Torno a perguntar: A que poderemos atribuir o facto de a poesia de Fogaça se manter viva? As «Orações do Amor» («do Amor» — repare-se bem — e não «de amor») constituem um verdadeiro poema, embora formado por quarenta pequenas composições que valem todas isoladamente como «números»

destacáveis de um original «Intermezzo», muito português pela insistência do queixume, pela persistência da ilusão amorosa e pela ausência daquela judaica ironia que era uma das cordas do Heine. A queixa em que, como português, se comprazia, dita-lhe este gemido:

*Bateram alta noite à minha porta;  
fui abrir; e quem era?... Uma figura,  
de branco, muito aflita, semi-morta,  
e que exclamava cheia de amargura:*

*«Sonhador! Desgraçado!*

*Ela nunca te amou!*

*Ela expulsou-me do seu peito amado!*

*Sou a tua alma, sou!...»*

Nada, nenhuma desilusão ou realidade, destrói o seu enlevo amoroso, que logo a seguir volta a manifestar-se:

*Rosas, Estrelas, Náiades, Luar,  
dizei-me vós o encanto que resume  
este santo lugar  
onde eu sofro uma íntima saudade  
e sinto esta harmonia, este perfume  
e este clarão de tanta snavidade!*

*Respondem-me, a cantar,*

*as Náiades, Luar, Rosas e Estrelas:*

*«É que há pouco passou neste lugar  
essa que é bela e amas entre as belas».*



A influência de Gomes Leal, a que aludi, parece-me evidenciar-se, muito especialmente, nas belas imagens da segunda estrofe da décima-quinta «oração», que descreve «o espectro maldito da Desgraça», «o fantasma da Dor»:

*Traja um manto de noite, extraordinário,  
com estrelas sem brilho, e o seu olhar,  
lúgubremente vário,  
é plúmbeo e triste assim como o luar.*

O lirismo dramático de Gomes Leal reflecte-se na vigésima «oração», sem prejuízo da originalidade da ideia:

*Imaginei que uns vultos, que choravam,  
me arrancaram do peito o coração,  
e num féretro negro mo levavam  
num pequenino e lívido caixão.*

*O cemitério branquejava ao largo  
entre os fumos da aldeia silenciosa,  
caía sobre a terra um pranto amargo  
e desmaiava a rosa...*

*Nisto, a meus olhos, vejo abrir-se o céu  
e tu appareceres... E eu disse então:  
«Vão depressa buscar meu coração,  
que ainda não morren».*

A concepção platónica do Amor poucas vezes terá sido melhor sintetizada do que na segunda estância da «oração» XXXVIII:

*«Deus não se vê, mas sente-se... E então,  
como é Deus para mim essa mulher,  
não preciso de a ver,  
sinto-a no coração».*

Considero essa estância um dos cimos da poesia de António Fogaça. Nela e num verso da «Fantasia nostálgica»: «e Deus só se conhece em quem se adora», vejo resumida a idealidade do romântico por índole, mais do que por ditames de escola literária, que foi o cantor dos «Versos da Mocidade». Esse romantismo é-nos congénito, anterior ao movimento romântico, originário da Alemanha, que, como todas as revoluções estéticas, filosóficas ou políticas, até nós chegou através da França, trazido do exílio pelo Garrett. De folhagem perene entre nós, nunca esse romantismo espontâneo perdeu o verdor na paisagem poética deste elegíaco país — nem quando o intencional romantismo de importação foi substituído por outras modas literárias.

Se quisermos procurar os ancestrais de António Fogaça, iremos encontrá-los nos séculos XVI e XVII, no Camões que falou do «gosto de ser triste» e escreveu estes versos: «Que morrer de puro triste, / Que maior contentamento?», e no Rodrigues Lobo que disse: «se não vivesse triste morreria». Mas bastará a concordância com a nossa mais caracteri-

zada maneira de ser, de sentir e de pensar, razão suficiente para esclarecer o facto de António Fogaça continuar a ser um poeta vivo? Penso haver outro motivo, que é este: Pelo seu destino; pelo título do seu livro; pela consciência, que a escolha desse título revela, de ser apenas um moço; por ter condensado nos «Versos da Mocidade» os ideais permanentes dos jovens de todas as épocas, António Fogaça adquiriu o valor de símbolo da juventude. Ainda hoje, creio bem, poderá ser assim encarado pelos moços, apesar de as novas gerações terem que enfrentar outros problemas além dos sentimentais. Ou estarei enganado, por pertencer, espiritualmente, ao século XIX e me sentir mais próximo de Fogaça do que dos meus contemporâneos? Indo os tempos como vão, quem, por mais que estime o seu espírito, por mais que simpatize com a sua alma, por mais que cultive a sua memória, ousaria, hoje, desafiá-lo:

*Ó António Fogaça, anda comigo!  
Levanta-te da cova, vem passear?»*

Calorosos e prolongados aplausos coroaram as últimas palavras do ilustre Conferencista, que, ainda em homenagem ao poeta evocado com tanta proficiência e saber, não quis deixar de fazer a leitura, além das que constam da sua Conferência, dalgumas das mais belas poesias dos «Versos da Mocidade», uma vez que o anunciado recital de uma dis-

tinta declamadora não pôde ser levado a efeito na noite da Sessão por motivo de força maior, surgido inesperadamente.

## PALAVRAS DO DR. AMÂNDIO CÉSAR

O Dr. Amândio César pediu a palavra para, naquela sessão pública de homenagem a António Fogaça e naquela «Casa do Povo Barcelense», como afirmou, manifestar, mais uma vez, a sua admiração pelo poeta homenageado, um aristocrata do sangue e do sentimento, e declarar a sua alta consideração pelo talento literário de José Osório de Oliveira e pela Senhora Dona Raquel Bastos, distinta artista e esposa do Conferencista, a qual se encontrava presente na sessão. Depois de evocar os seus tempos de Coimbra, em que teve como contemporâneo o Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, actual Presidente do Município de Barcelos, dirigiu um apelo a todos os presentes, a todos os barcelenses, para que todos se unam, a fim de, por subscrição pública, levantar-se um busto de António Fogaça na sua terra natal. Apelou também para o Sr. Presidente da Câmara no sentido de se promover, quanto antes, uma nova edição dos «Versos da Mocidade».

As palavras finais do Dr. Amândio César foram acolhidas por toda a assistência com

entusiásticas palmas, comprovando assim a sua plena concordância com a proposta que aquele escritor apresentara, impulsionado por um elevado sentimento de justiça.

## O ESCRITOR MANUEL DE BOAVENTURA

também fez uso da palavra para se referir a um interessante pormenor relativo à antiga casa dos Fogaças, em Esposende, — o único solar brasonado que havia naquela vila, — e para aludir a antepassados do Poeta, pelo lado materno, que eram dela naturais. Substancialmente, disse o seguinte:

O semanário — «O CÁVADO», de Esposende, de 11 de Março de 1956, sob o título «*Passando a vista por velhos alfarrábios*», e «*Ruas de Esposende em 1830*», dava esta informação:

«...Era pequena a Rua do Craveiro, pois contava apenas sete ou oito fogos. Nela morava o ascendente do Poeta António Fogaça — talvez bisavô — ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS FOGAÇA — «*pessoa da governança*».

Parece que a moradia dos Fogaças ocupava quase todo o quarteirão da actual Rua General Roçadas, que da esquina do Teatro vai dar ao largo de Tomás Miranda — espaço hoje ocupado pelo edifício do Correio (particular) e longa fileira de casas térreas.

Parece que os Fogaças eram originários de Esposende, pois num velho documento do ano de 1792 — «*Praço da Cantinha*», localizado em Vilachã—, há referências a um «António José dos Santos Monte Fogaça, morador na vila de Esposende.»

Este Monte Fogaça era proprietário em Vilachã de certas leiras e campos.

No referido documento o nome é grafado desta maneira: — FUGAÇA.

A casa dos Fogaças era um velho solar, em ruínas, que foi demolido no último quartel do século passado; e, no local, construíram pequenas casas, a par do Teatro-Clube.

Os FOGAÇAS, que moraram na Rua do Craveiro, em Esposende, por alturas de 1792, eram proprietários, como se disse, de várias leiras e campos, em Vilachã.

Do auto de Vedoria do prazo de *Gonçalo Vaz*, datado de 1792, consta:

« — Item 16 — Na Agra do Pumar de Eirigo, onde chamam Rego do Vasco, hum cortelho de lavradio... que possui Ant.<sup>o</sup> J.<sup>e</sup> dos S.tos Monte Fogaça.» (F. 16).

Auto de Vedoria do *Caxal das Diximas*, a f. 25.

«Item 24 — Eirado mais para o sul, a poente da Agra das Ameixieiras, confrontando com... e por aberta (?) com terra do possuidor, e do sul com o caminho da Escadinha que vai para a Igreja... Possui Ant.<sup>o</sup> J.<sup>o</sup> dos S.tos do Monte Fogaça e mulher da villa de Espozende».

Do livro de registo das Ordenanças (1830):  
«Ant.º J. dos S.tos M. Fugaça — nasceu em 26 de Agosto de 1784. Seu filho Luís n. em 12 de 8. de 1804; o filho Miguel n. em 28 de 7. de 1806.»

Do Livro-Rol das milícias concelhias consta que:  
«...Ant.º J. dos S.tos Fugaça tinha, em 1830, 46 anos e morava na Rua do Craveiro. Era pessoa da governança, natural de esta villa. Chefe de Família. Alistado em 26 de Ag. de 1830. Aleijado da mão direita...»

Luís, f.º de 26 anos, alistado em 12 de 8. de 1830 — Alzente no Brazil; Miguel, f.º, Alist. em 28 de 7.º, com 24 anos, alzente no Brazil.»

A comunicação do escritor e investigador Manuel de Boaventura foi muita apreciada pelo auditório, que lhe tributou, no final, uma vibrante salva de palmas.

## ENCERRAMENTO DA SESSÃO SOLENE

Encerrando a sessão, falou, por último, o Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, presidente da Câmara, que se congratulou com o brilhantismo que a cerimónia atingira, graças à contribuição que generosamente lhe deram as personalidades que nela usaram da palavra.

Elogiou de forma especial o notável trabalho do Conferencista, profundamente honroso para Barcelos, pois ficou provado, mais uma vez, o valor do grande

poeta Fogaça, agora pela voz autorizada do mestre de Crítica Literária José Osório de Oliveira. Quanto aos pedidos formulados pelos Drs. Amândio César e Miranda de Andrade, — busto e reedição da obra do Poeta—, a Câmara Municipal gostosamente os acolhia e iria trabalhar para que eles, em breve, se transformassem numa realidade.

Sempre escutado com o maior interesse e atenção, o Sr. Presidente da Câmara terminou o seu brilhante improviso afirmando que lhe era particularmente grato verificar que as comemorações centenárias de António Fogaça tinham demonstrado que o Município soubera considerar devidamente aqueles altos valores do espírito que, enriquecendo a Humanidade, também dignificam e enobrecem a terra que lhes deu origem.

O público distinguiu com grandes aplausos a oração do Presidente do Município e da sessão, a qual revestiu todo o brilhantismo e constituiu uma digna homenagem prestada à memória do «mais vivo» poeta de Barcelos.

## NA IMPRENSA E NA RÁDIO

A passagem do centenário do nascimento do Poeta António Fogaça provocou uma série de actos comemorativos, na Imprensa e na Rádio, que demonstraram claramente o apreço em que é tido o lírico admirável dos «Versos da Mocidade».



Achou-se de todo o ponto útil e justo incluir nesta obra uma resenha de tudo quanto foi publicado na Imprensa diária e periódica ou dito em programas da Radiodifusão, acerca da vida, da figura e da obra do distinto Poeta barcelense, durante o período compreendido entre a data de 11 de Maio do ano findo e o termo das comemorações realizadas em 30 de Novembro também do último ano.

Assim, mencionar-se-ão neste volume os jornais e revistas em que surgiram artigos ou crónicas referentes ao Poeta e ao seu Centenário, os quais, além do interesse dos depoimentos feitos, contêm afirmações, notas, esclarecimentos ou sugestões que não deveriam perder-se ou cair num fácil olvido. Ei-los:

**O Barcelense**, de 11-5-1963 (número comemorativo);

**O Comércio do Porto**, de 11-5-1963;

**O Comércio do Porto**, de 14-5-1963, (artigo de Miranda de Andrade na página de «Cultura e Arte»);

**Jornal de Barcelos**, de 16-5-1963;

**O Primeiro de Janeiro**, de 26-5-1963 (crónica subscrita por A. M.);

**Diário do Norte**, de 1-6-1963 (artigo de Jorge Sampaio na página «Artes e Letras», com versos e foto do Poeta);

**Diário de Notícias**, de 13-6-1963 (artigo de Amândio César na página «Artes e Letras»);

**Renovação** (Lourenço Marques), de 8-8-1963, com artigo de Amândio César, versos e foto do Poeta. na página de «Artes, Letras e Crítica»;

**Panorama**, número de Setembro de 1963, com artigo de Miranda de Andrade, versos e fotografia do Poeta.

Também *O Barcelense* inseriu, no mesmo período de tempo, em diversos números, composições poéticas

de homenagem a António Fogaça, subscritas por A. Marques de Azevedo.

---

Quanto à Rádio, foram levadas a efeito na Emissora Nacional as seguintes homenagens:

Em 22-5-1963, o crítico literário Amândio César leu uma crónica, de sua autoria, sobre o lirismo de António Fogaça;

Em 23-5-1963, quase todo o programa «Horizonte», semanário de letras e artes, foi ocupado com a leitura de trechos do livro «O Poeta António Fogaça», de Miranda de Andrade, e a recitação de vários poemas por Fernando Guedes;

Em 11-7-1963, o programa «Música e Poesia», dirigido por Judite Navarro, foi inteiramente dedicado a Fogaça, tendo sido declamados versos seus pelos artistas Maria de Lurdes Norberto e Eduardo Martinho.

---

A realização, em 30 de Novembro, dos actos comemorativos do Centenário de António Fogaça, promovidos pela Câmara Municipal de Barcelos, teve o seu eco nos diferentes órgãos de informação, que deles fizeram o relato. Não só a Imprensa diária e a local como também a Rádio e a Televisão realizaram uma interessante e expressiva reportagem dos acontecimentos.

III



*Memória*

*a*

*António Fogaça*



Numa hora de evocação e de preito a alguém que soube empunhar brilhantemente a lira portuguesa, justo se afigura reunir aqui um grupo de vozes comovidas que o recordaram emocionadamente na morte ou depois dela, numa expressiva síntese de todas quantas se pronunciaram em condolência geral bem sentida. Eis por que, a seguir, se juntam algumas flores líricas lançadas no túmulo de António Fogaça, bem como outras palavras orvalhadas de saudade dos seus coevos, num gesto bem significativo de que eles próprios sentiram a glória, já de facto existente, do autor dos *Versos da Mocidade*.

Prova disso, e eloquente, é a encantadora poesia, adiante transcrita, de Paulino de Oliveira, que, pela forma mais gentil e delicada, quis homenagear um inspirado poeta, seu contemporâneo, ainda em vida.

João Penha, Trindade Coelho, Joaquim de Araújo, Albertina Paraíso, Alberto Osório de Castro, Júlio Brandão, com as suas belas e magoadas expressões ou gestos homenagemadores, — além dos de Luís Osório e António Nobre, referidos anteriormente neste volume (1) — constituem o coro representativo da consternação que se apoderou das almas de poetas, escritores e jornalistas, perante o aniquilamento de um vate que não podiam deixar de considerar seu irmão nos domínios do Ideal e do Sonho e que simbolizava o espírito da Poesia tocado pela negra asa da fatalidade.

Este Livro é uma homenagem a esse admirado Poeta português. Cremos que ela será mais completa se às palavras dos que o lembraram nas páginas precedentes acrescentarmos as daqueles que foram, em vida, seus pares e seus amigos, sinceros e calorosos admiradores do seu estro brilhante e das delicadezas da sua alma de escol.

---

(1) Pág. 23 e 25.



## COSMOGONIA

*Mal um vate se extingue, eis voa ao céu profundo,  
E logo resplandece em páramos distantes;  
Dum poeta que expirou, renasce um novo mundo;  
Os poetas são os gérmens dos astros radiantes.*

*João Penha*

(Versos publicados pelo jornal *Aurora do Minho*, de Braga, no seu n.º 80, ano 2.º (1888), dedicado à memória de António Fogaça).

## ORAÇÃO DO AMOR

*António, ó meu amigo... De joelhos, sobre a tua sepultura, na mudez eloquentíssima da Mágoa, eu beijo com infinito amor a terra que te envolve...*

*Possam as minhas lágrimas tornar mais suave o teu sonô, lágrimas que eu choro... — de joelhos sobre a tua sepultura...*

*Vivam sobre ela, eternamente, as rosas do meu amor, sempre vivas, fragrantes sempre... — na mudez eloquentíssima da Mágoa...*

*Que eu, de joelhos sobre a tua sepultura, na mudez eloquentíssima da Mágoa... — beijo com infinito amor a terra que te envolve...*

*Trindade Coelho*

(Poema em prosa inserto na *Aurora do Minho*, n.º de homenagem atrás citado).

## NA MORTE DE ANTÓNIO FOGAÇA

### I

*Chovam as lágrimas do céu  
Na triste cova que te encerra!  
Entraste gélido na Terra,  
Em que o teu corpo se escondeu.*

### II

*Além, por entre os pinheirais,  
Passa um murmúrio de piedade:  
As pombas voltam aos pombais,  
Cortando o azul da imensidade.*

### III

*Poetas! Vinde ao vosso irmão  
Dar-lhe a suprema despedida;  
Soltai a prece mais sentida  
Do vosso augusto coração!*

IV

*Rosas de luz, rosas de Abril!  
Que lhes surgíeis pela estrada,  
Cobri a cova abandonada  
Daquele espírito gentil!*

V

*Nossa adorada e pura flor!  
Se uma catástrofe to leva,  
Como contraste àquela treva  
Lança-lhe a luz do teu amor!*

VI

*Aves de canto virginal!  
Velai aquela sepultura  
Da ramaria verde-escura,  
Do religioso ciprestal.*

VII

*Ali, ó trémulas visões,  
Branco fantasmas doloridos!  
Roçai as fimbrias dos vestidos  
Da Lua aos pálidos clarões!*

VIII

*Lírio não há que se não tisne  
Da Morte à luz crepuscular...  
Mas tu morreste como o cisne,  
Que fica exânime a cantar!*

Dezembro, 88.

*Joaquim de Araújo*

(Poesia publicada no *Jornal para todos*, de  
Coimbra, n.º 3, ano 1.º, de 20-7-1889,  
e na revista *O Recreio das Salas*, de  
Ponta Delgada, n.º 7, ano 1.º, 1889).

ANTÔNIO FOGAÇA

*Passaste, como as aves, gorjeando  
A música suavíssima dos ninhos,  
Alma feita de amor e de carinhos,  
Nos espaços translúcidos voando.*

*Quando o sol te beijava a altiva fronte,  
Banhando-te em seu vivo resplendor,  
Morreste, como morre um sonhador,  
De olhos postos no límpido horizonte.*

*As cândidas estrelas religiosas,  
Trêmulamente, sobre o teu jazigo  
Choram na soledade o seu amigo,  
Companheiras das ânsias misteriosas.*

*E aos corações imersos na saudade  
Amortalha-os um lívido luar...  
— É que vemos um túmulo esmagar  
Os teus Versos gentis da mocidade...*

*Albertina Paratso*

(Poesia publicada na *Enciclopédia das Famílias*,  
a pág. 265 do n.º 17, de 1889).

## BELEZA INFANTIL

(*Perante o sonetinho, de António Fogaça,  
intitulado «Seis Anos».*)

*Que graça delicada,  
Natural e tão linda,  
Ela ressuma ainda,  
Criança descuidada!*

*Por todos admirada,  
A sua graça infinda  
É forma que se alinda  
E cresce deslumbrada.*

*Ficamos num enleio...  
Mas vem logo o receio,  
Ao ver que assim avança.*

*Porque a beleza pura  
Pode achar desventura...  
Fosses sempre criança!...*

1887.

*Paulino de Oliveira*

NOTA — Este sonetinho inédito faz parte do livro de Paulino de Oliveira «Dor Gloriosa» (Poemas inéditos ou avulsamente publicados), organizado por seu filho Dr. João de Castro Osório e a editar brevemente, em comemoração do centenário do nascimento do distinto Poeta setubalense.

## LUAR DE COIMBRA

*Ó António Fogaça, anda comigo!  
Levanta-te da cova, vem passear.  
De braço dado anda daí, amigo,  
Vem recordar aquele tempo antigo...  
Olha Coimbra como é linda ao luar!*

*Sob a borla do Pedro, o casario  
É doce e em mármore, doce Campo Santo...  
Ó luar de Coimbra, como um amavio!  
Montes em flor, choupos e claro rio,  
Como dizer vosso pálido encanto?!*

*A alma (vês?) num dia muda e passa.  
Mesmo o que odiámos, como faz saudade!  
E odiava Coimbra, ó António Fogaça!  
Convosco, agora, o luar da Couraça  
Vê-me passar, sombras da mocidade.*



*Soluçam, Coimbra fora, as guitarradas.  
O Santos Melo vai cantar talvez...  
Voltai, voltai, pobres sombras amadas!  
Ó Santa Clara, margens encantadas,  
Lágrimas tristes do amor de Inês!*

*E a cabra toca! Entremos nos Gerais,  
Que às dez da noite vem, pontual, o Chaves.  
— «Fantasmas! Os Decretos, Decretais...» —  
Das covas e empregos como voltais!...  
Como a vida vos fez frouxos e graves!*

*Olhem já murcha a pêra do Garcia!  
O Doutor Sanches, que está transparente!  
Senhores Lentes de Teologia,  
Em que estado vos pôs vossa heresia!  
O Pedro Augusto como olha a gente...*

*Mas o bedel abre as jaulas... Enfim!  
Ó meus Bacharéis, toca a dispersar.  
Vamos à novena, ou pelo Jardim  
Deitar ao vento este pó de latim...  
Vamos, enquanto não fenece o luar.*

*Sobem do Cais, com seu cântaro esguio,  
As tricanas, mais brancas de paixão...  
E brilha ainda seu olhar já frio!  
Ai a prata fina do luar no rio,  
Mai-las fogueiras pelo São João!*

*Choras, Fogaça? É esquecer, dormir...  
Por que devem almas, outrora aqui novas,  
A este Penedo da Saudade vir?  
É de chorar e de morrer de rir,  
Como se é criança por empregos, covas!...*

Óbidos, Outubro de 93.

*Alberto Osório de Castro*

(Do livro de versos «Exiladas», dado  
à publicidade em 1895-pág. 27-29).

NOTA — Neste poema, faz-se referência a alguns lentes de Direito da Universidade de Coimbra, que tinham sido, muito presumivelmente, professores do autor e do seu condiscípulo António Fogaça. Seus nomes completos são os seguintes, pela ordem por que se mencionam no texto:

Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco,  
Manuel de Oliveira Chaves e Castro, Manuel  
Emídio García e José Augusto Sanches da Gama.

ANTÓNIO FOGAÇA  
E AS «ORAÇÕES DO AMOR»

Em 27 de Novembro de 1888 faleceu, em Coimbra, António Fogaça. Era aluno do terceiro ano de Direito. No ano anterior, tinha publicado o seu livro de estreia: *Versos da Mocidade*. O abalo na cidade universitária foi profundo. Bastou ver o préstito enorme, que acompanhou o morto, e a acumulação de lentes, de estudantes, de populares, que encheram a Sé Velha, onde o féretro do Poeta se via afogado em flores e em numerosas coroas de saudade...

Era natural essa emoção augusta. Tratava-se dum poeta que desaparecia no esplendor do talento e em plena mocidade. Compreende-se como seria viva e dolorosa essa vibração dos rapazes, cujo coração não estava ainda empedernido pelas ambições e pelo egoísmo dos homens.

O Poeta foi transladado para Barcelos, sua terra natal, aonde chegou dois dias depois. A recepção

foi aí extraordinariamente condoída. Lembravam-se todos ainda do rapaz bondoso e esbelto, que ali passara os dias, talvez os únicos felizes, da sua adolescência trovadoresca.

Falou junto da sepultura, comovidamente, o seu condiscípulo e amigo, também daquela vila, Joaquim Álvares da Silva. A *Aurora do Cávado* publicou, em Dezembro, um número consagrado a Fogaça, com enorme colaboração de poetas e admiradores. Depois, não vi que fossem prestadas (e já lá vão tantos anos!) outras homenagens, que eram devidas ao Poeta. «*Les morts vont vite*» — diz a balada famosa de Bürger...

\*

\*

\*

Os poetas mais ilustres de Barcelos foram dois: Alfredo Carvalhais, mais velho, e que morreu no Porto, um ano depois de Fogaça, e o autor dos *Versos da Mocidade*. A Carvalhais já me referi. Vinha do ultra-romantismo, sarcástico e doloroso. Passou por todas as vicissitudes da boémia pobre. Alcoolizou-se, increpou a burguesia opípara; crivou de sátiras cruas o amor; fez espiritismo a sério, e jornalismo amargo; foi odiado pela maior parte, temido de muitos, querido somente dos que tinham olhos para ver os lampejos da sua alma, em que havia laivos de Espronceda e o negrume fatal da sua desgraça. Ele próprio se chamou umas vezes Falstaff, outras vezes Job. Num dado momento da sua vida,

teve um grande amor — que lhe tornou a existência ainda mais cruciante. No fundo, Leopardi.

Da sua obra apenas ficaram impressos dois opúsculos, um dos quais camoniano. A restante, a dispersa por jornais e revistas, há muito que está coleccionada pela benemerência dum dos seus admiradores. A sua cidade natal tem-no esquecido. No entanto, é inquestionavelmente um poeta original e notabilíssimo.



António Fogaça não pertencia ao número dos poetas *détraqués*, como Carvalhais. Era simplesmente amável, como testemunham os seus *Versos da Mocidade*, com influências dos parnasianos, poetas que ao tempo emergiam nas letras de Portugal: Gonçalves Crespo, João Penha, e, na fila mais moderna, António Feijó, Luís de Magalhães, Álvaro de Castelões, Conde de Monsaraz, Luís Osório...

No livro de estreia de Fogaça, havia páginas admiráveis, páginas nas formas lapidares do parnasianismo; todavia, a primeira parte do volume foi o que chamou sobre o Poeta a atenção e a admiração crescente dos leitores. As *Orações do Amor* (título da primeira parte do livro) deu a todo o volume uma graça de inspiração pessoal e de uma adorável singeleza, que logo colocaram António Fogaça na plêiade mais ilustre dos poetas do seu tempo.

As *Orações do Amor* eram compostas de pequenas poesias, em ritmos entrelaçados, à sua inspiradora, à mulher amada entre todas — uma espécie de *Intermezzo*, sem a ironia sardónica do grande poeta do *Nocturnos*, do fantasista estranho das *Noites Florentinas*. De todo o poema de António Fogaça evoluía-se um vivo aroma, duma suavidade imperecível. Duas amostras apenas:

*Bateram alta noite à minha porta;  
fui abrir; e quem era?... Uma figura,  
de branco, muito aflita, semimorta,  
e que exclamava cheia de amargura:*

*«Sonhador! Desgraçado!*

*Ela nunca te amou!*

*Ela expulsou-me do seu peito amado.*

*Sou a tua alma, sou!...»*

---

*Eu já fui rei num sonho abençoado;  
todo o mundo era meu;  
e, ao sentar-me no trono constelado  
de mais brilho e mais oiro do que o céu,  
tinha-te sempre ao lado.*

*Mas acordo do sono...  
e vai depois roubaram-me esse trono;  
olho, já nada tinha,  
nem tinha o mundo, nem te via ao lado;  
e eu não chorei o trono constelado,  
chorei só a rainha!*

Em todo o volume e em algumas composições esparsas, vemos poesias com a mesma espontaneidade e o mesmo encanto, que o Poeta poderia, sem grande dificuldade, ter inserido nas *Orações do Amor*, que em todo o volume deslizam deliciosamente, com as mágoas, os sofrimentos lancinantes dos poetas amorosos — para terminarem num livro doce e nupcial.

Transcrevo uma:

*Eu perguntei à minha namorada  
onde é que as minhas cartas escondia,  
sendo ela tanto e tanto vigiada...*

*Deu-me o céu num sorriso de alegria,  
e então, olhando a porta do vizinho,  
e vendo que ninguém aparecia*

*que nos pudesse ver sobre o caminho,  
fitando-me, corou, num vão receio,  
mas, em seguida, disse-me baixinho:*

*«Eu não sei o que sinto quando as leio,  
e para que ninguém mais as possua  
escondendo-as aqui dentro...» E abriu-me o seio...*

*Não é mais doce a palidez da lua!*

A sua geração, como disse, era quase toda parnasiana, amando as formas lapidares e quase frias; mas começavam já a aparecer sintomas claros das

primeiras poesias simbolistas. Em Coimbra, foram amigos e companheiros de Fogaça, António Nobre e Alberto de Oliveira, que depois enfileiraram entre os corifeus mais ilustres da nova escola.

Eugénio de Castro pouco tardaria a romper com o seu clarim estridente dos *Oaristos*. A estes, reuniram depois os seus poemas D. João de Castro, Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro, Oliveira Soares e o autor destas linhas. Porque é bom saber-se que o simbolismo deu entre nós alguns notáveis poetas, e que quase todas as inovações formais, que certos citaredos de agora chamam a si, são oriundas dos artistas de 1890. Os próprios ritmos, as formas do *Verso livre*, em que todos mais ou menos trabalharam, são dessa época, que lá fora deu mestres incomparáveis do *verslibrisme*, como Verhaeren, como às vezes Henrique de Régnier, como Vielé-Griffin...

O Simbolismo, entre nós, como é sabido, também alterou fundamentalmente os ritmos, tornou o alexandrino mais flexível e trouxe, além de formas novas, muitas outras que haviam caído em desuso. Isto quanto a formas. Quanto a estética, essa escola preferiu sempre o vago, as meias-tintas que dão o sonho, o claro-escuro, o tamisado das cousas, o mistério da vida...

«*Pas la couleur, rien que la nuance!*», exclamava Verlaine, depois de abandonar as formas parnasianas.

«*L'école symboliste est une réaction très salutaire contre ce qu'il y avait de trop rigide dans les Parnassiens, et*



*à la fois un prolongement et une transformation très intelligente du romantisme*» — diz um crítico eminente.

O Simbolismo operou uma alteração profunda nos ritmos tradicionais, enriqueceu soberbamente o léxico; aproveitou aliteraões e assonâncias, cujo efeito era desconhecido das velhas poéticas, e, com Verlaine, que não fez *verslibrisme*, mas que foi um grande músico da estrofe, a nova escola triunfou, e honrou as letras de Portugal.

A propósito de António Fogaça, António Nobre escreveu aquelas conhecidas quadras, certamente dialogando com alguma das namoradas do Poeta morto:

— *Andas de luto pesado,  
Alva irmã das cotovias!  
Quem te morreu? — «O meu amado:  
Enterrou-se há oito dias...»*

— *Mas (bem sei que o mundo zomba)  
Negra irmã das violetas!  
Antes te vistas de pomba...  
— Mas também há pombas pretas!...*

Mais tarde, incluiu no *Só*, à memória dos seus queridos companheiros Eduardo Coimbra, António Fogaça e Oliveira Macedo, uma das suas mais belas elegias: «Ca(ro) da(ta) ver(nibus)».

Recordo-me sempre, numa das visitas que fiz a Guerra Junqueiro, que então ainda habitava em Viana do Castelo, da leitura que lhe ouvi — e com que entusiasmo! — de grande parte das *Orações do Amor*.

E não seria essa a máxima consagração que ambicionaria o moço e desventurado Poeta?

*Júlio Brandão*

(Artigo publicado em *O Primeiro de Janeiro*, de 29-2-1944).

ÍNDICE



I

	PÁG.
Razão deste livro . . . . .	7
Vida e Poesia de António Fogaça . .	11

VERSOS DA MOCIDADE

Prelúdio . . . . .	35
--------------------	----

*Livro Primeiro*

ORAÇÕES DO AMOR

I — Ó puríssima e bela . . . . .	39
II — Eu não acreditava . . . . .	39
III — Não sei o que tu pensas . . . . .	40
IV — Eu desgraçado . . . . .	40
V — Bateram alta noite . . . . .	41
VI — Rosas, Estrelas . . . . .	41
VII — Vem a meus braços . . . . .	41
VIII — A deusa da Esperança . . . . .	42
IX — Minh'alma dolorida . . . . .	43
X — Ó rainha, ao falares . . . . .	43
XI — Passei na tua rua . . . . .	43
XII — Era ainda criança . . . . .	44
XIII — Ó rosas da manhã . . . . .	44
XIV — Cuidei que a minha sombra . . . . .	45
XV — Às vezes, se o teu riso . . . . .	45

	Pág.
XXVI — O Serena e Bendita . . . . .	46
XVII — Não me seduzem . . . . .	47
XVIII — Uma nuvem que fugia . . . . .	47
XIX — Naquela tarde . . . . .	47
XX — Imaginei que uns vultos . . . . .	48
XXI — Dizem as conchas . . . . .	48
XXII — Sei que empregas os dias . . . . .	49
XXIII — Se passas junto a mim . . . . .	49
XXIV — Deus mandou-te dos céus . . . . .	50
XXV — Hei-de dar-te um palácio . . . . .	50
XXVI — Junto a meus pés . . . . .	51
XXVII — Eu chamei o meu sonho . . . . .	51
XXVIII — Quando o mundo fantástico . . . . .	51
XXIX — Lírio de Graça . . . . .	52
XXX — Deparei com a morte . . . . .	53
XXXI — Creio no que tu crês . . . . .	53
XXXII — Eu já fui rei . . . . .	54
XXXIII — Sou teu... Tu me embriagas . . . . .	54
XXXIV — Sonhava, mas de súbito . . . . .	54
XXXV — Meu coração, um mar . . . . .	55
XXXVI — Penso às vezes que escuto . . . . .	55
XXXVII — Uma noite na relva . . . . .	56
XXXVIII — Disseste-me que adoras . . . . .	57
XXXIX — Sorriste-me, — não era . . . . .	57
XL — A ti, mulher suave . . . . .	58

*Livro Segundo*

MÁGOA E RISOS

*Primeira Parte*

Em defesa . . . . .	63
O Frade . . . . .	66
Seis anos . . . . .	69
Madrigal profano . . . . .	70
Pepita . . . . .	71
Cofre natural . . . . .	74
A mulher-estátua . . . . .	75

	Pág.
O fumo . . . . .	77
Liras . . . . .	78
No quarto de Laís . . . . .	80
Nova Pandora . . . . .	82
Artística . . . . .	84
Estância da carne . . . . .	86
Spleen . . . . .	87
Visão dum leito . . . . .	88
À Dúvida . . . . .	90
Fantasia nostálgica . . . . .	92
Contraste amoroso . . . . .	95
Às portas de Corinto . . . . .	96
Para a guitarra . . . . .	98
Cor de rosa . . . . .	104
Ignorando . . . . .	105
Da «última carta» . . . . .	107
Conselho amigo . . . . .	109
Morte de Volúpia . . . . .	111
O novo Visconde . . . . .	112
A uma Andalusia . . . . .	121
Ária do luto . . . . .	123
Igualdades . . . . .	127
Eterno amor . . . . .	129

*Segunda Parte*

Dor e Prazer . . . . .	133
Esponsais no azul . . . . .	134
A gaivota . . . . .	135
Divino Ser . . . . .	136
A primeira noite . . . . .	137
Dentro do templo . . . . .	138
Opticismo . . . . .	139
Tela rústica . . . . .	140
A Paixão . . . . .	141
Enquanto ela dorme . . . . .	142
Sob a magnólia . . . . .	143
Doida . . . . .	144
Ideal sombrio . . . . .	145

	Pag.
A Saudade . . . . .	146
Sonhada Esposa . . . . .	147
Na volta da pesca . . . . .	148
Noite de núpcias . . . . .	149
Inconsciência . . . . .	150
Longe da terra . . . . .	151
A Inspiração . . . . .	152
Suavíssima . . . . .	153
Ilusão constante . . . . .	154
Romanticismo . . . . .	155
Os Rouxinóis . . . . .	156
Sonho de mármore . . . . .	157
O Amor e o Ódio . . . . .	158
Desgostosa . . . . .	159
A minha Alma e o Inverno . . . . .	160
Carnaval . . . . .	161
Indiferente . . . . .	162

#### POESIAS DISPERSAS

Sensitivas . . . . .	167
Versos Perdidos ( <i>Visão do meu amor</i> ) . . . . .	173
Flores íntimas . . . . .	175
Versos Perdidos ( <i>A Virgínia</i> ) . . . . .	177
Feras Antigas ( <i>Nero</i> ) . . . . .	179
Versos Perdidos ( <i>A Loira</i> ) . . . . .	180
Versos Perdidos ( <i>Morena, a luz desses olhos</i> ) . . . . .	181
Versos Perdidos ( <i>Teu vulto, quero vê-lo</i> ) . . . . .	183
A uma aristocrata . . . . .	185
Tela viva . . . . .	187
Madrigal . . . . .	188
Perfis Gelados	
I — Alberto Malheiro . . . . .	189
II — Gonçalves Crespo . . . . .	190
Flor morta . . . . .	191
Sonhando . . . . .	192
Saudades . . . . .	193
Aventureira . . . . .	195
Quadro na sombra . . . . .	198



	PÁG
Boceta de Pandora . . . . .	199
Sombreados . . . . .	201
Vox animae . . . . .	203
Animi fluctuatio . . . . .	204
Forma grega . . . . .	207
Flores íntimas . . . . .	208
Pelo azul . . . . .	209
Mágoa traída . . . . .	210
Dois cadáveres . . . . .	211
Requerimento . . . . .	215
Eu amo as folhas singelas . . . . .	217
Na campa de minha irmã . . . . .	218

## OUTROS POEMAS

À Tuna Compostelana . . . . .	221
Intermezzo . . . . .	224
Num álbum . . . . .	225
Deusa . . . . .	227
O primeiro abraço . . . . .	228
A Mãe . . . . .	230
Na concha de Vénus . . . . .	232

---

A Dália (conto) . . . . .	237
---------------------------	-----

## II

### AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

As Comemorações do Centenário . . . . .	247
Na casa onde nasceu o Poeta . . . . .	248
Discurso de Amândio César . . . . .	252
No Salão Nobre dos Paços do Concelho . . . . .	257
Discurso de Miranda de Andrade . . . . .	259
Conferência de Osório de Oliveira . . . . .	268

	Pág.
Comunicação de Manuel Boaventura . . . . .	285
Encerramento da Sessão Solene . . . . .	287
Na Imprensa e na Rádio . . . . .	288

### III

#### MEMÓRIA A ANTÓNIO FOGAÇA

Cosmogonia (João Penha) . . . . .	297
Oração do amor (Trindade Coelho) . . . . .	298
Na morte de António Fogaça (Joaquim de Araújo)	299
António Fogaça (Albertina Paraíso) . . . . .	302
Beleza Infantil (Paulino de Oliveira) . . . . .	303
Luar de Coimbra (Alberto Osório de Castro) . . .	304
António Fogaça e as «Orações do Amor» (Júlio Brandão) . . . . .	307

#### GRAVURAS

O Poeta António Fogaça . . . . .	32-33
A casa em que nasceu o Poeta . . . . .	80-81
Fotocópia de um inédito de António Fogaça . . .	128-129
Fac-símile do soneto <i>Na campa de minha irmã</i> . .	160-161
Reprodução fac-similada do poema em prosa «A Mãe» . . . . .	238-239
Inauguração da lápide . . . . .	256-257
Um aspecto da sessão solene na Câmara Municipal	272-273

### CORRIGENDA

A pág. 25 (linha 30), leia-se:

— *Mas também há pombas pretas!...*

A pág. 145, leia-se o 4.º verso:

*todo este amor a lágrimas condeno.*

A pág. 299, leia-se o último verso:

*Do vosso ardente coração.*

A página 300, leia-se o 2.º verso:

*Que lhe surgieis pela estrada,*

Na mesma página, leia-se o 5.º verso:

*Noiva adorada e pura flor!*



Capa de  
*Adélio Marinho*

biblioteca  
municipal  
barcelos



26807

Verbor da mocidade e poesia  
disperdas